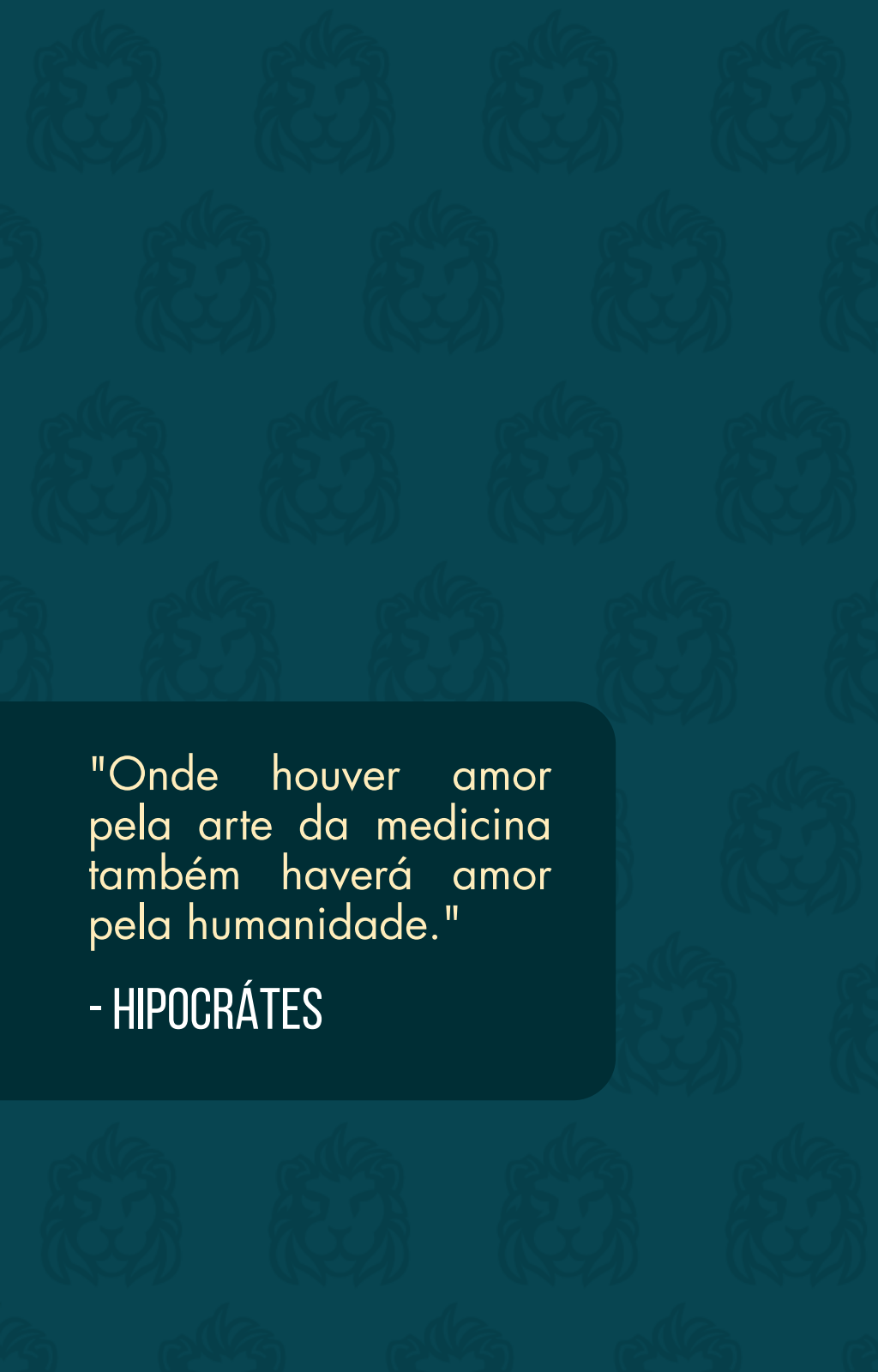




CARTILHA 2025/2

TURMA 170 - MEDICINA UFMG

The background of the entire image is a repeating pattern of stylized lion heads. The heads are rendered in a light teal color against a darker teal background. They are arranged in a grid-like fashion, with each head facing forward and slightly to the right.

"Onde houver amor
pela arte da medicina
também haverá amor
pela humanidade."

- HIPOCRÁTES



SUMÁRIO

Recado aos nossos futuros calourinhos.....	5
Conheça nossa amada UFMG.....	6
História.....	6
O curso de medicina.....	7
Política de assistência e permanência estudantil.....	8
Conheça a FUMP.....	9
Alimentação e moradia universitária.....	10
Auxílios Financeiros.....	11
Depoimentos sobre a FUMP.....	12
Ligas e Representação estudantil.....	13
Representação Estudantil (DAAB).....	14
Ligas acadêmicas.....	15
Grupos estudantis.....	16
A vida em “Beagá”.....	21
Pontos turísticos.....	23
Gastronomia.....	26
Belo horizonte no geral.....	27
Campus Saúde e Campus Pampulha.....	28
Onde morar em BH.....	30
Custo de vida.....	31
Depoimento sobre morar em BH.....	32
Entendendo o SisU.....	33
O que é o SISU?.....	34
Como funciona?.....	34
Novidades do SISU 2026.....	35
Lei de Cotas.....	35
Banca de heteroidentificação e banca de verificação e validação PCD.....	38
Depoimentos sobre as bancas.....	39
Devo arriscar na lista de espera?.....	46
Rede de ajuda para a lista de espera.....	47





SUMÁRIO

Notas e desempenhos.....	48
Nota de corte por dia.....	49
Evolução da lista de espera.....	50
O “último” convocado.....	62
Evolução da nota de corte.....	63
Notas por acertos.....	65
Desempenhos individuais.....	69
Médias da turma.....	75
Métricas da turma.....	77
Evolução de notas de candidatos individuais.....	89
Raio-X dos aprovados.....	95
Introdução.....	96
O mapa da 170.....	97
Perfil geral dos aprovados.....	98
Redações e espelhos.....	106
Depoimentos gerais.....	158
Agradecimentos.....	167
Rede de ajuda.....	168
Coordenação geral.....	170

Esta cartilha foi inteiramente pensada e produzida por voluntários da turma 170, não possuindo, portanto, qualquer vínculo institucional com a Faculdade de Medicina da UFMG.





AOS NOSSOS FUTUROS calourinhos e calourinhas...



É com muita alegria que nós, da 170ª turma de medicina da UFMG, te damos as boas-vindas à nossa cartilha! Ela foi construída e pensada nos mínimos detalhes pra te auxiliar ao máximo nessa jornada rumo ao ensino superior.

Aqui buscamos compilar todas as informações que julgamos ser essenciais nesse período de vestibular/sisu e desejamos, por meio desta, tornar o seu processo mais leve, transmitindo tudo com clareza e afeto.

Queremos também te dar as boas-vindas à nossa tão amada universidade: UFMG! Será um prazer enorme te ter com a gente ano que vem. Saiba que a faculdade é um espaço amplo e diverso, ocupado por pessoas de diferentes faixas etárias, etnias, condições sociais e afins e que o seu espaço te aguarda!

Nossa maior missão com esta cartilha é democratizar o acesso ao ensino superior e acalmar o seu coração, saiba que: você não está velho demais, fazer cursinho não é demérito e ficar na lista de espera não é o fim (a gente que o diga, a turma mais esperada da UFMG)!

Abraços, da turma 170!

NOSSA ufmg AMADA

Uma história centenária de protagonismo

A Faculdade de Medicina de Belo Horizonte foi fundada em 1911, sendo uma das primeiras escolas médicas do país e anterior à própria criação da universidade. Em 1927, surge a Universidade de Minas Gerais (UMG), que reunia faculdades já existentes, como a Faculdade de Medicina, uma das mais antigas e emblemáticas da instituição. Em 1949, a universidade foi federalizada, passando a se chamar Universidade Federal de Minas Gerais e, em 1951, o ensino passa a ser gratuito — um marco fundamental na democratização do acesso ao ensino superior. Desde então, o curso de Medicina consolidou-se como referência no ensino médico brasileiro, acompanhando as transformações científicas, sociais e sanitárias do país, sempre alinhado às necessidades da população e à evolução do SUS.



Palacete Thibau, primeira sede da Faculdade de Medicina, 1911.



Inauguração do busto do médico Cícero Ferreira, 1921.



Prédio da Faculdade de Medicina da UFMG, 1960.



Faculdade de Medicina da UFMG, Campus Saúde, dias atuais.

O curso de medicina da UFMG

A UFMG se destaca entre as faculdades de Medicina do país por uma combinação única de tradição, inovação e impacto social. Um de seus principais diferenciais é a forte integração entre ensino, pesquisa e extensão, permitindo que o estudante tenha contato precoce com a prática médica e com a realidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

O Complexo Hospitalar da UFMG, especialmente o Hospital das Clínicas, é referência em média e alta complexidade, oferecendo aos alunos vivência prática em diversas especialidades, com supervisão de professores altamente qualificados e reconhecidos nacional e internacionalmente.

Outro ponto de destaque é o pioneirismo científico. Um episódio emblemático foi a visita da cientista Marie Curie, vencedora de dois Prêmios Nobel, em 1926, quando ministrou palestras na instituição sobre o uso da radioatividade em tratamentos médicos. A visita simboliza o reconhecimento internacional do papel da Medicina da UFMG na inovação científica e tecnológica. Há também forte incentivo à pesquisa científica, com ampla oferta de projetos de iniciação científica, ligas acadêmicas, grupos de estudo e programas de pós-graduação de excelência. Essa estrutura possibilita que o estudante desenvolva pensamento crítico, base científica sólida e interesse pela produção de conhecimento.

Além disso, a UFMG valoriza uma formação médica humanizada, comprometida com a ética, a responsabilidade social e o cuidado integral ao paciente. A diversidade de cenários de prática (ambulatoriais, hospitalares, centros de saúde e comunidades) contribui para a formação de médicos preparados para diferentes realidades e contextos.

Por fim, estudar Medicina na UFMG significa fazer parte de uma instituição pública, gratuita e socialmente comprometida, que alia tradição centenária à constante busca por inovação, formando profissionais capazes de transformar a saúde e a sociedade.



"UFMG tem o melhor curso de Medicina entre universidades federais"

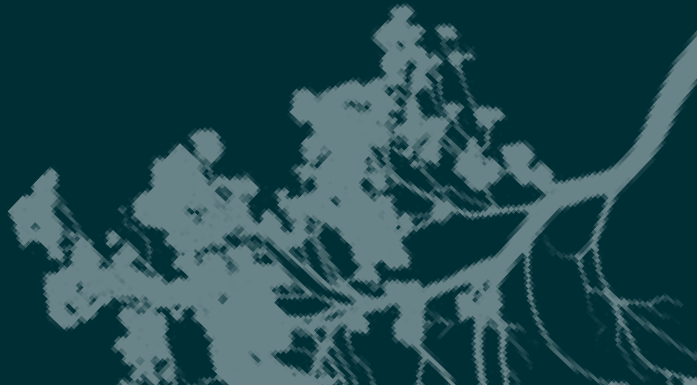
14/11/2025 às 03:05 • [Itatiaia](#)



POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

*"A universidade só cumpre seu papel
quando inclui, sustenta e forma."*

Darcy Ribeiro



CONHEÇA A FUMP!

A **Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP)** é uma instituição pública de direito privado, sem fins lucrativos, que tem por objetivo executar a **Política de Assistência e Permanência Estudantil** da UFMG em seus princípios, eixos estruturantes, programas e ações. Tem como público-alvo **estudantes da UFMG**, prioritariamente, em situação de **vulnerabilidade** econômica, risco social e cultural. A FUMP desenvolve Programas de Assistência Estudantil que visam facilitar o acesso à alimentação, saúde, moradia, transporte, aquisição de material escolar e outros projetos que auxiliam os estudantes a ter um bom desempenho acadêmico, **reduzindo a evasão** na Universidade.

A FUMP oferece programas de auxílio à manutenção para seus estudantes, os quais são distribuídos em quatro níveis **I, II, III, IV-A e IV-B**, definidos com base na renda familiar, após o preenchimento do Questionário Socioeconômico disponibilizado no site da FUMP e podem ser acessados após a confirmação de matrícula.



DICA: preencham o questionário socioeconômico assim que a sua matrícula for confirmada, para que sejam nivelados o quanto antes e tenham acesso aos benefícios!!





PROGRAMA MORADIA UNIVERSITÁRIA

Os(as) estudantes classificados(as) nos níveis I a III e que não residem na sede do curso (Belo Horizonte) podem se inscrever no Programa de Moradia Universitária e agendar uma entrevista com um(a) assistente social da FUMP. As inscrições têm validade semestral; portanto, caso o(a) estudante se inscreva em um semestre e não seja contemplado(a) com vaga, deverá realizar nova inscrição no semestre seguinte, se ainda houver interesse.

Por se tratar de um programa **altamente concorrido**, existe uma ordem de **prioridade**, na qual estudantes em **maior vulnerabilidade socioeconômica e oriundos de outros estados têm preferência**. Enquanto aguardam o preenchimento da vaga, pode ser concedida uma Bolsa Moradia no valor de **R\$ 500,00**.

ALIMENTAÇÃO

A UFMG conta com cinco Restaurantes Universitários (RUs), distribuídos da seguinte forma: dois no Campus Pampulha, um no Campus Saúde, um no prédio da Faculdade de Direito e um no campus de Montes Claros. Na qual ofertam café da manhã gratuito, para os níveis I a III, almoço e janta.

Até o exato momento os valores das refeições são:

- Estudantes posicionados no nível I - Gratuito
- Estudantes posicionados no nível II e III - \$1,00
- Estudantes posicionados no nível IV-A - \$2,00
- Estudantes posicionados no nível IV-B - \$2,90
- Estudantes matriculados e não nivelados - \$5,60
- Visitantes - \$17,50

SUORTE À SAÚDE

A Atenção à Saúde é realizada em parceria com o SUS, com o objetivo de fortalecer os serviços de atenção básica destinados aos estudantes. São oferecidos, de forma gratuita e presencial, atendimentos médicos, odontológicos e psicológicos aos(às) estudantes classificados(as) nos níveis I a III.



AUXÍLIOS FINANCEIROS

Auxílio a Estudantes com Filhos(as)

Destinado aos(às) estudantes de graduação classificados(as) nos níveis I a III que possuam filho(s) com idade entre 0 e 5 anos e 11 meses nos valores de R\$ 200,00 ou R\$ 400,00, conforme avaliação socioeconômica.

Auxílio Manutenção

Valores:

- Nível I: R\$ 400,00 (integral) ou R\$ 240,00 (parcial);
- Níveis II e III: R\$ 300,00 (integral) ou R\$ 180,00 (parcial).

Auxílio Moradia Maternidade

Esse auxílio tem como objetivo garantir a permanência de mães com filhos(as) nas Moradias Universitárias, considerando que o programa ainda não está plenamente estruturado para acolher crianças e bebês.

- O valor do suporte é de R\$ 800,00 mensais.

Auxílio Óculos

- pode ser concedido uma vez por ano, com valor de orçamento até R\$ 250,00.

Auxílio Permanência para Estudantes Indígenas e Quilombolas

Destinado aos(às) estudantes indígenas e quilombolas de graduação da UFMG, que não tenham sido contemplados(as) pelo Programa Bolsa Permanência (PBP) do MEC ou que aguardem a reabertura de novas inscrições, conforme disponibilidade orçamentária.

- O valor do suporte é de R\$ 900,00 mensais.

Auxílio Transporte

- Belo Horizonte e região metropolitana: R\$ 185,00 mensais;
- Montes Claros: R\$ 165,00 mensais.



DICA: Durante a entrevista com o(a) assistente social da FUMP conte todas as suas dificuldades de permanência no curso e na cidade, seu contexto social, as condições da sua família, tudo isso influencia na permanência do estudante e podem influenciar no seu nivelamento!!

Depoimentos sobre a fump

Carlos da Silva @wiramiri

Querido futuro calouro,

Meu nome é Carlos da Silva, sou de Ribeirão Pires (SP), fumpista e morador da Moradia Universitária da UFMG. Se, assim como eu, você for de outro estado e sonhar em estudar Medicina em uma universidade de qualidade, mas sua família não tiver condições financeiras, te digo: é possível.

A Fundação Mendes Pimentel (FUMP) é o órgão da UFMG responsável pela assistência estudantil. É ela quem faz a gestão dos auxílios, das bolsas e das vagas nas moradias. Logo após a matrícula, é liberado um questionário socioeconômico no site da FUMP (sinae.fump.ufmg.br). Após o preenchimento, inicia-se o seu estudo socioeconômico, que definirá um nível inicial (explicamos melhor sobre esses níveis na parte de "Assistência Estudantil" desta cartilha). Esse nível inicial já te permite, por exemplo, o acesso ao desconto ou isenção no Restaurante Universitário (o famoso RU para os mais íntimos! rs).

Depois disso, a FUMP agenda (via e-mail ou telefone) uma reunião com uma assistente social. É uma conversa tranquila sobre os documentos enviados e sua situação em Belo Horizonte. Nessa etapa, seu nível socioeconômico pode ser reajustado.

O processo de nivelamento pode ser demorado. No meu caso, levou cerca de um mês, mas houve colegas que esperaram até dois meses e meio. Por isso, se puder, deixe toda documentação que a FUMP pede já separada após o registro acadêmico e faça uma reserva econômica para os primeiros meses em BH. No meu caso, como a turma 170 entrou no meio do ano, aproveitei o primeiro semestre de 2025 para trabalhar e juntar esse dinheiro.

Na turma 170, os auxílios e a vaga na moradia demoraram cerca de três meses após o início das aulas para serem liberados. Enfim, do meu ponto de vista e comparando com outras universidades, a assistência estudantil da UFMG é boa! Apesar dos seus defeitos, possibilitou que mesmo com impossibilidades financeiras de bancar o estudo em outro estado, eu pudesse fazê-lo.

Te espero na maior de Minas!

Abraços, Carlos.

Kalina Ghiulia @kalinaghiulia

Oieeee futuros calourinhos,

Meu nome é Kalina, mas podem me chamar de Kali, e eu saí de bem longe pra ir pra BH, mais precisamente de São Luís, Maranhão. Sempre foi meu sonho estudar na UFMG e, se esse é seu sonho também, te digo que é super possível! Porém, é sempre bom termos em mente os processos que nos aguardam, principalmente em relação à assistência estudantil, infelizmente a FUMP ainda não nos fornece um acesso claro aos critérios exatos para nivelamento e acesso a auxílios. No meu caso, fui nivelada como nível III e tive um pouco de dificuldades com as documentações (às vezes é um pouco moroso, mas dá tudo certo no final), não consegui acesso aos auxílios, apenas ao desconto no restaurante universitário (tenho direito a café da manhã e pago apenas 1 real nas outras refeições - isso já ajuda bastante), mas apesar disso o processo como um todo não foi nada moroso!

O meu maior conselho para vocês em relação a FUMP é: acompanhem o processo de perto, verifiquem sempre, em casos de demoras entrem em contato, seja por e-mail ou whatsapp, e deem entrada no processo o quanto antes. Além disso, sempre corram atrás do direito de vocês!

Acho que isso é tudo, desejo boa sorte a todos vocês e espero que dê tudo certo.

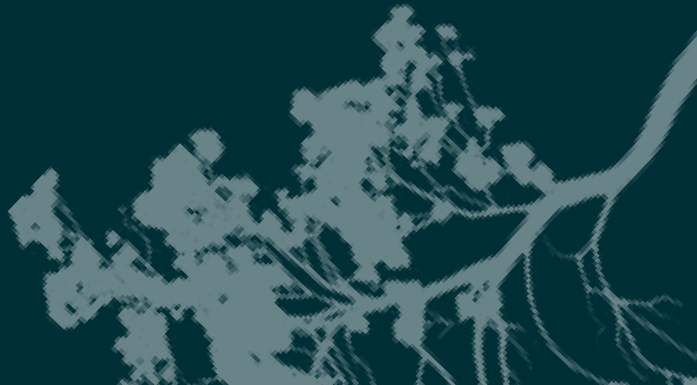
Bem-vindos à melhor Faculdade de Medicina do Brasil calourinhooooosss, beijos da Kali!



LIGAS E REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL

"A garantia da representação estudantil nos Conselhos Superiores significa mais democracia, mais voz e mais força para os estudantes."

Vitória da representação discente (Ufal/Consuni).



REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL

DIRETÓRIO ACADEMICO ALFREDO BALENA (DAAB)

"Sede do pensamento inquieto"

O DAAB (Diretório Acadêmico Alfredo Balena) é o principal núcleo discente responsável pela representação estudantil dos alunos de medicina da UFMG, atuando dentro e fora da universidade para garantir uma educação pública, gratuita, de qualidade, universal, integral e em defesa do SUS. O DA é um espaço aberto para todos que queiram participar dessa construção coletiva. Também, organiza atividades de integração e cultura, como o Workshop Medicina, as Banquinhas da Saúde, Vinhadas e a Semana de Recepção de Calouros, visando sempre agregar uma formação humana e diversa aos alunos, enquanto promove momentos de lazer e entretenimento acessíveis e respeitosos. Externamente à faculdade, o Diretório se mantém em luta e diálogo com a sociedade, agindo para buscar a garantia de políticas de equidade, a mitigação das desigualdades sociais, a defesa da educação e saúde pública, a permanência estudantil e o combate a toda forma de violência e opressão. Além disso, é responsável por produção e venda de produtos e por manter a sede física em bom estado, um espaço aberto para descanso dos usuários da região hospitalar e para a confraternização e pertencimento dos estudantes. Historicamente, o Movimento Estudantil da Medicina UFMG é marcado pela luta contra a ditadura militar, a desinformação, os cortes educacionais e o sucateamento do SUS.

O DAAB espera vocês de braços abertos!



@daab.ufmg



LIGAS ACADÊMICAS

As Ligas Acadêmicas são organizações estudantis que buscam o aprofundamento do conhecimento em áreas específicas da medicina, por meio da realização de cursos, palestras, atividades práticas e teóricas. Até o presente momento existem 37 Ligas Acadêmicas no curso de Medicina da UFMG, sendo elas:

- Imunologia Médica (Imunoliga)
- Bioética (L.A.B)
- Anatomia Patológica (LAAP)
- Cirurgia Plástica (LACIP)
- Clínica Médica (LAClínica)
- Diabetes (LAD)
- Doenças Infecciosas e Parasitárias (LADIP)
- Doenças Congênitas e Genéticas (LADOC)
- Drogas de Abuso (LADrogA)
- Endocrinologia e Metabolologia (LAEM)
- Feridas (LAF)
- Genética Médica (LaGene)
- Geriatria e Gerontologia (LAGG)
- Gestão e Inovação em Saúde (LAGIS)
- Humanidades Médicas (LAHUM)
- Medicina do Estilo de Vida (Lamev)
- Medicina de Família e Comunidade (LAMFAC)
- Neonatologia e Aleitamento Materno (LANA)
- Anatomia Clínica e Cirúrgica (LANAC)
- Anestesiologia (LANE-BH)
- Neuropsiquiatria no Adulto (LANPSA)
- Oftalmologia e Otorrinolaringologia (LAOOR)
- Pediatria (LAPED)
- Práticas Integrativas e Interdisciplinares na Saúde (LAPIIS)
- Psicopatologia e Psicanálise Aplicada (LAPPA)
- Sexologia (LASEX)
- Saúde da População Negra (LASPON)
- Simulação em Saúde (LASS)
- Trauma (LAT-MG)
- Cirurgia Cardiorádica (LCCT)
- Mulheres na Cirurgia (LIAMC)
- Pesquisa Científica (LIAPEC)
- Saúde Coletiva (LIASC)
- Diagnóstico por Imagem (LIDI)
- Nefrologia (Nefroliga)
- Neuroanatomia, Neurologia e Neurocirurgia (NEUROLIGA)
- Reumatologia (Reumatoliga)

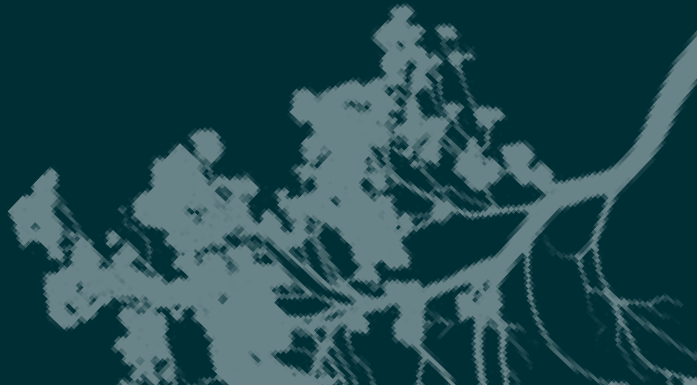




| GRUPOS ESTUDANTIS

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo."

Paulo Freire



GRUPOS estudantis

Aqui a tradição
encontra o nosso
acolhimento!

SHOW MEDICINA

📷 @showmedicinaufmg

O Show Medicina é uma das tradições mais marcantes da Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Criado por estudantes, o Show nasceu como um espaço de expressão artística, crítica e humor inteligente, transformando a vivência acadêmica em palco, riso e memória coletiva. Somos também o grupo teatral amador mais antigo do país, fundado em 1954!

Mais do que um espetáculo, o Show Medicina é um projeto construído ao longo do ano, que envolve roteiro, atuação, música, produção, cenografia e organização. Quem participa assume responsabilidades, cria personagens, constrói cenas e aprende a trabalhar em grupo, mantendo viva uma tradição passada de turma em turma.

O Show marca gerações: é onde histórias da faculdade viram cena, a rotina pesada vira riso e os vínculos entre alunos se fortalecem. Participar do Show é ganhar protagonismo, voz e um lugar na história da Medicina UFMG.

Se você é calouro(a) e quer viver a faculdade para além das salas de aula, se expressar, criar, rir e construir algo que fica, o Show Medicina é pra você.

Aqui, cada edição é única — e a próxima pode ter você no palco.



SHOW
MEDICINA

TOTÓ

📷 @toto_medufmg

Muito além de um jogo, o Totó da Medicina é ponto de encontro, respiro na rotina intensa e cenário de amizades que atravessam períodos, turmas e gerações.

Entre uma aula e outra, antes ou depois das provas, o totó vira palco de disputas acirradas, risadas, provocações saudáveis e integração entre calouros e veteranos. É ali que muitos laços se criam, histórias nascem e a faculdade ganha um ritmo mais leve e humano.

O Totó da Medicina representa o espírito coletivo do curso: competitividade na medida certa, convivência, descontração e pertencimento. Participar desse espaço é fazer parte do cotidiano real da Medicina UFMG — aquele que não está nos livros, mas fica para sempre na memória.

Além disso, somos campeões de diversas competições, como Intermed Minas, Inter UFMG e Deu BHI! Para além das competições formais, marcamos presença também na semana de recepção de calouros, com a famosa totolouradaaaa. Então, se você é calouro(a), chega junto e, se não souber jogar, pode ficar tranquilo que nós te ensinamos, com muito treino e dedicação!

Uma partida pode ser só um jogo — ou o começo de grandes histórias.



TOTÓ DA
MEDICINA
UFMG

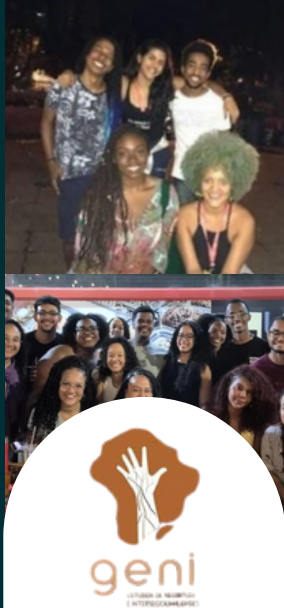
GENI @geni.ufmg

O GENI (Grupo de Estudos de Negritude e Interseccionalidades) nasceu em 2018 e é um espaço de reflexão, acolhimento e construção coletiva dentro da Universidade Federal de Minas Gerais. Criado a partir da necessidade de discutir raça, identidade, desigualdades e interseccionalidades no ambiente universitário, o GENI se consolidou como um grupo fundamental de formação crítica e apoio entre estudantes.

Por meio de encontros, debates, leituras e trocas de vivências, o GENI promove conhecimento, escuta ativa e fortalecimento de vínculos, contribuindo para uma universidade mais diversa, consciente e inclusiva. É um espaço onde experiências individuais se transformam em aprendizado coletivo e onde a vivência negra é colocada no centro do debate acadêmico e social.

Se você é calouro(a) ou veterano(a) e busca um espaço de diálogo, pertencimento e construção de consciência crítica, o GENI está de portas abertas.

Aqui, estudar também é resistir, compartilhar e transformar!

**COLAR** @colarufmg

O COLAR (Coletivo LGBTQ+ de Acolhimento e Resistência) é um espaço de apoio, escuta e fortalecimento dentro da Universidade Federal de Minas Gerais. Criado por estudantes a partir da necessidade de pertencimento e cuidado, o COLAR se consolidou como um coletivo fundamental para a vivência LGBTQ+ no ambiente universitário.

Mais do que um grupo, o COLAR atua como rede de acolhimento, promovendo encontros, rodas de conversa, ações educativas e espaços seguros onde identidades podem existir com respeito, afeto e liberdade. O coletivo também cumpre um papel importante de resistência, visibilidade e construção de uma universidade mais diversa e inclusiva.

Se você é calouro ou veterano e busca um espaço para ser quem é, compartilhar vivências e construir laços, o COLAR está de portas abertas!

Acolhimento e resistência andam juntos e aqui ninguém caminha só.



GRUPOS estudantis

**Aqui a tradição
encontra o nosso
acolhimento!**

GRUPOS estudantis

Aqui a tradição
encontra o nosso
acolhimento!

A GERAL, RATORCIDA

📷 @ageralratorcida

A Geral Ratorcida é a torcida organizada da Medicina UFMG, fundada em 2018, com o objetivo de representar o curso nos jogos universitários. Desde então, a Geral vem se consolidando, a cada ano, como um dos principais símbolos de integração, pertencimento e, sobretudo, energia.

Em 2025, A Geral deu mais um passo importante com a criação de sua bateria própria, responsável por agitar, em nível ainda maior, os jogos, fortalecendo a presença da torcida e impulsionando cada vez mais os nossos atletas.

Além do esporte, a Geral tem como uma das suas especialidades a leptocirrose, uma das festas que vem se tornando tradição nos últimos anos! Ela é marcada pelo seu open bar e por trazer o espírito de loucura que só a Geral consegue. Não vai ser doído de perder ein!

Torcer incessantemente nos jogos universitários - ocupando as arquibancadas ao som de muitos gritos, com muita adrenalina no sangue e uma garra incansável - é uma das maiores marcas da Medicina UFMG. Porém, não é apenas isso: mais do que torcer e marcar presença em festas, a Geral é uma grande família formada por alunos de diferentes períodos que compartilham a mesma paixão e o mesmo orgulho de vestir a camisa e representar a faculdade. É uma instituição em que fortes laços são criados e que proporciona uma experiência universitária ainda mais viva e intensa.

Participar da Geral Ratorcida é viver a faculdade além das salas de aula e dos hospitais: é gritar essa paixão que vem de dentro, apoiar, criar memórias e fazer parte de algo maior.

Sejam muito bem-vindos à Medicina UFMG - ou melhor, à Maior de Minas.

É A GERAAAAAAAAAAAAAII!



CONCLAVE

📷 @conclaveufmg

O Conclave Médico Desportivo é a Atlética da Faculdade de Medicina da UFMG, fundada em 1996, e desde então faz parte da história da nossa universidade. Ele é responsável por organizar e representar os alunos nos esportes, promovendo treinos, campeonatos e possibilitando a participação em jogos universitários, como a CIA e o Interned.

Além dos esportes, o CMD também é responsável por realizar algumas festas e eventos, entre eles o Intramed (competição entre as 12 turmas da faculdade), o Churrascão, a Copa VG, o Sinucão e o Conclave Sport Bar.

A nossa atlética conta ainda com uma lojinha oficial (@lojinhacmd) onde são vendidos produtos que carregam a identidade da Medicina UFMG. A renda obtida ajuda a manter os projetos do Conclave.

Mais do que uma instituição, o CMD é um ambiente de integração entre os alunos e os esportes e de compromisso com os atletas e com a faculdade. Dito isso, resultado não falta: **são mais de 30 títulos no total que carregamos com muito orgulho!**



DIRETUCADA

📷 @diretucada

A Diretucada da Medicina surgiu do desejo dos estudantes de transformar a vivência na faculdade em algo mais coletivo, vibrante e humano. Criada por alunos que acreditavam que a universidade vai além das salas, provas e plantões, a Diretucada se consolidou como um espaço de integração, expressão e identidade dentro da Universidade Federal de Minas Gerais. Além disso, somos a banda fundadora do @praiamed!

Muito mais do que uma banda universitária, a Diretucada marca presença em recepções de calouros, eventos acadêmicos e momentos simbólicos do curso, levando energia, união e o espírito da Medicina UFMG para além do campus.

Se você é calouro(a) e quer viver a faculdade intensamente, fazer amigos e encontrar um espaço de acolhimento e diversão no meio da rotina puxada da Medicina, a Diretucada está de portas abertas.

Vem sentir o ritmo, bater junto e fazer parte dessa história!



PSICOSE

📷 @psicoseufmg

A Psicose é a bateria da medicina UFMG, octacampeã do Intermed de Minas e sempre presente nas competições universitárias! Além disso, participamos também da balatucada, maior torneio de bandas universitárias do Brasil.

Fazer parte da psicose é carregar o som, o ritmo, a tradição e a energia dos estudantes de medicina da UFMG! É também uma ótima oportunidade para aprender novos instrumentos (do zero!), conhecer novas pessoas e conseguir fugir um pouco da rotina intensa do curso.

Estamos presentes nos momentos mais marcantes da Medicina UFMG: recepções de calouros, eventos acadêmicos, festas, integrações com outras baterias e encontros que ficam para além da graduação.

Repetimos: não é necessário conhecer os instrumentos previamente para fazer parte da bateria, pois todo o processo de aprendizado faz parte dos ensaios. Estamos ansiosos para ter você na família psicose!

VEM TODO MUUUUUUUUUUNDO!



GRUPOS estudantis

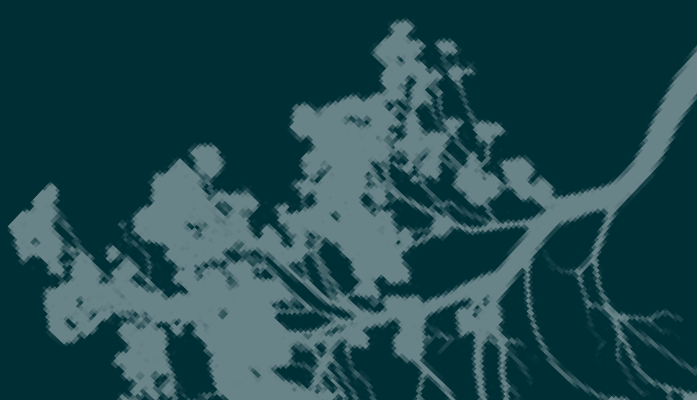
Aqui a tradição
encontra o nosso
acolhimento!

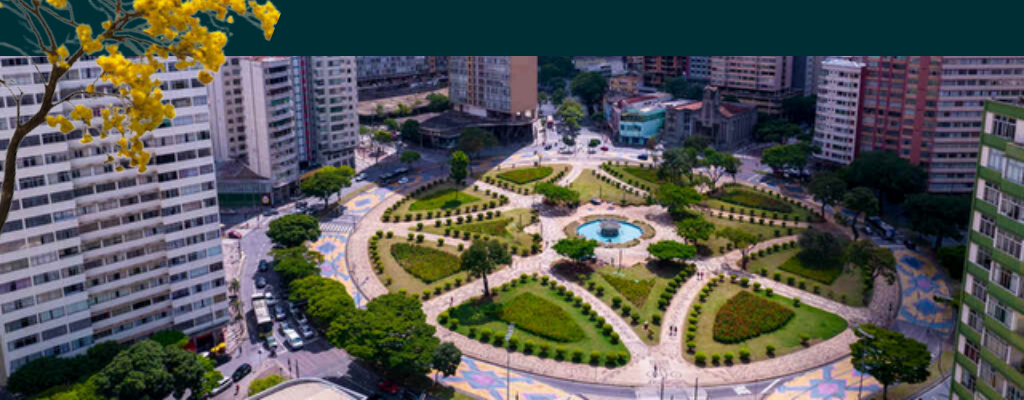


| A VIDA EM BEAGÁ

"Belo Horizonte não se explica, sente-se."

Carlos Drummond de Andrade





BH é uma capital que desperta percepções diferentes em quem a vive. Para alguns, é uma cidade movimentada, com trânsito intenso e um cotidiano agitado; para outros, tem ares de “roça grande”, onde tudo parece acontecer em um ritmo mais humano, com encontros frequentes, relações próximas e uma forte sensação de pertencimento. Essa mistura entre o urbano e o acolhedor é justamente parte do charme da cidade.



Para quem vem de fora, é natural querer saber mais sobre como é viver em Belo Horizonte para além da universidade. A cidade tem uma vida cultural intensa, com museus, centros culturais, teatros, festivais, feiras e eventos ao longo do ano, sendo muitos deles gratuitos. Espaços como a Praça da Liberdade, a Pampulha, a rua Sapucaí, os centros culturais do hipercentro e os parques ajudam a construir uma cidade viva, diversa e em constante movimento.

Pontos turísticos

Belo Horizonte se revela muito além de sua geografia urbana. Acolhedora e marcada por uma identidade cultural forte, a capital mineira construiu ao longo do tempo um patrimônio que combina história, arte, natureza e vida cotidiana. Seus espaços públicos, praças, parques, conjuntos arquitetônicos e centros culturais não apenas embelezam a cidade, mas também narram sua trajetória e refletem o modo de viver do belo-horizontino.

A Praça da Liberdade

A Praça da Liberdade é um dos principais símbolos de Belo Horizonte. Criada no final do século XIX, foi planejada como o centro político da capital, reunindo os antigos prédios do governo de Minas Gerais. Com jardins inspirados no estilo europeu e arquitetura marcante ao seu redor, hoje integra o Circuito Liberdade, um importante polo cultural com museus e centros artísticos. A praça é um espaço de convivência, lazer e cultura, conectando a história da cidade ao seu cotidiano atual.



Praça da Liberdade, Savassi.

Parque Municipal Américo Renné Sianetti

O Parque Municipal é uma das áreas verdes mais antigas e tradicionais de Belo Horizonte. Localizado no centro da cidade, foi criado ainda nos primeiros anos da capital, com o objetivo de oferecer lazer e bem-estar à população em meio ao crescimento urbano.

O espaço conta com lagos, alamedas arborizadas e áreas destinadas ao descanso e à prática de atividades recreativas. Além de sua função ambiental, o parque desempenha um papel social importante, sendo um ponto de encontro frequente para moradores e visitantes.



Parque Municipal Américo Renné Sianetti, Centro.

Mercado Central

O Mercado Central é um dos locais mais representativos da identidade cultural de Belo Horizonte. Fundado na década de 1920, tornou-se referência no comércio de produtos típicos de Minas Gerais, reunindo tradição, história e diversidade.

Atualmente, o mercado atrai turistas e moradores interessados na culinária mineira, em produtos artesanais e em experiências culturais autênticas. Seu ambiente movimentado e popular faz dele um dos principais pontos turísticos da cidade.



Mercado Central, Centro.

Palácio das Artes

O Palácio das Artes é o maior e mais importante complexo cultural de Belo Horizonte. Inaugurado na década de 1970, foi concebido para abrigar diferentes manifestações artísticas, consolidando-se como referência cultural em Minas Gerais.

O espaço reúne teatros, galerias de arte, salas de cinema e áreas para exposições. Com programação diversa, o Palácio das Artes contribui de forma significativa para a difusão da arte e da cultura na capital mineira.



Palácio das Artes, Centro.

Museu de Arte da Pampulha

O Museu de Arte da Pampulha integra o Conjunto Moderno da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer na década de 1940. Originalmente construído para funcionar como cassino, o edifício se tornou um marco da arquitetura modernista brasileira.

Atualmente, o museu abriga exposições de arte moderna e contemporânea, além de projetos educativos e culturais. Sua relevância arquitetônica e artística faz dele um dos principais pontos turísticos e culturais de Belo Horizonte.

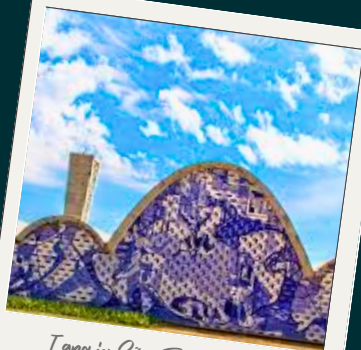


Museu de Arte da Pampulha, Pampulha.

Igreja São Francisco de Assis

A Igreja de São Francisco de Assis, conhecida como Igrejinha da Pampulha, é um dos maiores símbolos de Belo Horizonte. Projetada por Oscar Niemeyer, destaca-se por suas linhas curvas e pela ruptura com os padrões arquitetônicos tradicionais da época.

O templo é reconhecido internacionalmente por seus painéis assinados por Cândido Portinari e faz parte do conjunto tombado como Patrimônio Cultural da Humanidade. Além de sua função religiosa, é um importante marco artístico e histórico da cidade.

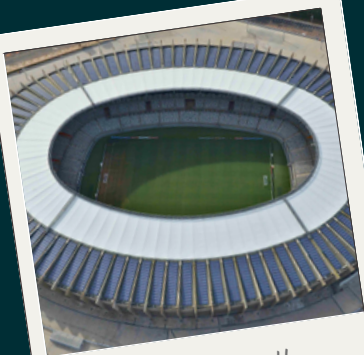


Igreja São Francisco de Assis, Pampulha.

Mineirão

O Mineirão é um dos estádios mais importantes e conhecidos do Brasil. Inaugurado em 1965, tornou-se palco de grandes jogos de futebol, especialmente ligados à história do esporte em Minas Gerais.

Além do futebol, o estádio também recebe grandes eventos culturais, shows e celebrações. Sua localização na Pampulha e sua importância simbólica fazem do Mineirão um dos principais pontos turísticos da capital.



Mineirão, Pampulha.

Parque das Mangabeiras

O Parque das Mangabeiras é uma das maiores áreas verdes de Belo Horizonte, localizado aos pés da Serra do Curral. Criado com foco na preservação ambiental, o parque oferece uma alternativa de lazer em contato direto com a natureza.

O espaço conta com trilhas, áreas para caminhada e locais de contemplação da paisagem. Além de seu valor ecológico, o parque proporciona vistas privilegiadas da cidade, sendo muito frequentado por moradores e turistas.

No parque há também o Mirante do Mangabeiras, um dos pontos mais altos da cidade, oferecendo uma vista panorâmica de Belo Horizonte.



Parque das Mangabeiras, Mangabeira.

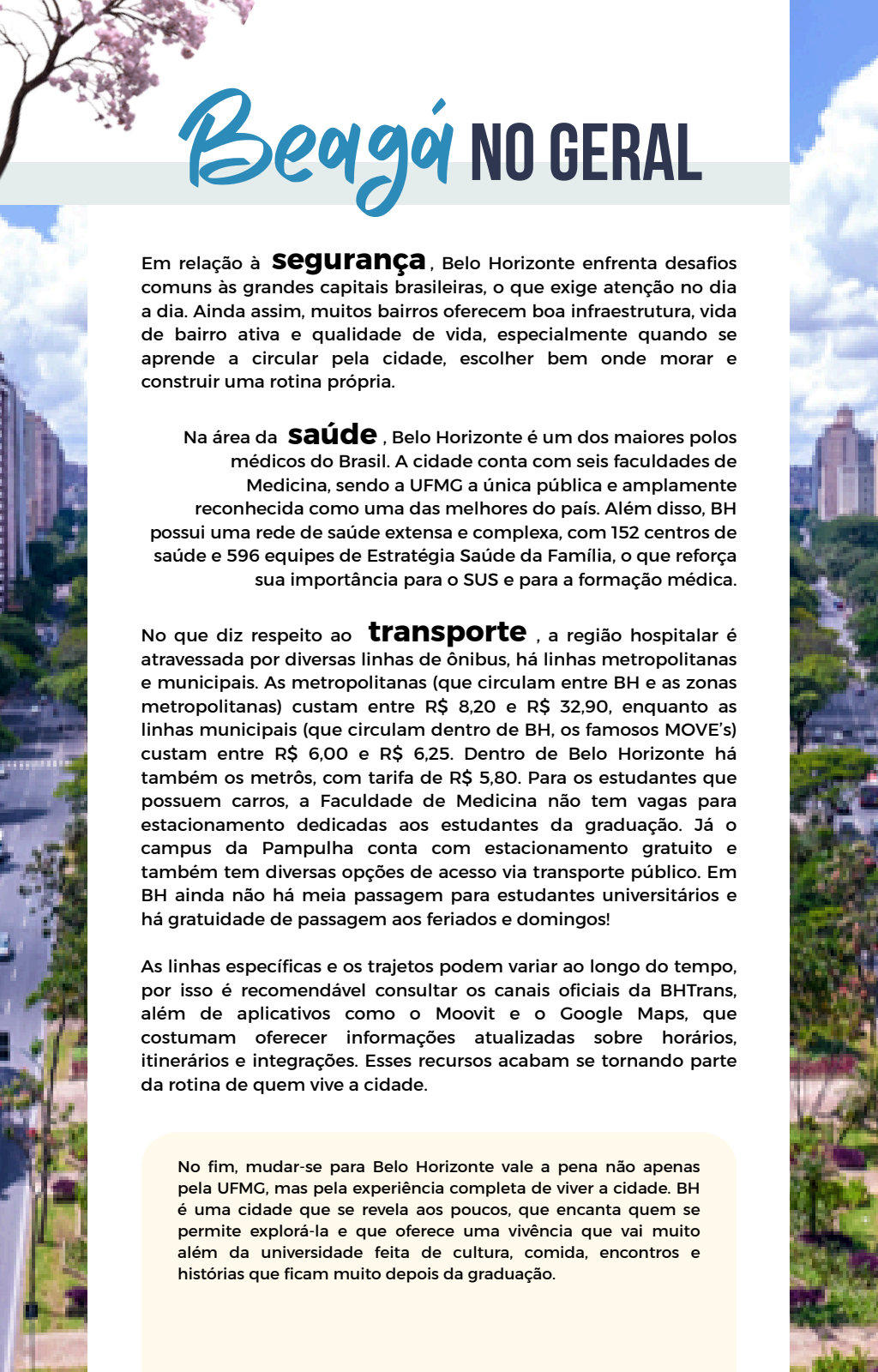


Gastronomia

A gastronomia é um dos grandes marcos da experiência de morar em BH. A cidade é conhecida nacionalmente por sua cultura de bares e restaurantes, onde o encontro em torno da comida faz parte do cotidiano. Pratos típicos da culinária mineira, como pão de queijo, feijão-tropeiro, frango com quiabo, tutu, torresmo, angu e doce de leite, estão presentes tanto em restaurantes tradicionais quanto em almoços simples do dia a dia. Além disso, BH oferece uma cena gastronômica diversa, que vai da comida caseira aos mercados, botecos e novas propostas contemporâneas.

Informação importante aos calouros: a UFMG, tanto no Campus Saúde quanto no Campus Pampulha, conta com Restaurante Universitário, os famosos RU's (sendo 1 no Campus Saúde e 2 no Campus Pampulha), oferecendo alimentação acessível e de qualidade pelo valor inicial de R\$ 5,60 para alunos matriculados, com a possibilidade de descontos para alunos assistidos pela FUMP!





Beagá NO GERAL

Em relação à **segurança**, Belo Horizonte enfrenta desafios comuns às grandes capitais brasileiras, o que exige atenção no dia a dia. Ainda assim, muitos bairros oferecem boa infraestrutura, vida de bairro ativa e qualidade de vida, especialmente quando se aprende a circular pela cidade, escolher bem onde morar e construir uma rotina própria.

Na área da **saúde**, Belo Horizonte é um dos maiores polos médicos do Brasil. A cidade conta com seis faculdades de Medicina, sendo a UFMG a única pública e amplamente reconhecida como uma das melhores do país. Além disso, BH possui uma rede de saúde extensa e complexa, com 152 centros de saúde e 596 equipes de Estratégia Saúde da Família, o que reforça sua importância para o SUS e para a formação médica.

No que diz respeito ao **transporte**, a região hospitalar é atravessada por diversas linhas de ônibus, há linhas metropolitanas e municipais. As metropolitanas (que circulam entre BH e as zonas metropolitanas) custam entre R\$ 8,20 e R\$ 32,90, enquanto as linhas municipais (que circulam dentro de BH, os famosos MOVE's) custam entre R\$ 6,00 e R\$ 6,25. Dentro de Belo Horizonte há também os metrô, com tarifa de R\$ 5,80. Para os estudantes que possuem carros, a Faculdade de Medicina não tem vagas para estacionamento dedicadas aos estudantes da graduação. Já o campus da Pampulha conta com estacionamento gratuito e também tem diversas opções de acesso via transporte público. Em BH ainda não há meia passagem para estudantes universitários e há gratuidade de passagem aos feriados e domingos!

As linhas específicas e os trajetos podem variar ao longo do tempo, por isso é recomendável consultar os canais oficiais da BHTrans, além de aplicativos como o Moovit e o Google Maps, que costumam oferecer informações atualizadas sobre horários, itinerários e integrações. Esses recursos acabam se tornando parte da rotina de quem vive a cidade.

No fim, mudar-se para Belo Horizonte vale a pena não apenas pela UFMG, mas pela experiência completa de viver a cidade. BH é uma cidade que se revela aos poucos, que encanta quem se permite explorá-la e que oferece uma vivência que vai muito além da universidade feita de cultura, comida, encontros e histórias que ficam muito depois da graduação.



O coração da formação médica

O curso de Medicina da UFMG é realizado em dois campus complementares, que acompanham o estudante ao longo de toda a graduação. O primeiro destes é o Campus Saúde: principal cenário da graduação em Medicina. Localizado na Área Hospitalar de Belo Horizonte, ele concentra a Faculdade de Medicina, os hospitais universitários e diversos serviços de saúde. É nesse campus que o estudante vive, desde os primeiros períodos, a integração entre teoria, prática e realidade social.

Durante o ciclo básico o estudante de medicina transita entre o Campus Saúde e o Campus Pampulha, fixando-se apenas no Campus Saúde durante os ciclos clínico e internato.

O edifício onde hoje fica a Faculdade de Medicina foi inaugurado na década de 1950 e tornou-se um símbolo da formação médica em Minas Gerais. Situado na Avenida Professor Alfredo Balena, o prédio homenageia uma das figuras mais importantes da história da instituição.



A construção do Campus Saúde

A consolidação do Campus Saúde está diretamente ligada à criação de um hospital-escola próprio. Esse processo teve início com o Hospital São Vicente de Paulo, inaugurado em 1928. Em 1931, o hospital foi doado à Faculdade de Medicina, tornando-se a base do que viria a ser o Hospital das Clínicas da UFMG (HC-UFMG).

Uma das figuras centrais dessa história é Alfredo Balena, médico, farmacêutico, professor e intelectual ítalo-brasileiro. Balena foi um dos grandes articuladores da criação e fortalecimento da Faculdade de Medicina em Belo Horizonte e defensor da integração entre ensino médico, ciência e assistência à população. Seu legado permanece vivo na estrutura acadêmica e na localização do Campus Saúde.

Em 1955, o hospital passa a ser oficialmente denominado Hospital das Clínicas da UFMG, consolidando-se como espaço de assistência, ensino e pesquisa. Ao longo das décadas, o HC ganhou autonomia administrativa e expandiu sua estrutura, tornando-se um dos maiores hospitais universitários do país e um pilar da formação médica na UFMG.



Campus Pampulha

Espaço de construção de conhecimento e de vivências

O Campus Pampulha complementa a formação médica e é onde o estudante cursa grande parte das disciplinas do Ciclo Básico, principalmente nos primeiros períodos. É nesse espaço que estão os institutos responsáveis pela base científica da formação médica, como Anatomia, Histologia, Biologia Celular, Bioquímica, Fisiologia e outras ciências fundamentais. Trata-se de um campus amplo, integrado e moderno, que favorece a interdisciplinaridade e o contato com diferentes áreas do conhecimento.

Na Pampulha o estudante de medicina caminha entre os corredores do Centro de Atividades Didáticas 1 (CAD 1) e do Instituto de Ciências Biológicas (ICB). Além disso, ao frequentar o Campus Pampulha o estudante consegue interagir e vivenciar contextos fora da medicina, conhecendo estudantes de outros cursos e tendo ótimos momentos de troca.

O Campus Pampulha é também um espaço de grande troca cultural e acadêmica, com a presença constante de simpósios, eventos na pracinha de serviços, restaurantes, além dos dois RU's - setorial 1 e 2 - e até aulas de forró gratuitas!

Outro ponto bem legal e interessante do Campus Pampulha é a presença de ônibus internos 100% gratuitos, que facilitam a locomoção, a biblioteca ampla e a sua proximidade com o Centro Esportivo Universitário (CEU).



Praça de Serviços, Campus Pampulha

Onde morar em Bh

Ao se mudar para Belo Horizonte a questão da moradia é com certeza a mais importante. Nessa seção, o nosso objetivo principal é apenas dar um panorama geral sobre locais para moradia, deslocamento, custos de vida e rotina. Tentaremos passar orientações que ajudem a pensar no fator moradia, mas lembrem-se que cada caso é particular, há ajustes de realidade e possibilidades de conseguir auxílios para manter-se durante a faculdade.

1º - QUAL BAIRRO ESCOLHER?

Essa é com certeza a primeira e mais importante pergunta a ser respondida, majoritariamente os estudantes dividem-se entre a região centro-sul (próximo ao Campus Saúde) ou próximo ao Campus Pampulha.

Morando na região centro-sul: os aluguéis na região centro-sul tendem a ser mais elevados em relação à região da pampulha, e quanto mais próximos à Faculdade de Medicina maior o valor. Os aluguéis de quarto tendem a girar em torno de R\$ 1.000 a R\$ 1.500, para quartos individuais mobiliados, e cerca de R\$ 2.200 para apartamentos individuais não mobiliados, não estando incluso neste valor, em ambos os casos, as contas básicas - luz, internet, água, IPTU e condomínio, em caso de apartamentos. Porém, a maior vantagem de morar na região central é a comodidade de estabelecimentos ao redor, como restaurantes, farmácias e a área hospitalar. Além disso, a depender da proximidade é possível deslocar-se até a faculdade em um tempo médio de 15 min a pé, ou menos, diminuindo gastos com transporte e facilitando o acesso à alimentação, por conta do restaurante universitário. Também, após o ciclo básico, as atividades da faculdade concentram-se na região central, assim como as monitorias e as aulas de atendimento pré-hospitalar e pronto socorro (APHPS) durante o ciclo básico - que tendem a acontecer no período da noite, com início às 19h.

Morando na Pampulha: os aluguéis na região da pampulha tendem a ser mais baratos, tanto em relação aos quartos individuais quanto em relação aos apartamentos individuais. É possível achar aluguéis em repúblicas ou apartamentos de quartos mobiliados na faixa de R\$ 700 a R\$ 1.200 e de apartamentos não mobiliados na faixa de R\$ 1.500, sem as contas básicas. A pampulha é uma ótima região para moradia e qualidade de vida, porém, é necessário considerar o fator deslocamento, tanto em relação à proximidade ao Campus Pampulha, quanto em relação ao Campus Saúde, já que, após o ciclo básico, as aulas se concentrarão no centro. É importante trazer para a pampulha um destaque para a proximidade com o Clube Esportivo Universitário (CEU), uma grande fonte de lazer acessível aos estudantes da UFMG. É nessa região que ficam também as moradias universitárias da faculdade, que possuem ônibus próprios e gratuitos para os moradores, facilitando o acesso destes ao campus pampulha, sem linha própria para o Campus Saúde.

Conclusão: em ambas as regiões, há uma boa qualidade de vida, com um bom acesso a serviços e atividades de lazer, o ponto principal é considerar o que se encaixa na sua realidade financeira e analisar opções e alternativas de transportes.

2° - TRANSPORTE

O segundo ponto de análise deve ser o fator deslocamento: tanto a proximidade entre pontos de ônibus e MOVE's quanto em relação ao valor das passagens.

Em Belo Horizonte, infelizmente, não há gratuidade nem meia passagem para estudantes universitários, tendo um custo por viagem de cerca de R\$ 6,20. Durante o primeiro período do ciclo básico, geralmente, possuímos 3 dias de aulas no Campus Pampulha e 2 dias de aulas no Campus Saúde, além das provas de bioquímica, que ocorrem aos sábados no CAD1.

Atualmente, os estudantes utilizam-se de duas alternativas ao transporte público, com o objetivo de baratear o valor pago no deslocamento e mover-se com mais conforto, sendo elas:

- Carro de aplicativo: muitos estudantes compartilham corridas com pessoas que moram próximas umas as outras e horários parecidos, fechando grupos de caronas e conseguindo pagar cerca de mais ou menos R\$ 6 por deslocamento.
- Caronas: alguns estudantes que possuem veículo próprio oferecem caronas a cerca de R\$ 4, facilitando e barateando muito a locomoção de um campus a outro.

Custos de vida

	CENTRO	PAMPULHA
MORADIA	R\$ 1500,00	R\$ 1000,00
DESLOCAMENTO	R\$ 161,20	R\$ 99,20
ENERGIA	MESMO CUSTO	MESMO CUSTO
*IPTU + CONDOMINIO Depende do imóvel	R\$ 300,00	R\$ 150,00
ALIMENTAÇÃO	R\$ 500,00	R\$ 500,00
LAZER	INDIVIDUAL	INDIVIDUAL

Os valores aqui apresentados são apenas uma média, para que possam ter uma ideia dos custos de vida em Belo Horizonte, podendo-se conseguir valores abaixo ou acima. Em relação ao deslocamento foram considerados o quadro de aulas do 1° período do curso de medicina da UFMG e o custo de passagem de R\$ 6,20. Para alimentação foi considerado 2 alimentações ao dia no RU, no valor de R\$ 5,60, 7 dias na semana, e um valor adicional para café da manhã e outras despesas alimentares. Em relação ao lazer, varia de acordo com os gostos individuais, mas há shoppings, restaurantes e bares super acessíveis ao público estudantil, em geral, é possível ter um ótimo lazer gastando uma média de 200 reais mensais.

Depoimento

MORANDO EM BEAGÁ

Hubert Kaab



@its_hubertkaab

Oiee, futuros belo-horizontinos! Sou o Hubert e vim contar um pouco da minha experiência de mudança para Belo Horizonte.

Sei que deve ser a primeira vez de muitos viajando ou se mudando de vez para outra cidade ou estado. Sou de Roraima, pertinho de BH, claro, me refiro àquele "perto mineiro" que já já vocês vão se acostumar (pasmem: sempre é longe pra caramba). Sei que a euforia da aprovação é grande e a agenda fica lotada de comemorações, mas recomendo fortemente que apliquem o mesmo planejamento que usavam nos estudos para essa mudança de vida também. Aqui vão algumas coisas que aprendi na prática:

1. O Cronograma: Para quem é antecipado ou é da Lista de Espera: Geralmente você entra na turma do segundo semestre, mas fique muito atento à possibilidade de antecipação. Isso ocorre quando você é convocado para o segundo semestre, mas, com a desistência de calouros da primeira turma, a lista roda e você é puxado para entrar já no início do ano. Se você é um dos primeiros da lista de espera (especialmente se for de outro estado), fica esperto, porque resolver mudança de última hora é sufocante. Para quem vai passar pela Banca de Heteroidentificação: Eu sou do segundo semestre, mas sei que para o pessoal do primeiro é uma loucura. O período entre o resultado do SISU e a banca (que é presencial) é curtíssimo. Se organize com antecedência para essa viagem. Um adendo: Em casos extremos (doença com laudo, luto, vulnerabilidade socioeconômica grave), a UFMG pode permitir o trancamento do primeiro semestre se a mudança súbita for inviável, mas não conte apenas com isso. Fica tranquilo que nos próximos semestres o trancamento pode ser feito sem necessidade de justificativa.

2. Planejamento Financeiro: Se você vai entrar no segundo semestre, faça um pé de meia e use os 6 meses para juntar esse dinheiro. Não chegue em BH apenas com o dinheiro do primeiro aluguel, ou certeza que vai passar um aperto grande. Os custos iniciais de mudança (utensílios, caução, transporte) são bem altos. Já aos Fumpistas (contemplados pela Assistência Estudantil) que estão contando com os auxílios e moradia estudantil precisam mesmo assim de preparo financeiro. Os auxílios geralmente demoram cerca de 2 meses após o início das aulas para cair. Meu caso real: Me mudei no meio de junho para comparecer na banca, as aulas começaram no meio de agosto e os auxílios só saíram no início de outubro. Se você não tiver onde ficar, terá que alugar algo temporário. Priorize locais sem multa contratual e sem caução abusivo, pois se você conseguir a Moradia Universitária ou outro lugar com maior custo-benefício sairá menos prejudicado.

3. Checklist de Segurança na Procura: Ao procurar imóvel, entre nos grupos de Facebook e WhatsApp de "Repúblicas e Aluguéis BH": Cuidado com os golpes - NUNCA deposite nada adiantado sem ver o local, se não puder ir pessoalmente, peça para um veterano ou conhecido ir lá fazer uma videochamada ou registrar o lugar. Além disso, pergunte tudo: Valor final com as contas, se tem contrato, se tem multa, valor da caução (depósito de segurança) e regras de visita.

Acredito que você vai amar a vida em BH, aqui tem uma vivacidade nas pessoas, nos bares e butecos, nos museus, nas praças e na própria UFMG. Me senti muito acolhido e me apaixonei de verdade, mas claro, tem que ter muito cuidado com sua segurança, como toda cidade grande possui bairros com maior risco de segurança e horários meio ruins de se estar. É uma cidade que te dá bom dia desde a fila da padaria até boa noite quando você sai dos prédios da faculdade, é um lugar com uma história muita linda que pode demorar uma vida inteira para você conseguir explorar ela toda. Possuo alguns problemas em relação a mobilidade urbana, o custo de vida um pouco alto para quem não tem base familiar aqui e a maioria das coisas fecharem 22 h kkkk, mas a maioria dos benefícios de qualidade de vida compensam. Nada mais performático do que você ir a uma padaria mineira e pedir seu pão de queijo com o cafezinho de lei. Venha conhecer esse sotaque lindo, beber um xequê-mate no Mascate, passear pela Lagoa da Pampulha, conhecer tantas outras pessoas vindas dos cantos mais variados desse país, estudar na maior de minas e continuar a construir seu sonho, porque esse é só o começo. Qualquer coisa estou à disposição para tirar as dúvidas de vocês ou indicações.

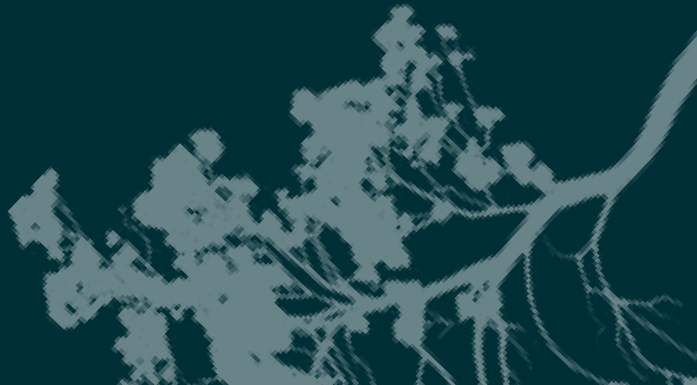
Bem-vindo a Belo Horizonte e aproveite sua Incept vita nova!



| ENTENDENDO O SISU

“Educação não é privilégio. É direito.”

Anísio Teixeira



O QUE É O SISU?

Como você, vestibulando, muito provavelmente já sabe, o **Sistema de Seleção Unificada**, ou simplesmente Sisu, é o procedimento adotado pela UFMG para **seleção de candidatos para preenchimento de vagas** em seus cursos ofertados. Trata-se de um programa do Governo Federal para unificar o processo de ingresso nas universidades públicas, utilizando a **nota do Enem**, e, dessa forma, democratizar o acesso ao ensino superior no Brasil.

Recentemente, a nossa universidade também passou a aplicar seu próprio vestibular seriado, para o qual serão reservadas 30% das vagas a partir de 2028. Ou seja, **para o ano de 2026, todas as vagas de medicina ainda serão preenchidas pelo Sisu.**

COMO FUNCIONA?

No ano de 2026, o **Sisu acontecerá entre os dias 19 e 23 de janeiro**. A publicação da chamada regular está marcada para 29 de janeiro e a **manifestação de interesse em listas de espera** **será realizada de 29 de janeiro até dia 2 de fevereiro**.

Durante os 5 dias de Sisu, você poderá escolher e alterar livremente duas opções de curso (podem ser cursos diferentes e/ou em universidades diferentes), uma primeira e uma segunda opção. Após o primeiro dia, o site te mostrará uma previsão parcial da nota de corte de seus cursos escolhidos, além de sua posição parcial em suas listas. Essas parciais são atualizadas diariamente e representam uma boa forma de prever sua chance de aprovação ou até sua chance de ser chamado em listas de espera, de acordo com as chamadas de anos anteriores. **No último dia de Sisu, você deve escolher definitivamente quais serão suas duas opções.**

LISTA DE ESPERA

Uma semana após o encerramento das inscrições, o Sisu publicará as **chamadas regulares**, além da nota de corte de seu curso e se você foi selecionado na chamada regular de sua primeira opção, na chamada regular de sua segunda opção ou se você não foi selecionado em ambas. Nesse último caso, você terá acesso a suas posições finais em cada uma delas e poderá, durante os próximos 4 dias, escolher manifestar interesse na lista de espera de sua primeira opção OU de sua segunda opção.

A primeira manifestação de interesse em listas de espera ocorre pelo Sisu, porém a publicação da primeira chamada de lista de espera ocorre no site da universidade escolhida (no nosso caso, no site Sisu UFMG), assim como as manifestações de interesse nas próximas listas de espera e suas respectivas chamadas. **Atente-se a isso!!!** É muito importante acompanhar o calendário das listas de espera, para que você não seja desclassificado dela por perder algum prazo de manifestação de interesse.

MÉDIAS PONDERADAS

A sua nota no Sisu não é a mesma para todos os cursos/universidades! Dependendo da opção escolhida, será feita uma média ponderada diferente de sua nota do Enem, atribuindo pesos diferentes a cada seção da prova. No caso da Medicina na UFMG, todas seções têm o mesmo peso, ou seja, sua média simples será considerada para classificação.

Como calcular: some todas as suas notas, nas 4 áreas do conhecimento e redação e divida o total por 5, o resultado dessa operação será a sua média para a Faculdade de Medicina da UFMG.

NOVIDADE ENEM 2026

A partir de 2026, há uma novidade no Sisu: você poderá usar suas notas das últimas 3 edições do Enem. Para facilitar sua vida, o Sisu escolherá sua melhor média dos 3 últimos anos automaticamente assim que você escolher um curso, já considerando as médias simples ou ponderadas de cada universidade, então não precisa se preocupar com comparações complicadas de média!

LEI DE COTAS

O que é a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) ?

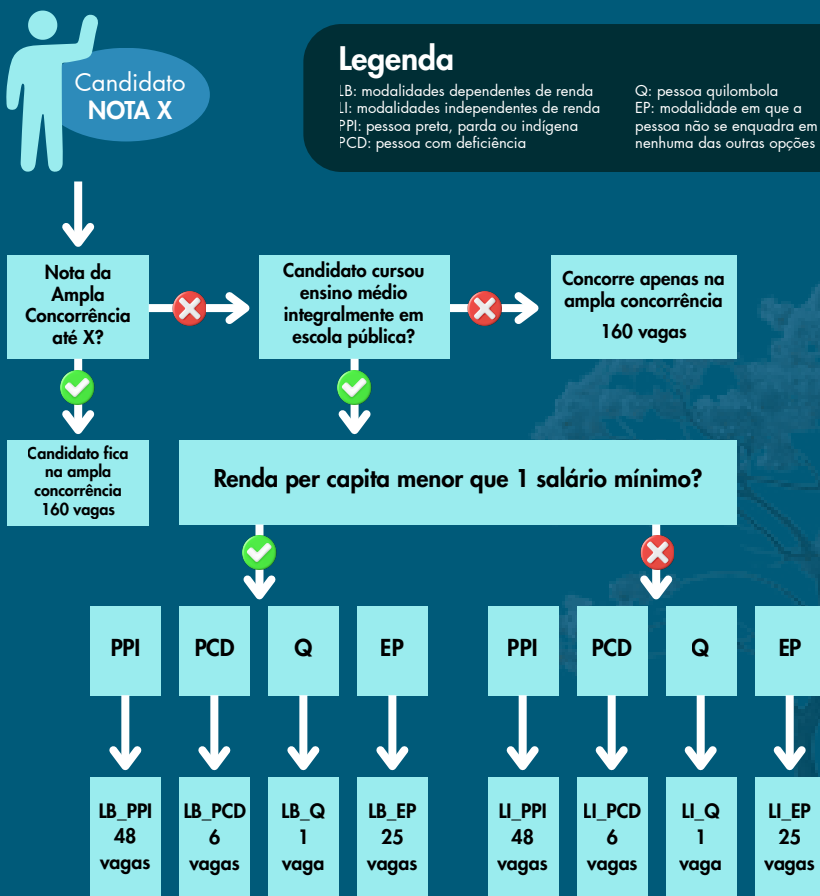
De acordo com a Lei e suas atualizações mais recentes, as instituições federais de educação superior devem reservar, no mínimo, 50% de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas ou em escolas comunitárias que atuam no âmbito da educação do campo conveniadas com o poder público. Dessa reserva, metade das vagas (50%) deve ser destinada a candidatos de famílias com renda igual ou inferior a um salário-mínimo por pessoa.

Os percentuais de reserva devem ainda observar outros critérios, como autodeclaração de cor/raça (pretos, pardos e indígenas), identidade étnica (quilombolas) e pessoas com deficiência, em proporção correspondente à representatividade desses grupos na unidade federativa onde se localiza a instituição, conforme o último Censo do IBGE.

FLUXO DE COTAS NO SISU

O SISU mudou em 2024 e, devido à revisão da Lei de Cotas, houve uma alteração na concorrência das modalidades. Imagine que, agora, o processo funcione como um funil com várias camadas. Antes, os cotistas concorriam de maneira isolada. Agora, todos concorrem inicialmente na Ampla Concorrência e, caso não alcancem a nota, são “afunilados” para suas respectivas cotas, numa espécie de “cascata”. A lógica da “cascata” no novo SISU é que o cotista não fique mais confinado em uma bolha.

Agora, o sistema processa as notas em ordem de prioridade: primeiro, todo mundo — cotista ou não — disputa as vagas de Ampla Concorrência (AC). Se a sua nota for suficiente para passar na AC, você ocupa uma vaga lá e deixa uma vaga das cotas livre para outro cotista com nota menor entrar pela reserva de vagas. O esquema abaixo ilustra como a cascata funciona:





MODALIDADES DE COTAS

Conheça as modalidades de cotas no Sisu:

1. Ampla Concorrência (AC)

Aberta a qualquer candidato, independentemente de onde estudou ou de sua renda. No modelo de "cascata", todos os cotistas também disputam estas vagas primeiro.

2. Grupo de Baixa Renda (LB)

Para quem estudou os 3 anos do Ensino Médio em escola pública e tem renda familiar de até 1 salário mínimo por pessoa.

LB_EP: Candidatos apenas de escola pública (baixa renda).

LB_PPI: Candidatos autodeclarados Pretos, Pardos ou Indígenas.

LB_Q: Candidatos autodeclarados Quilombolas.

LB_PCD: Candidatos com deficiência (PcD).

3. Grupo Independente de Renda (LI)

Para quem estudou os 3 anos do Ensino Médio em escola pública, mas tem renda superior a 1 salário mínimo por pessoa (ou simplesmente não quer/precisa comprovar baixa renda).

LI_EP: Candidatos apenas de escola pública (independente de renda).

LI_PPI: Candidatos autodeclarados Pretos, Pardos ou Indígenas.

LI_Q: Candidatos autodeclarados Quilombolas.

LI_PCD: Candidatos com deficiência (PcD)

Checklist documentação das cotas que exigem comprovação de renda (edital sisu 2026 no ufmg.br/sisu)



BANCA DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

Para que as políticas afirmativas funcionem de verdade, a UFMG conta com **comissões de heteroidentificação** que são responsáveis por confirmar as autodeclarações raciais. Esse grupo de cinco pessoas de etnias diversas atua como um termômetro social, observando se o candidato possui as características que são correspondentes a identidade racial autodeclarada. A ideia não é validar o “sentir-se” de cada um, mas sim como a sociedade enxerga aquele indivíduo. É uma etapa simples e **prévia à matrícula**, pensada para proteger o sistema de fraudes. Caso o candidato não seja aprovado de primeira, o **processo oferece o direito ao recurso**, permitindo uma segunda análise detalhada.

Os candidatos indígenas deverão ser reconhecidos como membros legítimos de comunidade/etnia indígena com a qual mantenham vínculos identitários, por meio de documentação expedida pelas lideranças do povo ou comunidade indígena da qual façam parte, e que será validada por comissão constituída por pessoas de notório saber na área, composta majoritariamente por pessoas indígenas. Essa documentação pode ser achada no site da UFMG, o ufmg.br/sisu.

BANCA DE VERIFICAÇÃO E VALIDAÇÃO PCD

Além da documentação entregue no momento do registro acadêmico, na UFMG o candidato que é uma pessoa com deficiência terá que passar pela avaliação da Banca de Verificação e Validação, que ocorre como uma entrevista. Ela será gravada e, previamente à gravação, o candidato deverá assinar um termo de ciência e concordância de gravação dos procedimentos de submissão à Banca de Verificação e Validação.

De acordo com o edital SISU/2026 publicado no site da UFMG, a Banca de Verificação e Validação será composta por equipe multiprofissional e interdisciplinar, formada por dois servidores efetivos da UFMG, ocupantes de cargos das áreas da Saúde e Serviço Social, para avaliação biopsicossocial da condição de deficiência do candidato. Na data determinada para realização da análise e entrevista de verificação e validação da condição de deficiência, o candidato deverá apresentar, obrigatoriamente, relatório do profissional de saúde, contendo na descrição o tipo da deficiência. Deve ainda conter o nome legível, carimbo, assinatura e registro do profissional que forneceu o relatório. O original do relatório deverá ser apresentado à Banca de Verificação e Validação da UFMG no momento do procedimento presencial obrigatório de análise e entrevista de verificação e validação da condição de deficiência. A UFMG, por meio da Banca de Verificação e Validação, poderá, no momento do procedimento presencial obrigatório, a seu critério, solicitar ao candidato novos exames. Os candidatos menores de dezoito anos devem comparecer ao procedimento assistidos por seu representante legal.

Depoimentos

BANCAS DE HETEROIDENTIFICAÇÃO



Pedro Ian



@pedro_s.tunes

Eu já fiz processos de heteroidentificação em outras universidades, e posso falar que, de longe, a UFMG possui um dos processos de heteroidentificação mais tranquilos que eu já vi. O único perrengue que eu passei foi o fato de ser presencial e estar morando ainda em Brasília quando fui chamado, então foi uma correria pra vir pra BH de carro. Porém, tirando esse deslocamento, foi muito tranquilo. Me inscrevi no processo me identificando como preto. Fui aprovado e chamado pela universidade para o segundo semestre, então a heteroidentificação ocorreu poucos dias antes das aulas começarem em agosto. Fiquei sabendo do local do processo pelo próprio site da universidade e não houve problema nenhum envolvendo mudança de horário, mudança de local. Ocorreu tudo certinho, conforme a determinação no documento oficial. Chegando na sala, eles passaram um vídeo informativo sobre o porquê do processo ocorrer e o instrutor na sala deu a visão geral do que ocorreria. Caso eu fosse aprovado pela primeira banca logo de cara minha matrícula já estaria efetuada, e caso eu não fosse aprovado pela primeira, iria ser convocado para a segunda banca alguns dias depois. Havia poucas pessoas na sala da banca (para onde fui encaminhado após as primeiras instruções) e tive que ler uma autorização em voz alta. Nada demais. Eles me aprovaram logo de cara lá mesmo, mas a confirmação veio alguns dias depois pelo site da universidade também. Então se você está ficando preocupado com o processo de heteroidentificação quanto a ser muito exigente ou exigir uma documentação muito exagerada, pode ficar tranquilo que nenhuma dessas coisas é verdade. A única coisa que precisei levar no dia foi minha carteira de identidade e a banca foi muito tranquila no que tange ao julgamento. Se você passou pelo processo mais difícil, que é passar pelo SISU, ser aprovado no processo de heteroidentificação é 99% garantido.

Gabriela Galvão



@gabi_galvaao

Eii, futuros calouros! Eu sou a Gabriela e passei pela banca de heteroidentificação da UFMG. Fui aprovada em janeiro para o 2º semestre, no qual a banca só ocorre em julho, então foi um momento de muuuuita apreensão e ansiedade, mas, no final, tudo é mais tranquilo do que parece. Vou deixar aqui como o processo funciona para que vocês possam ir o mais preparados e calmos possível. Quando você faz sua matrícula online e declara a vaga por cota PPI, precisa redigir uma carta curta explicando o motivo pelo qual você se identifica como pessoa preta, parda ou indígena. Embora a Universidade sempre deixe claro que o analisado será o fenótipo, acho interessante fazer esse texto com bastante cuidado e sinceridade. O próximo (e último) passo já é o dia da banca: você chega e é direcionado a uma sala com todos os candidatos que vão passar pelo processo naquele dia. Nesse local, os "organizadores" da sala tiram uma foto e coletam a assinatura de cada um. Todos foram muito respeitosos, educados e tranquilos. Além disso, passam um vídeo sobre a Política de Lei de Cotas, explicando a história dela dentro da UFMG, a quem ela busca beneficiar e quais são os critérios (que é basicamente avaliar como você é socialmente lido e como isso recai na sua vivência). Por fim, os candidatos são chamados por ordem de chegada para ir até outra sala, na qual estarão os cinco avaliadores. Lá, você deve ler um texto (já pronto) de autodeclaração. É muito rapidinho, coisa de 15 segundos. E é isso, agora é só esperar o resultado! O processo total leva 1h30 no máaaaximo. Gente, eu me considero parda, então tive muuuuito medo e receio de dar errado, muito mesmo kkkkkkkkkkkkkkk. Isso é totalmente normal, mas lembrem que o fenótipo completo é avaliado, acreditem na verdade de vocês e corram atrás das suas vagas, porque vale muuuuito a pena. Ah, lembrando que vocês podem pedir recurso, no qual você passa por uma nova banca com o mesmíssimo processo, mudando apenas os avaliadores. Quem quiser pode me chamar pra falar sobre isso, de verdade mesmo! Fico à disposição pra tirar qualquer dúvida e conversar. Vai dar tudo certo da forma que for, só querer ser já faz de vocês gigantes!!!

Depoimentos

BANCAS DE HETEROIDENTIFICAÇÃO



Flávia Oliveira



@flaviaaol

A banca de heteroidentificação é uma etapa crucial para a efetivação da matrícula das pessoas que passaram pela modalidade de cota racial. Nela você irá se autodeclarar preto, pardo ou indígena e, após isso, passará por uma avaliação através de uma banca que confirmará a veracidade da sua declaração. Sou ingressante do segundo semestre, então, apesar de a minha aprovação ter vindo em março, a banca só aconteceu em junho e minha confirmação de matrícula por volta do final de julho/início de agosto (não me lembro exatamente). Para o acontecimento da banca é preciso ficar de olho no site da UFMG (acredito que eles lancem previsão de data para os eventos), pois lá eles soltaram o documento informativo da sua avaliação. Esse documento apresenta nome, data, horário e local (a banca acontece em mais de um dia e horário, então atente-se ao que você for selecionado), você deverá procurar seu nome e coletar as informações disponibilizadas. Na minha vez, fui selecionada para a parte da manhã, tentei chamar Uber durante uma hora e acabei não conseguindo, por sorte, meu vizinho me levou e consegui chegar com apenas 3 minutos de atraso. Por isso, é importante que você se organize com antecedência para ter tempo de resolver imprevistos caso eles aconteçam (se você ainda assim se atrasar, fique tranquilo, vá da mesma forma e explique sua situação para os responsáveis que estarão lá, mas **NÃO DEIXEM DE IR!**). Além disso, leve sua identidade, mas leia as informações do site ou documento para o caso de eles pedirem outro documento. Chegando lá, eles vão passar um vídeo ou palestra, dando informações sobre os critérios usados na banca e a importância da cota para a diversidade na faculdade. Em dado momento, você vai assinar uma lista e em seguida eles te chamarão para tirar uma foto. Depois disso, você deverá esperar para ser chamado para a avaliação. Na minha vez, eles chamaram fila por fila de baixo para cima, então, se te deixa ansioso esperar, sente nas primeiras fileiras. Quando você for chamado, eles te direcionarão à uma sala, onde terão os avaliadores (mais de um). Você se sentará de frente para eles e terá um papel para que você leia; esse papel é a sua declaração, nos espaços reservados você dirá seu nome, documento e data do dia que acontecer a sua banca. Depois de feito, eles te perguntarão se você confirma tudo o que disse e você responderá. **ATENÇÃO: É MUITO IMPORTANTE QUE VOCÊ COMPLETE TODAS AS FASES, CASO CONTRÁRIO, RESULTARÁ NA REPROVAÇÃO DA SUA BANCA.** No site, eles soltarão a data em que o resultado sairá e, nesse dia, você deve olhar o documento para ver se seu nome está entre os aprovados ou reprovados. No caso de ser aprovado, você só precisa esperar a confirmação de matrícula e o início das aulas. Já no caso de reprovação, respire e se acalme, você ainda tem direito de entrar com recurso para realização de uma nova banca. O documento terá a informação do motivo pelo qual você foi reprovado e, a partir disso, você deve buscar recurso para refazer a banca oferecendo o que eles pedirem. Tentar contato com veteranos que tiveram que passar pelo recurso pode ajudar a ter mais informações do que as que eu passei aqui. Pode acontecer de você já ter passado pela banca da UFMG e ter sido aprovado nos últimos anos, no caso da minha turma, isso resultou na aprovação direta deles na banca, sem haver necessidade de eles passarem por ela de novo. Se esse for o caso, o documento emitido pela UFMG trará essa informação (só acate se a informação vier da UFMG. Como eu informei anteriormente: caso você, por conta própria, não realize alguma das etapas da banca, isso resultará na sua reprovação e perda da vaga) Obs.: No dia da minha banca, eu optei por ir sem maquiagem e com uma blusa lisa e clara. Não é obrigatório, mas caso você se sinta perdido, eu fiz dessa forma.

Tatiane Avelar

No dia da heteroidentificação eu tava tão ansiosa que simplesmente fui embora sem fazer todas as etapas. Isso acabou fazendo com que minha matrícula fosse indeferida. Então a UFMG mandou e-mail tudo bonitinho de como seria o recurso, então marcamos o recurso, fiz e deu certo. Foi bem de boa por que eles respondem por e-mail todas suas dúvidas, e a banca em si é muito rápida e tranquila

Depoimentos

BANCAS DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

Carlos da Silva @wiramiri

O que esperar do dia da banca de heteroidentificação?

Querido futuro calouro,

Assim como você, passei pelo mesmo processo de estudar o ano inteiro, fazer a assustadora prova no final do ano e, finalmente, ver meu nome na lista de matrículas da melhor federal do país. Se você se encontra na fase de ser convocado para realizar o procedimento de heteroidentificação — ou ainda não foi convocado, mas naturalmente tem curiosidade sobre como funciona a banca — esse depoimento foi feito para você.

Algumas pessoas criam uma espécie de receio ou de medo sobre a banca, mas inicialmente gostaria de pontuar que é um processo bem transparente e tranquilo. Primeiramente, ocorre a convocação para o procedimento de heteroidentificação presencialmente no campus Pampulha, por meio do site ufmg.br/sisu (atente-se futuro calouro: as bancas de heteroidentificação das turmas do meio do ano, ocorrem somente no 2º semestre, pouco tempo antes do início das aulas). Após isso, você terá um dia e um horário para comparecer em um dos institutos — geralmente, no Centro de Atividades Acadêmicas (CAD). Minha recomendação é de que chegue mais cedo do que o horário marcado, afinal o nosso lindo campus da Pampulha é enorme e muito fácil de se perder. Após chegar no CAD ou no instituto no qual realizará o procedimento, você aguardará em uma fila para a entrada em um dos auditórios no prédio. Inicialmente, já no procedimento, os organizadores da banca passarão instruções sobre como funciona a heteroidentificação e um vídeo inicial explicativo. Após isso, há a assinatura da lista de presença (não esqueça o documento com foto, é obrigatório para todo o procedimento) e retiradas de fotografias para o registro.

No segundo momento da banca, é formada uma fila para realizar a heteroidentificação pelo candidato sozinho em outra sala com os membros da banca de heteroidentificação. Nessa sala, é orientado ao candidato ler um texto em voz alta para os membros da comissão de heteroidentificação, que diz basicamente que você confirma as informações relativas a raça e traços fenotípicos informados durante a matrícula. Por fim, você é liberado para sair do prédio e já pode explorar os lindos ipês do nosso campus Pampulha. Nós só ficamos sabendo se fomos deferidos ou indeferidos na banca na confirmação da matrícula, que ocorre numa data estipulada pela UFMG e publicada lá no site ufmg.br/sisu (sim, esse site é muito importante, até sua matrícula ser confirmada você vai entrar lá no mínimo umas três vezes ao dia hahaha). Caso ocorra de ser indeferido, ainda cabe recurso. Alguns colegas da turma 170 tiveram que recorrer a ele, mas deu tudo certo no final!

Te espero na maior de minas!

Com muito carinho, Carlos da Silva.

Laise Mayra @laise_mayra

Olá! Meu nome é Laise, sou da turma 170 de medicina da UFMG e passei no meu sexto ano de ENEM, com 741,62. Minha aprovação veio pela terceira lista de espera, através da cota LL_PPI (escola pública e pessoa parda). Como meu nome saiu na lista no início do ano, mas a banca de heteroidentificação só ocorreu na metade, vivi um período de muita ansiedade e insegurança. No entanto, passar pela banca foi super tranquilo: apenas fui no dia marcado e li um breve texto confirmando minha autodeclaração.

Meu conselho para quem está tentando é que pesquise muito as notas de corte e as listas de espera de anos anteriores, atentando-se sempre à ordem das opções no SISU. Além disso, não acompanhe apenas o site do MEC; monitore constantemente o site da própria faculdade para não perder convocações. Por fim, não perca as esperanças mesmo se o resultado não vier este ano. Eu precisei de seis anos para realizar esse sonho, e a persistência é o que faz a diferença.

Depoimentos

BANCAS DE HETEROIDENTIFICAÇÃO

Stéphanie Monteiro

 @stephanielmont

Oi meus futuros calouros!

Meu nome é Stéphanie e eu sei exatamente o frio na barriga que dá quando o resultado da banca não é o que a gente esperava, porque eu também precisei encarar o recurso para estar aqui hoje. A primeira coisa que eu quero dizer para vocês é: não deixem que uma resposta negativa faça vocês duvidarem de quem vocês são ou da história que carregam na pele, o recurso não é um favor que a faculdade faz, é um direito de vocês para garantir que a justiça seja feita.

O primeiro passo é respirar fundo e abrir o edital imediatamente, porque ali estão as orientações e os critérios exatos para solicitar o direito da segunda banca.

Leiam com atenção cada linha, sigam os passos para criação do seu cadastro no sistema do SEI e fiquem grudados na sua caixa de e-mail e no site da faculdade. Organizem a documentação solicitada com a maior antecedência possível, o sistema é rígido com horários e datas, então não deixem nada para a última hora, porque se o prazo vencer ou o e-mail de convocação passar batido, não tem choro que recupere a oportunidade.

No dia da banca recursal o procedimento seguido é quase idêntico à primeira banca, em uma sala do CAD 1 é transmitido um vídeo e os orientadores esclarecem todas as dúvidas e coletam assinatura de presença antes de organizarem por filas as idas ao auditório, onde você entra sozinho. Diferente da banca regular, na recursal não é necessário ler nenhum papel, você só entra e eles te analisam de forma muito rápida.

No momento da entrevista, evitem usar acessórios que escondam seus traços, como bonés, óculos escuros ou maquiagem pesada, pois a banca precisa ver o seu fenótipo com clareza total, no meu caso, fui com roupas claras, cabelo natural e sem maquiagem.

No mais é isso, confiem no processo, não desistam no primeiro obstáculo e saibam que a universidade fica muito mais valiosa com a presença de cada um de vocês aqui dentro. Estamos ansiosos para recebê-los na maior de minas!!!

Hubert Kaab

 @its_hubertkaab

Oie, aqui é o veterano de vocês, Hubert Kaab. Venho aqui acalmar um pouco o coração de vocês em relação à banca de heteroidentificação. Sei que, para muitos, passar pela banca é um assunto delicado e motivo de receio, mas é obrigatório pra garantir o direito de quem realmente precisa. Sou uma pessoa que se autodeclara parda, com traços indígenas, e mesmo assim tive receio de que a banca pudesse ser subjetiva ou cometer equívocos. Mas tenham em mente que a ascendência (familiares negros ou indígenas) e a forma com vocês se sentem internamente não são o foco da avaliação. O que conta é como a sociedade lê a sua aparência. Por isso, não tenham vergonha de perguntar se as pessoas próximas veem vocês como pretos, pardos ou indígenas, observando os traços fenotípicos, seja a cor da pele, textura do cabelo, formato do nariz e lábios, entre outros.

No dia da minha avaliação, vi muitos colegas preocupados também. A preocupação é super válida, já que é nossa vaga em Medicina que está na mesa, mas recomendo que evitem artifícios para tentar alterar a aparência ou que dificultem sua observação; sinceramente isso mais prejudica vocês do que pode ajudar. Geralmente, pedem apenas para que assistam uma palestra explicativa, assinem a lista de presença (importante, mas sempre tem alguém que esquece), se apresentem apenas para o grupo de avaliadores e leiam um texto padrão se autodeclarando; mas claro, as etapas podem mudar ao longo dos anos.

Por fim, fiquem de olho no calendário. Perder o dia é eliminatório. Além disso, quem é de outro estado ou do interior de Minas deve estar ciente que a banca costuma ocorrer semanas ou até mais de 1 mês antes do início das aulas. Recomendo fortemente planejar logo a logística da ida a Belo Horizonte ou até mesmo a mudança antecipada para quem reside distante, como foi o meu caso. Espero que depois do resultado fiquem muito mais aliviados e livres para comemorarem, podem contar comigo para tirar dúvidas sobre o processo ou para desabafar.

Abraços!!!

Depoimentos

BANCAS DE HETEROIDENTIFICAÇÃO - PCD

Lívia Maria

 @liviamariadear

Estava super nervosa com a banca, no dia então quase tava explodindo de ansiedade, com medo de não validarem e não acharem minha condição válida para a cota.

Inicialmente, enviei apenas os laudos sobre a minha deficiência física para marcar na banca, mas tomei coragem e no dia da banca apresentei mais um laudo sobre uma síndrome que possuo, mesmo com receio de dar tudo errado, falei sobre as complicações que essa síndrome me trazia no dia a dia e, sinceramente, acho que essa coragem de dizer tudo é que me fez passar.

A entrevista é muito mais tranquila do que esperava (achava que os carinhos lá iam ficar me questionando sobre cada frase que falasse e que teriam uma cara desagradável), acabando que os avaliadores eram muito gentis e esperavam no seu tempo para responder as coisas.

Em relação à sala da entrevista: era uma cadeira, uma câmera te filmando e os avaliadores ficavam numa mesinha anotando toda hora no computador oq vc falava. A porta ficava fechada e era só você e eles lá dentro.

As perguntas que faziam às vezes eram um pouco invasivas na minha opinião, mas dava para entender o motivo "você já namorou? pq nunca? por conta de alguma insegurança?", mas em geral eram sobre a sua rotina, seus hobbies e as suas maiores dificuldades em frequentar a escola e de socializar.

A banca durou mais ou menos umas meia hora e eles cumprem certinho o horário de te atender, a sala de espera fica vazia, com no máximo 2 pessoas esperando também.

Dica: sempre tente reforçar alguns acontecimentos que te marcaram quanto ao comportamento ou olhares das pessoas ou situações que você não gostaria de ter vivido só por ter a sua deficiência (pense e anote eles semanas antes da banca para deixar organizado na sua mente) . Além de explicar para eles o pq vc buscou essa cota, por exemplo, eu sempre faltava muita aula pela minha condição e isso afetava muito a minha socialização com os meus colegas, para mim era muito difícil fazer amizades e me gerou um certo trauma.

Então é isso, vá para a banca confiante e não tenha medo, pois eles dirigem as perguntas para entender realmente a respeito da sua condição e, se vc estiver igual eu estive (com medo de relatar outros problemas, como síndromes por ter duvida se eles levam em conta), faça o laudo dessa outra condição e não tenha medo de falar sobre na banca.

E vai ter algumas coisas que você vai responder e ficar arrependido de ter falado tal coisa, além de momentos que eles não vão demonstrar se consideram ou não esses fatos válidos. Eu mesma saí da banca muito mal com muitooooo medo de não ter dado certo e tinha até algumas coisas que deveria ter mencionado, mas esqueci ou não deu tempo.

Outras informações: o dia da banca foi aleatório para cada pessoa e demorou um bom tempo para começar a chamar para as entrevistas, tipo uns 3 meses, já o resultado foi um pouco mais rápido umas semanas eu acho. Não é necessário chegar muitooo tempo antes do horário da entrevista, uns 10 ou 15 minutos antes.

Mas no final deu tudo certooooo 😊😊

Sabemos que as bancas de heteroidentificação, principalmente a PCD, podem gerar medos e inseguranças em muitos calouros. Por isso, a Lívia carinhosamente faz parte da nossa rede de ajuda e, em casos de dúvidas ou inseguranças sobre a banca PCD, sintam-se a vontade para entrar em contato com ela via instagram!

Lista de espera

ESTRATÉGIAS E REALIDADE

Sabemos que ficar na lista de espera pode gerar muita aflição e nervosismo, mas como você poderá notar pelas tabelas, a lista de espera da UFMG roda muito! Com 320 vagas anuais e sem a aplicação de bônus regional, a faculdade atrai candidatos de todo o Brasil. Muitos usam a nota aqui, mas acabam optando por outras instituições, o que abre caminho para quem decide persistir na lista.

A maior parte da nossa turma foi aprovada justamente assim, e ter essa consciência e uma rede de apoio de veteranos foi o que nos deu um pouquinho mais de segurança para manter o nome na lista de espera da Maior de Minas.



Fique atento às particularidade da lista da UFMG (cuidado para não ser desclassificado!)

Diferente de outras faculdades, a UFMG exige uma **manifestação dupla** de interesse:

1. **Site do SISU:** No final do processo regular, você deve optar por participar da lista de espera da UFMG.
2. **Site SISU UFMG (Portal da UFMG):** Depois da divulgação da primeira convocação, você **PRECISA** entrar no site ufmg.br/sisu/ e confirmar que deseja permanecer na lista. Atenção: Acompanhe esse site com atenção! Nele são divulgadas listas, instruções e calendários de convocações.

Lista de espera

ESTRATÉGIAS E REALIDADE

⚠️ Atenção às Mudanças do SISU 2026

Este ano traz uma novidade importante: os candidatos podem utilizar as notas das últimas três edições do Enem.

Ainda não podemos ter certeza dos impactos dessa mudança! É provável que a concorrência aumente, mas também pode crescer o número de "coleccionadores de aprovação" e outras pessoas que passam, mas não se matriculam, o que mantém a lista movimentada. Sabemos que é desafiador lidar com incertezas nesse momento já delicado, mas lembre-se que as mudanças impactam todos os candidatos igualmente. Historicamente, mesmo com mudanças na Lei de Cotas e no fim do SISU de meio de ano, os padrões de convocação na UFMG se mantiveram relativamente estáveis, como você pode ver por meio das outras cartilhas. A tabela abaixo mostra o histórico dos últimos 4 anos, sendo "PUC" a posição do último convocado na lista. Essas informações foram retiradas do site <https://www.ufmg.br/sisu/>.

*Com a mudança da Lei de Cotas, algumas modalidades deixaram de existir e outras foram acrescentadas. As que se mantiveram passaram por alterações no nome, conforme indicado na tabela.

Ano	Métrica	AC	LI_EP	LI_PPI	LI_PCD	LI_Q	LB_EP	LB_PPI	LB_PCD	LB_Q
2025	PUC	109	17	44	2	-	8	19	9	-
	Δ Corte	13,28	20,84	25,5	13,82	0	9,1	11,38	33,74	0
2024	PUC	108	6	20	3	1	4	33	8	---
	Δ Corte	15,58	2,56	12,18	6,34	68,64	8,68	13,64	46,12	---
antes da mudança na lei de cotas		AC	4.2	3.2	4.1	LI_Q	2.2	1.2	2.1	LB_Q*
2023	PUC	96	14	24	2	-	14	42	3	-
	Δ Corte	10,14	7,26	18,86	35,74	-	7,06	27,5	26,14	-
2022	PUC	68	22	27	-	-	5	19	-	-
	Δ Corte	17,3	22,4	25,58	0	-	3,4	12,9	0	-

Lista de espera

ESTRATÉGIAS E REALIDADE



Vale a pena arriscar?

A decisão de ficar na lista ou tentar um plano B é muito individual! É importante entender as consequências de cada possibilidade, e somente você sabe o tanto que cada fator pesa. Porém, para te auxiliar, trouxemos alguns pontos gerais importantes de se considerar:

- **Analise as cartilhas anteriores.** Pensando na nota e na classificação nas parciais do SISU, sua convocação foi uma realidade nos outros anos? Quando você seria chamado?
- Você consegue lidar com a **incerteza** de esperar convocações que podem ir até após o início das aulas do segundo semestre?
- Caso decida colocar sua nota e não seja convocado, é viável fazer mais um ano de cursinho? Você está participando de um outro processo seletivo fora do SISU?
- Caso opte por deixar a nota em uma faculdade na qual a aprovação esteja mais segura, como seria pra você se pessoas com classificações abaixo da sua fossem convocadas para a UFMG?
- O **arrependimento** de não tentar a UFMG seria maior do que o risco de deixar a nota na lista?

Sabemos o quanto esse momento é delicado e estamos aqui para apoiar e tranquilizar você, dentro do possível. Se quiser saber mais sobre como foram as nossas parciais e classificação no SISU, como lidamos com a ansiedade da lista, alguma dúvida mais técnica das manifestações de interesse ou qualquer outro detalhe do processo, vem trocar uma ideia com a gente! Já estivemos onde você está agora e ficaremos muito felizes em te dar esse apoio. Esperamos te ver em breve, na Maior de Minas! 😊

Lista de espera

REDE DE AJUDA

CONHEÇA ALGUNS DOS
NOSSOS VETERANOS
DISPOSTOS A TE AJUDAR!

Mariana Porto

Idade: 20 anos

Cidade de origem: BH

Tempo de cursinho: 2 anos

Whatsapp: 31986939925

Instagram: @mmariportoc



Caio Vinicius

Idade: 19

Cidade de origem: Leme SP

Tempo de cursinho: direto EM

Whatsapp: 19999460414

Instagram: @eu.quasecaio



Luisa Drummond

Idade: 20 anos

Cidade de origem: BH

Tempo de cursinho: 1 ano

Whatsapp: 31996092929

Instagram: @ludrumm

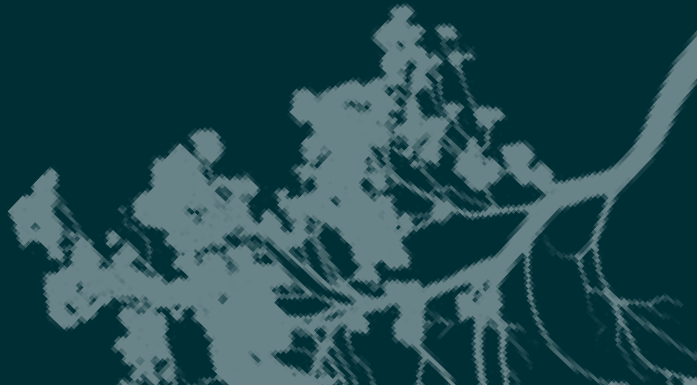




| NOTAS E DESEMPENHOS

"A nota mede o desempenho; não mede a inteligência, nem o sonho."

Rubem Alves



NOTAS E DESEMPENHOS

Notas de corte por dia do SISU 2025

	Parcial 1º dia	Parcial 2º dia	Parcial 3º dia	Parcial 4º dia	Nota de corte final
AC	812,80	812,24	812,40	812,30	812,48
LI_EP	801,50	801,38	799,88	801,38	801,38
LB_EP	777,60	777,60	775,70	755,70	777,60
LI_PPI	756,36	753,70	755,62	756,94	756,66
LB_PPI	735,80	735,92	737,28	736,52	735,82
LI_PCD	753,48	755,52	753,48	755,34	755,34
LB_PCD	734,92	736,60	733,24	733,24	733,24
LI_Q	740,12	765,96	765,96	750,92	765,96
LB_Q	735,82	750,92	750,92	718,88	750,92

EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

1ª lista (publicada em 19 de fevereiro de 2025)

	Antecipados	Convocados*	Maior nota*	Menor nota*
AC	39	66	812,42	804,12
LI_EP	4	7	800,76	796,54
LB_EP	4	6	776,68	771,04
LI_PPI	7	13	756,48	744,70
LB_PPI	1	3	735,80	734,72
LI_PCD	0	1	748,28	748,28
LB_PCD	1	1	722,34	722,34
LI_Q	0	0	-	-
LB_Q	0	0	-	-
Total	56 pessoas	97 pessoas	-	-

EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

2ª lista (publicada em 26 de fevereiro de 2025)

	Antecipados	Convocados*	Maior nota*	Menor nota*
AC	1	17	804,08	801,28
LI_EP	1	5	794,10	782,88
LB_EP	0	0	-	-
LI_PPI	1	4	744,46	742,82
LB_PPI	0	0	-	-
LI_PCD	0	0	-	-
LB_PCD	0	1	717,88	717,88
LI_Q	0	0	-	-
LB_Q	0	0	-	-
Total	3 pessoas	27 pessoas	-	-

EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

3ª lista (publicada em 7 de março de 2025)

	Antecipados	Convocados*	Maior nota*	Menor nota*
AC	1	2	801,26	801,16
LI_EP	0	1	782,66	782,66
LB_EP	1	1	769,58	769,58
LI_PPI	3	3	742,16	739,52
LB_PPI	3	3	734,64	732,60
LI_PCD	1	1	741,52	741,52
LB_PCD	0	0	-	-
LI_Q	0	0	-	-
LB_Q	0	0	-	-
Total	9 pessoas	11 pessoas	-	-

EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

4ª lista (publicada em 14 de março de 2025)

	Antecipados	Convocados*	Maior nota*	Menor nota*
AC	5	6	801,08	800,68
LI_EP	1	1	782,56	782,56
LB_EP	0	0	-	-
LI_PPI	0	0	-	-
LB_PPI	1	1	732,50	732,50
LI_PCD	0	0	-	-
LB_PCD	0	0	-	-
LI_Q	0	0	-	-
LB_Q	0	0	-	-
Total	7 pessoas	8 pessoas	-	-



EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

5ª lista (publicada em 19 de março de 2025)

Não houve candidatos antecipados ou convocados para o curso de Medicina.

6ª lista (publicada em 26 de março de 2025)

Não houve candidatos antecipados ou convocados para o curso de Medicina.

7ª lista (publicada em 31 de março de 2025)

Não houve candidatos antecipados ou convocados para o curso de Medicina.



EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

8ª lista (publicada em 12 de junho de 2025)

	Convocados	Maior nota	Menor nota
AC	7	800,32	799,32
LI_EP	0	-	-
LB_EP	0	-	-
LI_PPI	3	738,72	737,88
LB_PPI	1	731,82	731,82
LI_PCD	0	-	-
LB_PCD	0	-	-
LI_Q	0	-	-
LB_Q	0	-	-
Total	11 pessoas	-	-

EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

9ª lista (publicada em 16 de julho de 2025)

	Convocados	Maior nota	Menor nota
AC	0	-	-
LI_EP	0	-	-
LB_EP	0	-	-
LI_PPI	4	737,12	735,64
LB_PPI	8	731,26	726,42
LI_PCD	0	-	-
LB_PCD	0	-	-
LI_Q	0	-	-
LB_Q	0	-	-
Total	12 pessoas	-	-

EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

10ª lista (publicada em 24 de julho de 2025)

	Convocados	Maior nota	Menor nota
AC	0	-	-
LI_EP	0	-	-
LB_EP	1	768,50	768,50
LI_PPI	2	735,48	734,26
LB_PPI	1	725,80	725,80
LI_PCD	0	-	-
LB_PCD	0	-	-
LI_Q	0	-	-
LB_Q	0	-	-
Total	4 pessoas	-	-

EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

11ª lista (publicada em 4 de agosto de 2025)

	Convocados	Maior nota	Menor nota
AC	0	-	-
LI_EP	0	-	-
LB_EP	0	-	-
LI_PPI	0	-	-
LB_PPI	0	-	-
LI_PCD	0	-	-
LB_PCD	2	717,52	705,90
LI_Q	0	-	-
LB_Q	0	-	-
Total	2 pessoas	-	-

EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

12ª lista (publicada em 7 de agosto de 2025)

	Convocados	Maior nota	Menor nota
AC	1	799,30	799,30
LI_EP	0	-	-
LB_EP	0	-	-
LI_PPI	0	-	-
LB_PPI	1	724,56	724,56
LI_PCD	0	-	-
LB_PCD	1	703,20	703,20
LI_Q	0	-	-
LB_Q	0	-	-
Total	3 pessoas	-	-

EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

13ª lista (publicada em 13 de agosto de 2025)

	Convocados	Maior nota	Menor nota
AC	0	-	-
LI_EP	0	-	-
LB_EP	0	-	-
LI_PPI	2	733,74	731,72
LB_PPI	1	724,44	724,44
LI_PCD	0	-	-
LB_PCD	1	702,66	702,66
LI_Q	0	-	-
LB_Q	0	-	-
Total	4 pessoas	-	-

EVOLUÇÃO DA LISTA DE ESPERA

14ª lista (publicada em 18 de agosto de 2025)

Não houve candidatos convocados para o curso de Medicina.

15ª lista (publicada em 5 de setembro de 2025)

	Convocados	Maior nota	Menor nota
AC	2	799,30	799,20
LI_EP	1	780,54	780,54
LB_EP	0	-	-
LI_PPI	1	731,16	731,16
LB_PPI	0	-	-
LI_PCD	0	-	-
LB_PCD	2	700,54	699,50
LI_Q	0	-	-
LB_Q	0	-	-
Total	6 pessoas	-	-

O “ÚLTIMO” CONVOCADO

Para auxiliar vocês na análise da lista de espera, trouxemos a análise do caso da última pessoa da nossa turma a se matricular:

A última pessoa que se matriculou, no fechamento do sisu, estava na posição **330** - quando decidiu escolher a lista de espera da ufmg foi pra posição **107**, com **799,3 de média**.

Depois da primeira lista de espera, quando teve que confirmar a continuidade no site da UFMG, ela caiu pra **posição 33**.

Entre a 2° e 10° lista de espera **32 pessoas** foram chamadas na frente dela.

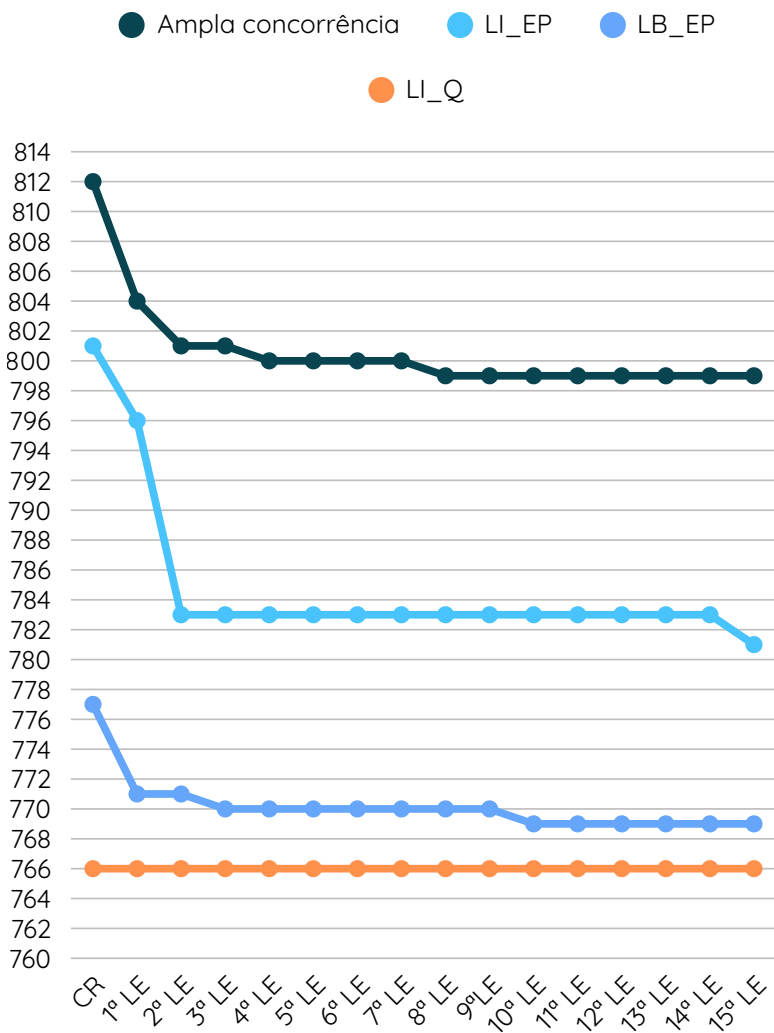
Após a 10° lista de espera (na qual ela não foi chamada) ela ficou como o candidata imediata a ser convocada em uma próxima lista, ou seja, a primeira da fila.

Na 11° lista **não houve** convocação para AC e a 12° lista de espera chamou ela, sendo a **última candidata confirmado a se matricular**.

Este candidato, com 799,3 de média, foi o último candidato convocado a realizar a matrícula regularmente, sendo que, **após ele**, foram convocadas mais duas pessoas (posição 108 e 110) na 15° lista de espera que não realizaram a matrícula e, por portanto, não conseguimos contato para obter os dados de suas posições, que seriam as reais últimas convocadas.

É importante lembrar que cada ano é único e possui suas particularidades, a lista não roda da mesma maneira sempre, então ponderem sobre!

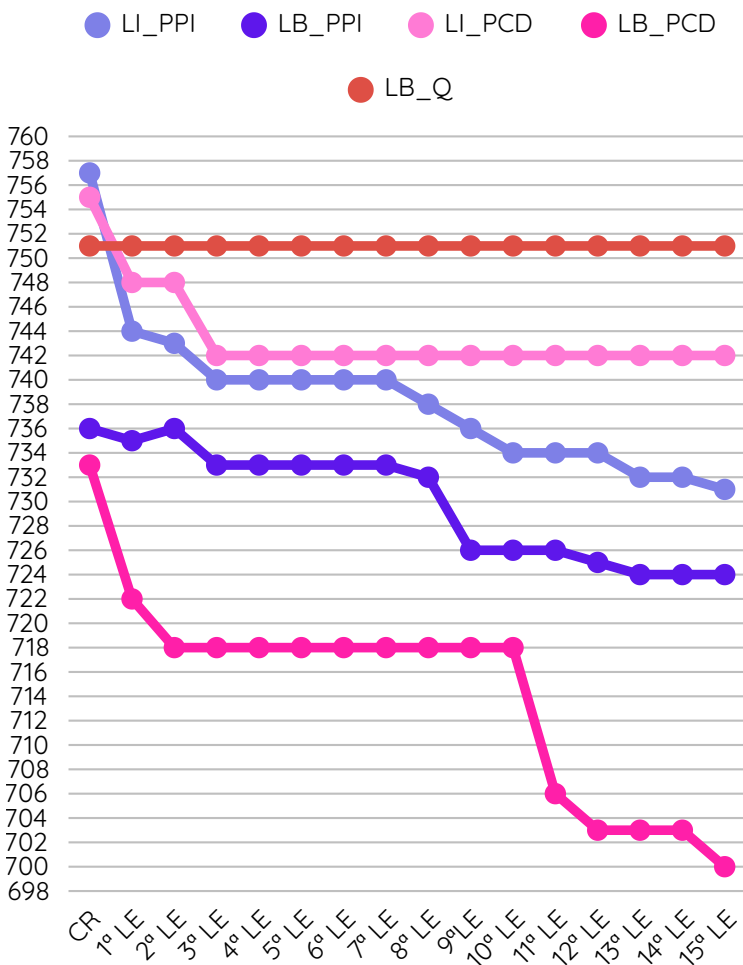
EVOLUÇÃO DAS NOTAS DE CORTE



CR = Chamada Regular

LE = Lista de Espera

EVOLUÇÃO DAS NOTAS DE CORTE



CR = Chamada Regular

LE = Lista de Espera

Notas e Acertos

LINGUAGENS

Nota	Nº de acertos	Nota	Nº de acertos	Nota	Nº de acertos
795,8	45	714,2	40	680,3	38
774,7	44	696,5		671,5	
749,1		688,3		670,1	
737,7	43	685,1		668,2	
726,6		683,5		659,9	
711,2		682,8		649,9	
708,7		680,7		645,3	37
690,0	42	679,3		658,7	
742,6		678,7		657,7	36
740,3		678,3		655,7	
722,0		675,5		641,0	
715,8		674,9		632,3	
710,4		673,2	39	651,6	35
709,7		672,1		648,7	
702,8		670,7		646,0	
700,6		669,8		645,9	
697,3		653,3		636,3	
693,5		651,9		634,0	
728,5	41	679,5		632,9	34
709,6		674,5		628,9	
707,4		674,4		622,0	
704,3		670,8		603,8	
702,0		669,4	33	638,8	35
699,7		664,7		632,8	
689,5		663,4		627,2	34
688,8		663,3		617,7	
684,4		657,1		621,5	34
672,7				606,9	
671,5				601,9	33
668,1					

Notas e Acertos

HUMANAS

Nota	Nº de acertos
819,7	45
817,4 810,4 794,0 789,9 783,4 762,9	44
808,2 795,7 789,8 788,1 781,8 781,5 776,3 774,0 771,6 761,9 761,2 756,6 747,3 746,1	43

Nota	Nº de acertos
788,9 788,1 781,1 768,6 766,9 762,5 762,0 759,0 756,6 756,1 749,6 747,8 744,4 743,1 739,0 736,3	42
770,1 765,9 765,7 750,6 749,3 745,0 746,0 742,9 739,0 731,6 729,8 727,7 727,0 726,3 716,4	41

Nota	Nº de acertos
746,7 746,1 744,5 740,7 738,7 738,2 736,2 734,4 733,3 728,6 724,0 718,4 713,9 713,0	40
727,4 700,0 698,4	39
704,5 702,8 696,6	38
738,8	37
673,7	36

Notas e Acertos

NATUREZA

Nota	Nº de acertos
867,2	45
835,6	44
747,1	43
809,3 803,8	42
796,6 792,4 791,2 785,7 779,8 777,9 775,2 759,4	41
790,8 789,1 777,9 773,5 763,4 756,7 755,3 755,1 744,6	40
791,7 788,9 753,2 752,6 750,3 744,3	39

Nota	Nº de acertos
758,6 752,0 751,1, 749,9 746,1 741,2 736,6 735,1 730,9 729,5 727,1	38
759,4 757,2 742,8 740,1 738,1 736,5 733,8 729,3 719,7	37
728,1 728,0 727,7 722,5 719,6 719,4 714,8 710,0 702,1 689,8	36
735,4 729,3 720,4 694,6	35

Nota	Nº de acertos
738,7 714,2 706,6 699,7	34
679,4	33
-	32
696,5	31
667,7	30
-	29
-	28
-	27
651,6 643,4	26
648,6	25

Notas e Acertos

MATEMÁTICA

Nota	N° de acertos
961,9	45
951,8 941,7 937,1 933,1 928,4 926,2 924,6 904,9	44
935,6 931,8 926,9 915,8 913,3 903,4	43
918,5 908,1 907,6 906,0 904,3 903,3 898,3 893,9 879,2 874,6	42
902,6 901,3 899,1 890,2 889,2 885,8 880,2 879,0 877,8 873,1 868,9	41

Nota	N° de acertos
900,4 891,3 889,0 885,6 881,9 879,8 878,9 872,2 851,2 849,3	40
884,1 872,7 868,5 866,3 865,7 858,2 858,1 856,7 855,6 847,6 836,8	39
872,6	37
874,6 841,2 825,5	38
839,1 835,9 824,8 794,7 777,0	36
834,7 822,9 818,8 798,6 784,5	35

Nota	N° de acertos
803,7 802,4 780,3	34
-	33
798,9 770,3	32
-	31
778,1 749,6	30
765,6 725,5	29
-	28
-	27
716,7	26
-	25
-	24
-	23
693,9	22

Desempenhos individuais

AMPLA CONCORRÊNCIA

Classificação		Linguagens		Ciências Humanas		Ciências da Natureza		Matemática		Redação		Geral	
CR	LE	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Acertos	Média
151	---	709,6	41	817,4	44	719,6	36	879	41	940	162	813,12	
152	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	813,1
153	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	813,02
154	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	813
155	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	812,96
156	---	726,6	43	744,5	40	750,3	39	906	42	940	164	812,88	
157	---	709,7	42	747,8	42	703,7	34	961,9	45	940	163	812,62	
158	---	693,5	42	761,2	43	759,4	37	928,4	44	920	166	812,5	
159	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	812,48
160	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	812,48
---	1	671,8	38	746	42	742,4	36	961,9	45	940	161	812,42	
---	2	715,8	42	745	41	755,1	40	885,8	41	960	164	812,34	
---	3	728,5	41	738,7	40	722,5	36	931,8	43	940	160	812,3	
---	4	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	812,24
---	5	685,1	40	789,9	44	714,2	34	951,8	44	920	162	812,2	
---	6	695,7	40	794	44	712,6	34	878,4	41	980	159	812,14	
---	7	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	811,98
---	8	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	811,98
---	9	714,2	40	736,2	40	741,2	38	926,9	43	940	161	811,7	
---	10	678,3	40	810,4	44	790,8	40	878,9	40	900	164	811,68	
---	11	634	36	788,1	43	779,8	41	915,8	43	940	163	811,54	
---	12	749,1	44	776,3	43	742,8	37	868,5	39	920	163	811,34	
---	13	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	811,3
---	14	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	811,02
---	15	657,7	37	759,7	41	735,1	38	941,7	44	960	160	810,84	
---	16	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	810,74
---	17	647,6	37	728,6	39	821,4	42	916	42	940	160	810,72	
---	18	670,7	40	765,9	41	791,2	41	865,7	39	960	161	810,7	
---	19	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	810,62
---	20	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	810,38
---	21	671,5	41	733,3	40	744,3	38	961,9	45	940	164	810,2	
---	22	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	809,58
---	23	767,2	39	767,2	43	764,5	39	961,9	45	880	166	809,56	
---	24	669,8	40	746,7	40	809,3	42	961,9	45	860	167	809,54	
---	25	711,2	43	747,3	43	752	38	937,1	44	900	168	809,52	
---	26	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	809,46
---	27	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	809,38
---	28	702	41	788,1	42	746,1	38	868,9	41	940	162	809,02	
---	29	632,9	36	727,7	41	835,6	44	907,6	42	940	163	808,76	
---	30	722,1	42	749,6	41	757,6	38	914,3	43	900	164	808,72	
---	31	688,8	41	759	42	740,1	37	893,9	42	960	162	808,36	
---	32	740,3	42	726,3	41	791,7	39	903,4	43	880	165	808,34	
---	33	655,7	37	739	42	744,6	40	941,7	44	960	163	808,2	
---	34	663,3	39	781,5	43	755,3	40	899,1	41	940	163	807,84	
---	35	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	807,7
---	36	663,4	39	746	41	789,1	40	879,8	40	960	160	807,66	
---	37	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	807,24
---	38	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	807,06
---	39	795,8	45	749,6	42	692,6	32	835,9	36	960	155	806,78	

Legenda:

Linha azul = pessoas convocadas que se matricularam regularmente

Linha branca = pessoas convocadas que não se matricularam

CR - chamada regular

LE - lista de espera

Em verde - maior acerto/nota da coluna

Em vermelho - menor acerto/nota da coluna

Classificação		Linguagens		Ciências Humanas		Ciências da Natureza		Matemática		Redação		Geral	
CR	LE	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Acertos	Média
---	40	645,3	38	781,8	43	773,5	40	913,3	43	920	164	164	806,78
---	41	674,4	39	728,6	40	775,2	41	935,6	43	920	163	163	806,76
---	42	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	806,64
---	43	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	806,6
---	44	668,2	38	819,7	45	738,7	34	866,3	39	940	156	156	806,58
---	45	682,8	40	808,2	43	710,1	36	931,8	43	900	162	162	806,58
---	46	674,9	40	788,9	42	736,5	37	872,2	40	960	159	159	806,5
---	47	670,8	39	743,1	42	756,7	40	961,9	45	900	166	166	806,5
---	48	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	806,06
---	49	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	806,06
---	50	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	806
---	51	684,4	41	750,6	41	785,7	41	847,6	39	960	162	162	805,66
---	52	663	39	758,1	42	758	38	889,2	42	960	161	161	805,66
---	53	704,3	41	736,3	42	720,4	35	885,6	40	980	158	158	805,32
---	54	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	805,28
---	55	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	805,22
---	56	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	805,04
---	57	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	804,96
---	58	737,7	43	768,6	42	735,4	35	822,9	35	960	155	155	804,92
---	59	672,7	41	746,1	40	763,4	40	881,9	40	960	161	161	804,82
---	60	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	804,62
---	61	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	804,5
---	62	675,9	40	734,2	43	770,7	40	901,4	41	940	164	164	804,44
---	63	707,4	41	700	39	729,3	35	904,9	44	980	159	159	804,32
---	64	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	804,16
---	65	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	804,12
---	66	640,3	38	784,8	42	730,9	37	924,6	43	940	160	160	804,12
---	67	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	804,08
---	68	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	803,96
---	69	774,7	44	734,4	40	695,6	29	874,6	42	940	155	155	803,86
---	71	722	42	789,9	44	729,3	37	855,6	39	920	162	162	803,36
---	74	730,3	43	780,9	42	703,6	34	840,4	37	960	156	156	803,04
---	75	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	802,6
---	76	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	802,44
---	77	678,7	40	781,1	42	727,1	38	904,9	44	920	164	164	802,36
---	78	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	802,06
---	79	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	801,98
---	80	651,9	40	770,1	41	777,9	41	889	40	920	162	162	801,78
---	81	663,3	39	749,3	41	753,2	39	902,6	41	940	160	160	801,68
---	82	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	801,6
---	83	690	43	788,1	43	757,2	37	872,6	37	900	160	160	801,58
---	84	683,5	40	742,9	41	736,6	38	884,1	39	960	158	158	801,42
---	85	657,1	39	766,9	42	803,8	42	879,2	42	900	165	165	801,4
---	86	674	38	747,6	40	687,7	31	937,1	44	960	153	153	801,28
---	87	699,7	41	731,6	41	714,8	36	880,2	41	980	159	159	801,26
---	88	697,3	42	795,7	43	694,6	35	858,2	39	960	159	159	801,16
---	89	680,7	40	729,8	41	792,4	41	961,9	45	900	167	167	801,08
---	90	681,6	40	776,3	43	725,8	34	880,9	41	940	158	158	800,92
---	92	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	800,74
---	93	658,7	37	771,6	43	747,1	43	926,2	44	900	167	167	800,72
---	94	664,1	38	772,9	43	771,5	39	854,9	39	940	159	159	800,68
---	96	700,6	42	746,1	43	796,6	41	918,5	42	840	168	168	800,36
---	97	688,3	40	756,6	42	777,9	40	818,8	35	960	157	157	800,32
---	98	702,8	42	727,4	39	728	36	903,3	42	940	159	159	800,3
---	99	708,7	43	762,9	44	751,1	38	858,1	39	920	164	164	800,16
---	100	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	800,1
---	101	679,5	39	738,2	40	738,1	37	904,3	42	940	158	158	800,02
---	104	641	37	704,5	38	759,4	40	951,8	44	940	159	159	799,34
---	105	652,6	39	747,9	43	746,2	37	909,9	43	940	162	162	799,32
---	107	661,7	38	709,2	39	733,8	37	951,8	44	940	158	158	799,3
---	108	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	799,3
---	110	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	799,2

Legenda:

Linha azul = pessoas convocadas que se matricularam regularmente

Linha branca = pessoas convocadas que não se matricularam

CR - chamada regular

LE - lista de espera

Em verde - maior acerto/nota da coluna

Em vermelho - menor acerto/nota da coluna

Desempenhos individuais

LI_EP

Classificação		Linguagens		Ciências Humanas		Ciências da Natureza		Matemática		Redação	Geral	
CR	LE	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Média
23	---	672,1	40	724	40	729,5	38	961,9	45	920	163	801,5
24	---	679,3	40	789,8	43	699,5	33	898,3	42	940	158	801,38
---	1	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	800,76
---	2	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	799,88
---	3	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	799,86
---	4	673,2	40	716,4	41	752,6	39	933,1	44	920	164	799,06
---	5	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	799,02
---	6	710,4	42	756,1	42	788,9	39	856,7	39	880	162	798,42
---	7	680,3	38	762,5	42	719,7	36	880,2	41	940	157	796,54
---	9	675,5	40	739	41	707,9	33	908,1	42	940	156	794,1
---	10	685,6	40	695,8	38	739	36	894,9	43	940	157	791,06
---	12	667,3	39	783,4	44	702,7	31	833	37	940	151	785,28
---	13	667,5	39	758,8	41	715,4	35	814,5	35	960	150	783,24
---	14	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	782,88
---	15	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	782,66
---	16	659,9	38	713,9	40	758,6	38	900,4	40	880	156	782,56
---	17	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	780,54

Desempenhos individuais

LB_EP

Classificação		Linguagens		Ciências Humanas		Ciências da Natureza		Matemática		Redação	Geral	
CR	LE	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Média
17	---	646	36	698,4	39	728,1	36	901,3	41	920	152	778,76
18	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	778,4
19	---	621,5	34	762	42	695,3	32	873,1	41	940	149	778,38
20	---	670,1	38	744,4	42	706,6	34	890,2	41	880	155	778,26
21	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	778,12
22	---	627,2	35	761,9	42	749,9	37	851,2	39	900	153	778,04
23	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	777,92
24	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	777,6
---	1	638,8	35	783,1	42	688,8	32	872,7	39	900	148	776,68
---	2	680	40	712,6	39	697	34	868,9	39	920	152	775,7
---	3	671,5	38	774	43	642,4	26	824,8	36	960	143	774,74
---	4	628,9	36	765,6	43	689,8	36	825,5	38	960	153	773,96
---	5	674,5	39	702,8	38	679,4	33	889,2	41	920	151	773,18
---	6	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	771,04
---	7	649,9	38	808,2	43	648,6	25	841,2	38	900	144	769,58
---	8	689,5	41	655,5	33	699,7	34	877,8	41	920	149	768,5

Legenda:

Linha azul = pessoas convocadas que se matricularam regularmente

Linha branca = pessoas convocadas que não se matricularam

CR - chamada regular

LE - lista de espera

Em verde - maior acerto/nota da coluna

Em vermelho - menor acerto/nota da coluna

Desempenhos individuais

LI_PPI

Classificação		Linguagens		Ciências Humanas		Ciências da Natureza		Matemática		Redação		Geral	
CR	LE	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Média	
41		669,4	39	673,7	36	696,5	31	874,6	38	880	144	758,84	
42												758,46	
43		606,9	34	718,4	40	722,2	35	778,1	30	960	139	758,22	
44		668,1	41	679,6	37	680,9	30	802,4	34	960	142	758,2	
45												757,2	
46		651,6	36	703,2	38	696,2	33	794,7	36	940	143	757,14	
47												756,94	
48												756,66	
	1											756,48	
	2											755,94	
	3											754,7	
	4											753,72	
	5											751,5	
	6											750,1	
	7											748,92	
	8	696,5	40	697,5	39	603,6	20	803,7	34	940	133	748,26	
	9	624,1	35	655,4	35	617,4	20	883,4	41	960	131	748,06	
	10											746,28	
	11	664,7	39	696,6	38	667,7	30	839,1	36	860	143	745,68	
	12											745	
	13											744,7	
	14											744,46	
	15	636,3	36	727	41	652,6	25	765,6	29	940	131	744,3	
	16	695	39	704,7	38	690,1	31	805,4	35	820	143	743,04	
	17											742,82	
	18	651,6	40	651	32	672,5	29	795,7	34	940	135	742,16	
	19											741,62	
	20											739,52	
	21											738,72	
	22											738,46	
	23											737,88	
	25											737,12	
	26											736,16	
	27	613,5	34	661,9	35	613,6	21	891,3	41	900	131	736,06	
	29											735,64	
	30											735,48	
	35											734,26	
	36											733,74	
	41	666,9	39	738,4	41	648,6	26	724,7	26	880	132	731,72	
	44											731,16	

Legenda:

Linha azul = pessoas convocadas que se matricularam regularmente

Linha branca = pessoas convocadas que não se matricularam

CR - chamada regular

LE - lista de espera

Em verde - maior acerto/nota da coluna

Em vermelho - menor acerto/nota da coluna

Desempenhos individuais

LB_PPI

Classificação		Linguagens		Ciências Humanas		Ciências da Natureza		Matemática		Redação	Geral	
CR	LE	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Média
32	-----	669,6	41	740,7	40	651,6	26	693,9	22	940	129	739,16
33	-----	680,2	41	655,7	35	638,4	26	781	33	940	135	739,06
34	-----	621,6	36	691,9	35	671,2	36	809,9	33	900	140	738,92
35	-----	648,7	36	686,2	35	719,4	36	780,3	34	860	141	738,92
36	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	738,82
37	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	738,68
38	-----	625,9	33	705,3	37	640,2	25	781,2	30	940	125	738,52
39	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	738,1
40	-----	601,9	32	713	40	637,1	22	776,5	30	960	124	737,7
41	-----	622	36	655,6	35	651,9	27	798,9	32	960	130	737,68
42	-----	632,8	35	662,2	38	675,2	34	777	36	940	143	737,44
43	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	737,28
44	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	737,2
45	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	736,94
46	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	736,52
47	-----	653,3	40	678,7	36	648,3	28	761,8	29	940	133	736,42
48	-----	617,7	35	652,1	35	670,7	30	798,6	35	940	135	735,82
-----	1	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	735,8
-----	2	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	735,32
-----	3	624,3	32	686,1	36	658,7	30	784,5	31	920	129	734,72
-----	4	645,9	36	771,6	43	650,2	29	725,5	29	880	137	734,64
-----	5	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	734,3
-----	6	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	732,6
-----	7	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	732,5
-----	8	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	731,82
-----	9	580,4	29	669,8	37	631,4	24	834,2	35	940	125	731,26
-----	10	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	731,22
-----	11	603,8	36	671,1	36	668,9	30	771,8	31	940	133	731,12
-----	12	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	729,92
-----	13	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	729,8
-----	14	632,5	37	687,4	39	605,8	23	782	32	940	131	729,54
-----	15	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	728,62
-----	16	618,9	36	728,6	42	660,3	27	724,3	26	900	131	726,42
-----	17	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	725,8
-----	18	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	724,56
-----	19	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	724,44

Legenda:

Linha azul = pessoas convocadas que se matricularam regularmente

Linha branca = pessoas convocadas que não se matricularam

CR - chamada regular

LE - lista de espera

Em verde - maior acerto/nota da coluna

Em vermelho - menor acerto/nota da coluna

Desempenhos individuais

LI_PCD

Classificação		Linguagens		Ciências Humanas		Ciências da Natureza		Matemática		Redação		Geral	
CR	LE	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	
6													755,52
7													755,34
	1												748,28
	2												741,52

Desempenhos individuais

LB_PCD

Classificação		Linguagens		Ciências Humanas		Ciências da Natureza		Matemática		Redação		Geral	
CR	LE	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	
4													737,88
5													736,6
6		584,5	31	713,7	40	686,1	32	770,3	32	920	135		734,92
7													733,24
	1												722,34
	2	640,6	38	738,8	37	660,4	29	749,6	30	800	134		717,88
	3												717,52
	5												705,9
	6												703,2
	7												702,66
	8												700,54
	9												699,5

Desempenhos individuais

LB_Q

Classificação		Linguagens		Ciências Humanas		Ciências da Natureza		Matemática		Redação		Geral	
CR	LE	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	
1		618,7	33	699,1	39	680	34	836,8	39	920	145		750,92

Legenda:

Linha azul = pessoas convocadas que se matricularam regularmente
 Linha branca = pessoas convocadas que não se matricularam
 CR - chamada regular
 LE - lista de espera

Em verde - maior acerto/nota da coluna
 Em vermelho - menor acerto/nota da coluna

Médias da turma

ENEM 2024

Linguagens
670,8

Matemática
867,1

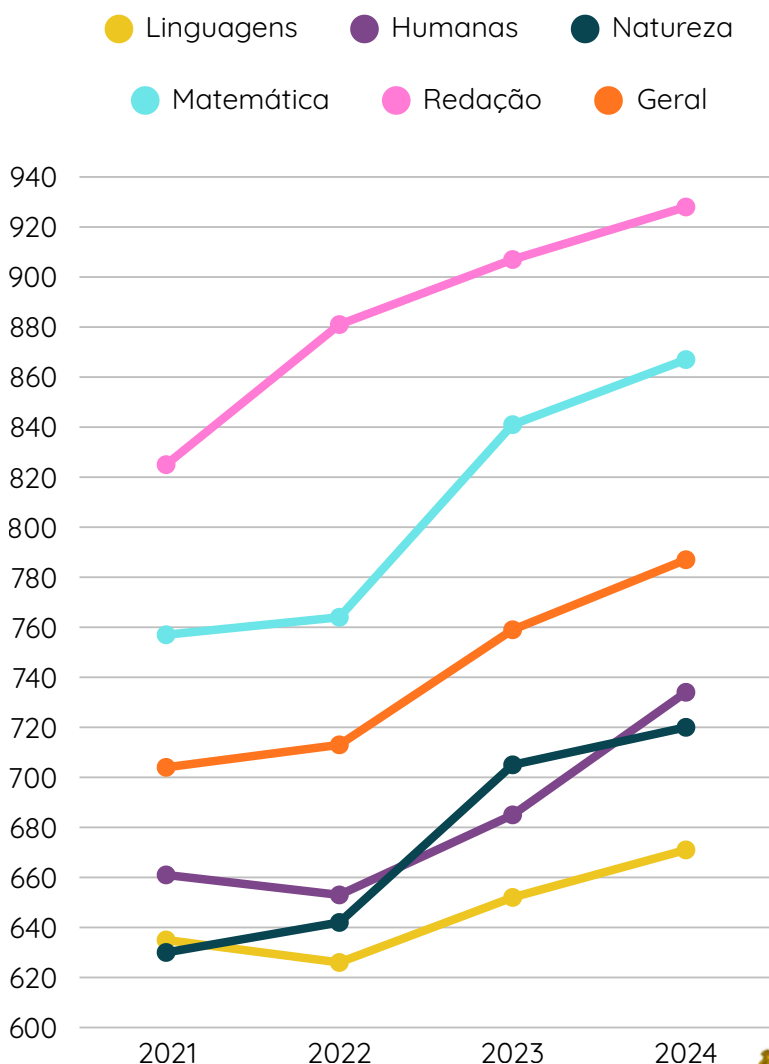
Redação
928,4

Natureza
719,6

Humanas
733,6

**Média
geral:
778,94**

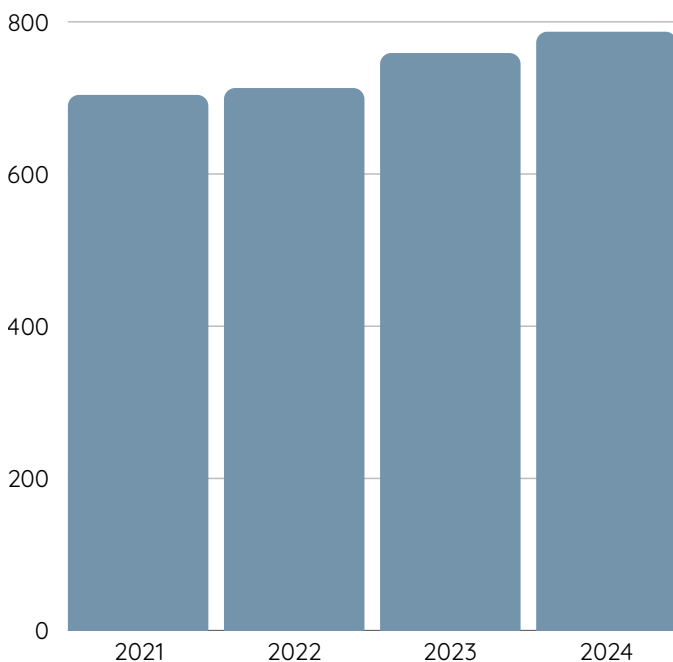
EVOLUÇÃO DE NOTAS MÉDIAS DA TURMA NO ENEM



Métricas da turma

EVOLUÇÃO GERAL NO ENEM

Média simples calculada com base
nas respostas individuais

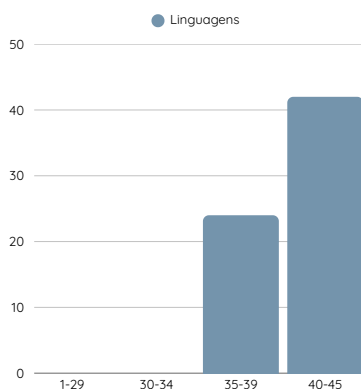


Lembre-se que essa é apenas uma interpretação
geral dos dados, nem toda evolução é linear!

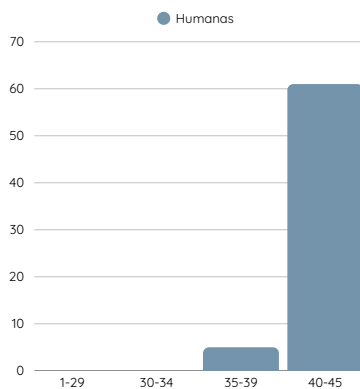
Métricas da turma

AMPLA CONCORRÊNCIA

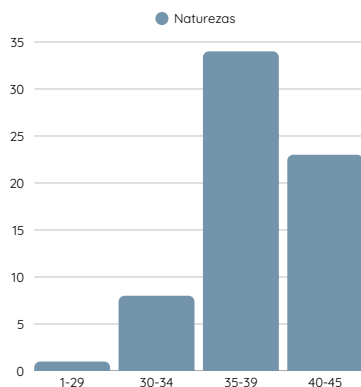
Frequência por patamares de acerto



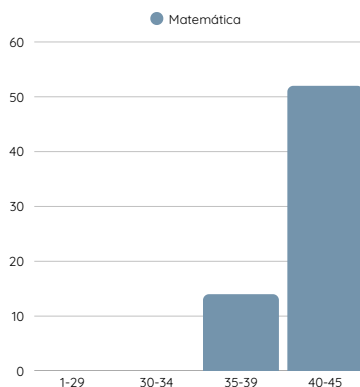
Frequência por patamares de acerto



Frequência por patamares de acerto



Frequência por patamares de acerto





Métricas da turma

AMPLA CONCORRÊNCIA

Área do conhecimento	Média	Moda	Máximo	Mínimo
Linguagens	40,15	40	45	36
Humanas	41,74	42	45	38
Naturezas	37,86	40	44	29
Matemática	41,61	44	45	35
Redação	934.93	940	980	840

👁️ Observações sobre as métricas da turma:

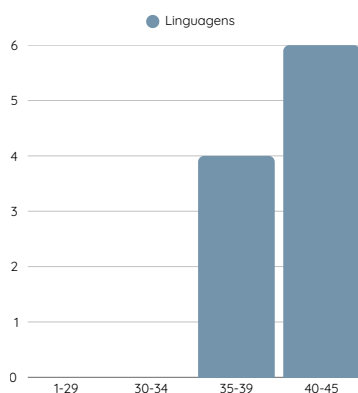
- Matemática e Ciências Humanas apresentaram as maiores médias e os maiores valor de moda para a turma.
- Ciências da Natureza tem a menor média de acertos e o menor número de acertos mínimos. É a única área que apresenta registros abaixo de 30 acertos na ampla concorrência, o que indica uma dificuldade maior para o grupo analisado.
- Humanas foi uma área de alto desempenho, com 92% do grupo atingindo o patamar dos 40-45 acertos.



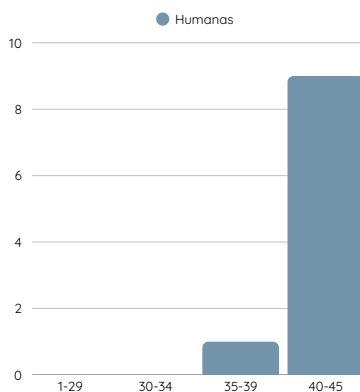
Métricas da turma

LI_EP

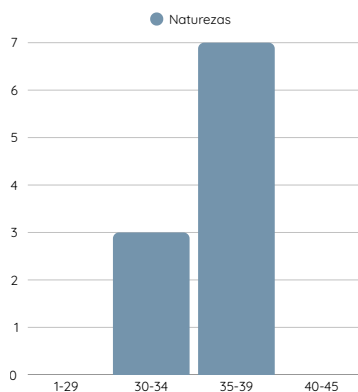
Frequência por patamares de acerto



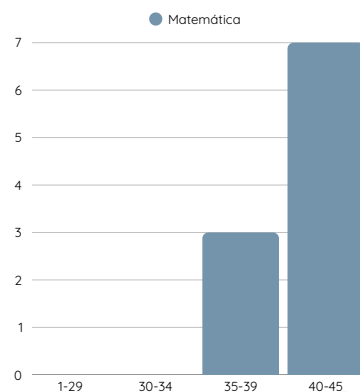
Frequência por patamares de acerto



Frequência por patamares de acerto



Frequência por patamares de acerto





Métricas da turma

LI_EP

Área do Conhecimento	Média	Moda	Máximo	Mínimo
Linguagens	39.6	40	42	38
Ciências Humanas	41.2	41	44	38
Ciências da Natureza	35.8	33	39	31
Matemática	40.8	42	45	35
Redação	926	940	960	880

👁️ Observações sobre as métricas da turma:

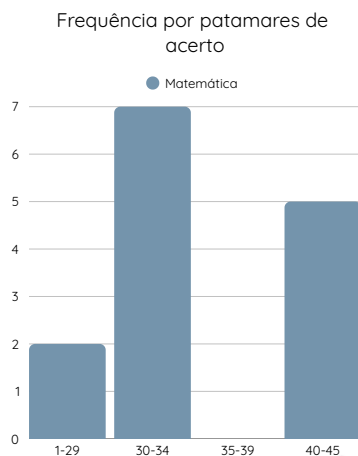
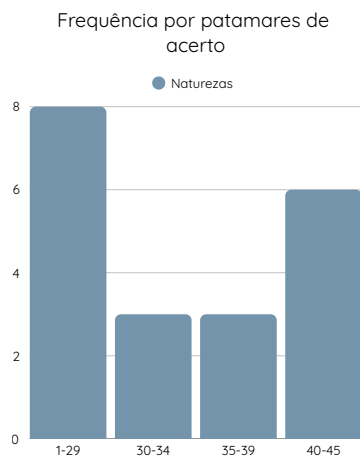
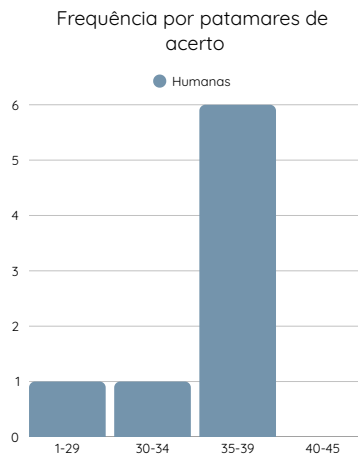
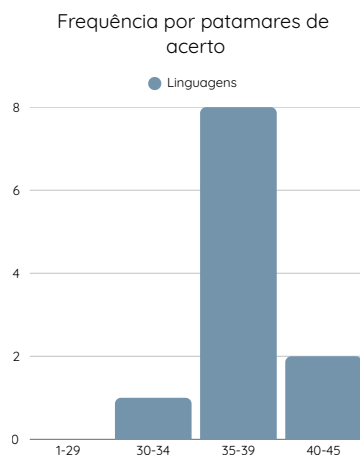
- Ciências Humanas apresenta a maior média de acertos (41.2), seguida por Matemática (40.8).
- Humanas foi uma área de alto desempenho, com 90% do grupo atingindo o patamar dos 40-45 acertos
- Ciências da Natureza possui a menor média de acertos (35.8), indicando que esta área foi, em média, a mais desafiadora para o grupo analisado.
- Em Matemática, houve o maior número de acertos possível (45).





Métricas da turma

LB_EP





Métricas da turma

LB_EP

Área do Conhecimento	Média	Moda	Máximo	Mínimo
Linguagens	37.0	38	41	34
Ciências Humanas	40.2	42	43	33
Ciências da Natureza	33.1	34	37	25
Matemática	40.4	41	41	36
Redação	920	920	960	880

👁️ Observações sobre as métricas da turma:

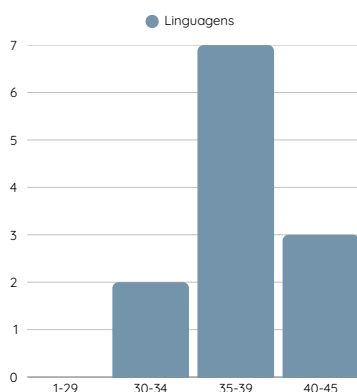
- Matemática (40.4) e Ciências Humanas (40.2) apresentam as médias mais altas de acertos.
- Ciências da Natureza apresenta o menor número mínimo (25) e a menor média (33.1), indicando que foi a área com maior dificuldade no grupo analisado.



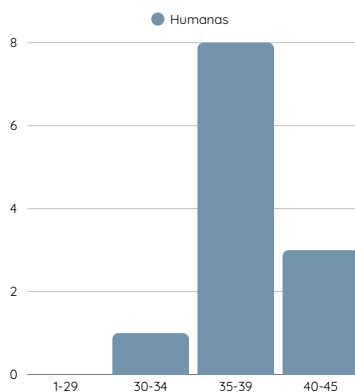
Métricas da turma

LI_PPI

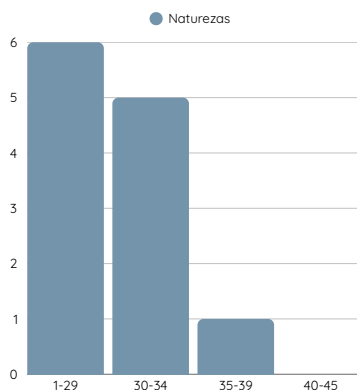
Frequência por patamares de acerto



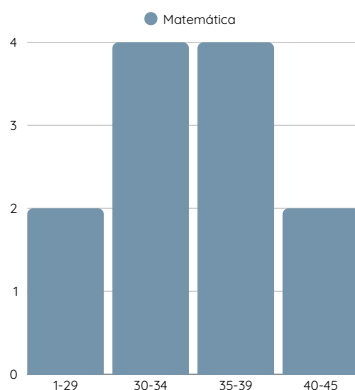
Frequência por patamares de acerto



Frequência por patamares de acerto



Frequência por patamares de acerto





Métricas da turma

LI_PPI

Área do Conhecimento	Média	Moda	Máximo	Mínimo
Linguagens	37.7	39.0	41.0	34.0
Ciências Humanas	37.5	38.0	41.0	32.0
Ciências da Natureza	27.6	20.0	35.0	20.0
Matemática	34.5	34.0	41.0	26.0
Linguagens	37.7	39.0	41.0	34.0

👁️ Observações sobre as métricas da turma:

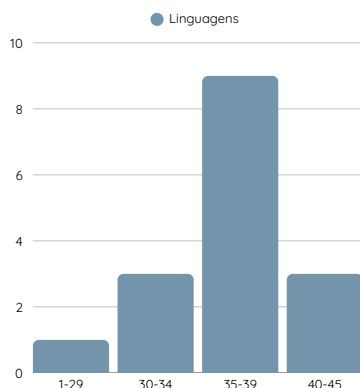
- Linguagens (37.7) e Ciências Humanas (37.5) apresentaram as maiores médias de acertos.
- Ciências da Natureza tem a menor média (27.6) e a menor moda (20.0), indicando que esta área foi a mais difícil para o grupo. É a única área que não registrou nenhuma entrada na faixa de acertos mais alta (40-45).



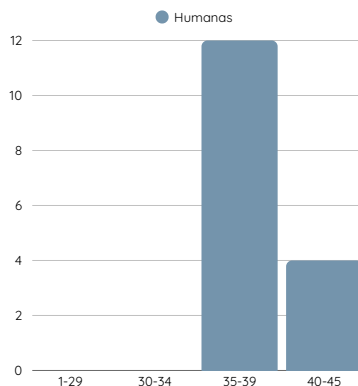
Métricas da turma

LB_PPI

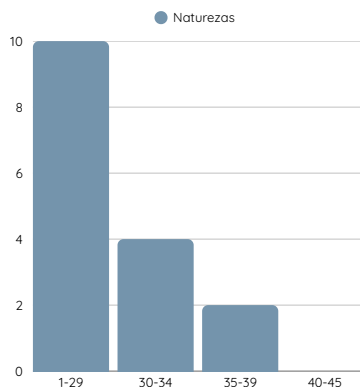
Frequência por patamares de acerto



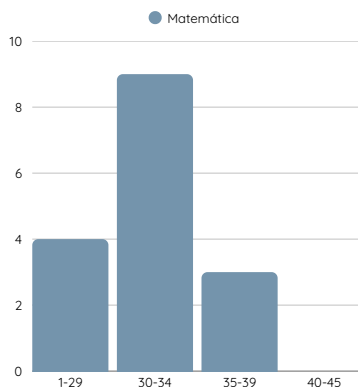
Frequência por patamares de acerto



Frequência por patamares de acerto



Frequência por patamares de acerto





Métricas da turma

LB_PPI

Área do Conhecimento	Média	Moda	Máximo	Mínimo
Linguagens	37.5	36	41	29
Ciências Humanas	37.4	35	43	35
Ciências da Natureza	28.3	30	36	32
Matemática	31.1	*	36	32
Redação	927.5	940	960	860

👁️ Observações sobre as métricas da turma:

- Ciências Humanas teve o desempenho mais consistente e alto, com a grande maioria (12) situada no patamar de 35-39 acertos e ninguém abaixo de 35.
- Ciências da Natureza apresentou a maior dificuldade, concentrando a maioria das notas (10) no patamar mais baixo (1-29).
- *Nota sobre Matemática: A amostra é multimodal, ou seja, houve empate na frequência de seis valores (cada um apareceu 2 vezes).





Métricas da turma

***Nota sobre a coleta de dados e espaço amostral:**

A análise estatística requer um volume mínimo de dados para garantir métricas confiáveis. Para evitar distorções nos cálculos, optamos por não analisar grupos com menos de 5 participantes.

Devido à baixa adesão ao formulário ou ao número reduzido de vagas em certas categorias, os dados coletados foram insuficientes para uma leitura precisa das métricas das seguintes modalidades: LI_PCD, LI_Q, LB_PCD e LB_Q.



Evolução de notas CANDIDATOS INDIVIDUAIS

Heloise Agostinho Dias Ferreira

ampla concorrência



Maria Cecília Heringer Schuchther

ampla concorrência



Evolução de notas CANDIDATOS INDIVIDUAIS

Anônimo 1

ampla concorrência



Anônimo 2

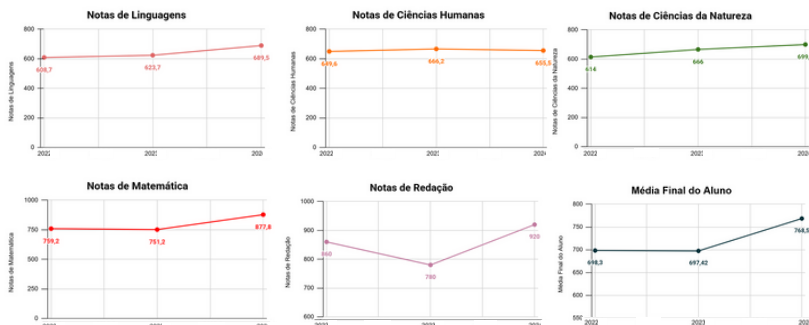
ampla concorrência



Evolução de notas CANDIDATOS INDIVIDUAIS

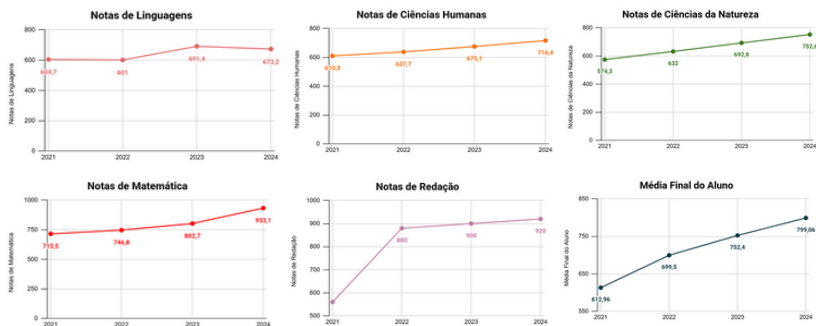
Anônimo 3

LB_EP - último convocado nessa modalidade



Ana Luiza Afonso Arround da Silva

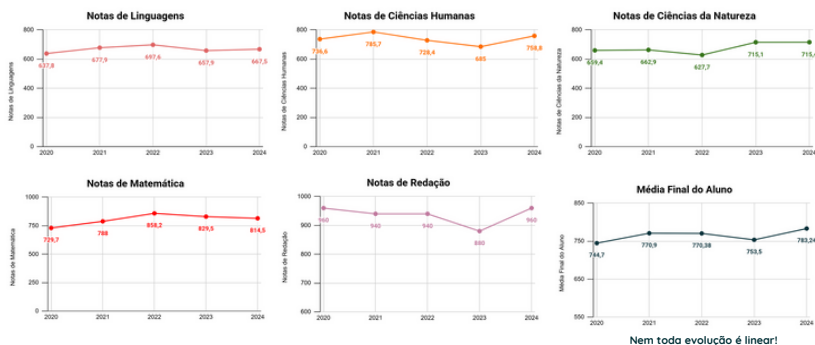
LI_EP



Evolução de notas CANDIDATOS INDIVIDUAIS

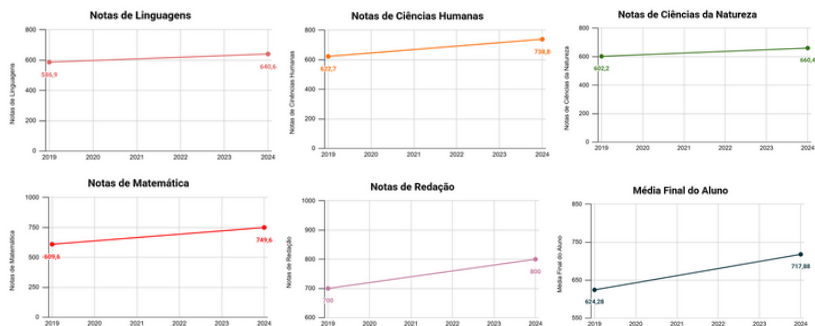
Anônimo 4

LI_EP



Anônimo 5

LB_PCD - (o candidato não realizou as provas do enem entre os anos de 2020 a 2023)

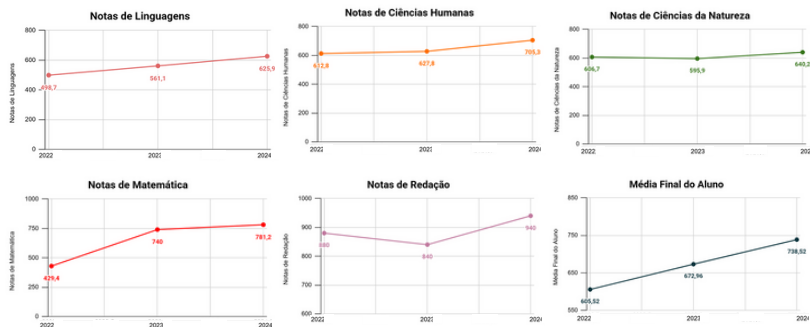


Evolução de notas

CANDIDATOS INDIVIDUAIS

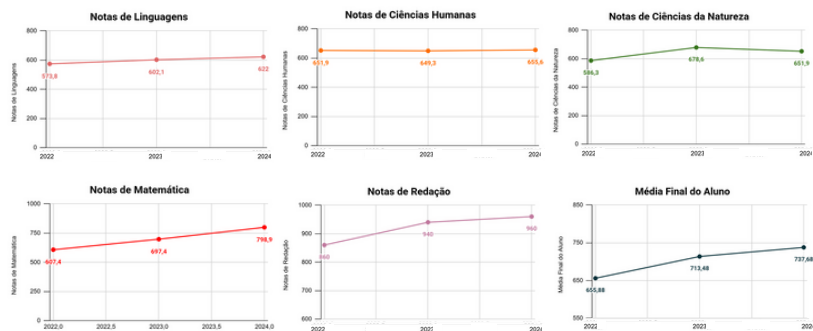
Anônimo 6

LB_PPI



Anônimo 7

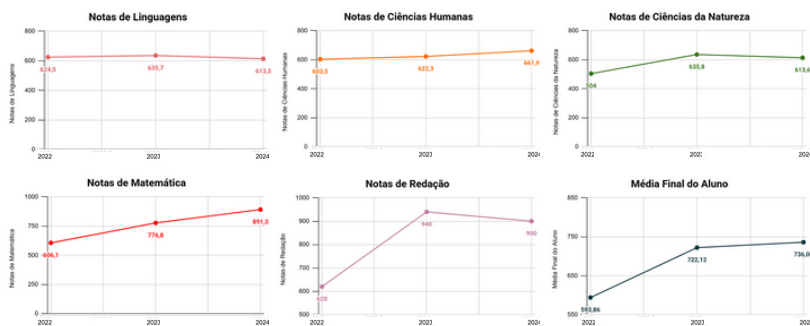
LB_PPI



Evolução de notas CANDIDATOS INDIVIDUAIS

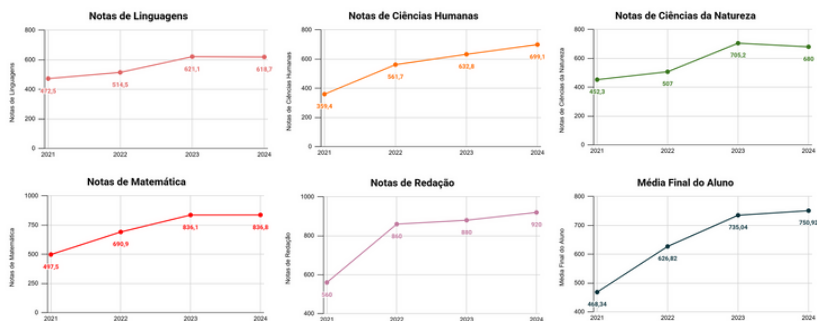
Anônimo 8

LI_PPI



Anônimo 9

LB_Q

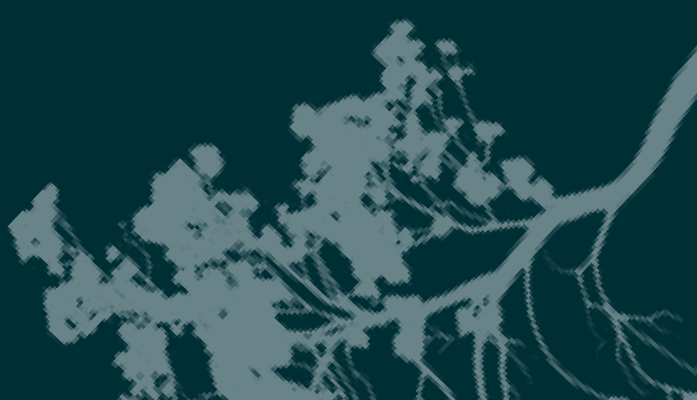




| RAIO-X DOS APROVADOS

"Ninguém enfrenta aquilo que não compreende."

Paulo Freire





RAIO-X dos aprovados

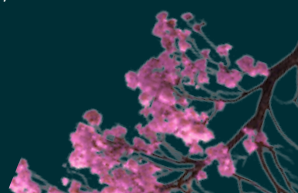
Aqui você encontrará o perfil dos aprovados da nossa querida turma.

Para além das notas, os dados informados nas próximas páginas são de suma importância para analisar o perfil dos alunos que compõem a 170ª turma de uma das maiores faculdades de medicina do país.

Nessa seção você poderá encontrar pessoas dos mais diversos cantos do Brasil que passaram por diferentes vivências até chegar na UFMG, onde, certamente, você encontrará alguém com características semelhantes as suas.

Fizemos, ainda, um recorte dos dados entre ampla concorrência e modalidade de cotas para além do resultado geral (este, sempre em destaque), para que seja possível analisar os diferentes perfis em cada modalidade por questões que perpassam, por exemplo, gênero, raça e idade.

Os dados foram coletados via forms disponibilizado no grupo da turma, das 160 pessoas regularmente matriculadas, obtemos respostas de 119, sendo 67 AC e 52 cotistas.



O MAPA DA 170!



Em Minas Gerais:

36,25%
com origem
no interior
de Minas



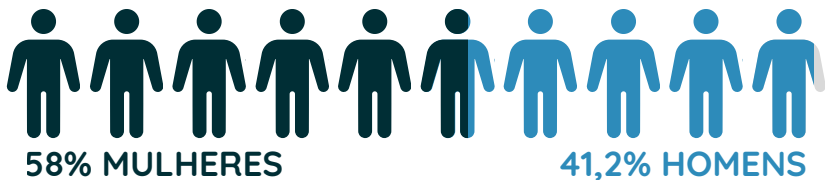
63,75%
com origem
de BH e região
metropolitana

Região de Origem:



GÊNERO

0,8% (uma pessoa)
não declarou



gênero na ampla concorrência:

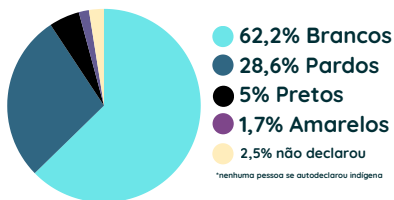


gênero na modalidades de cotas:

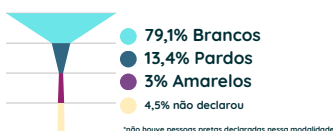


AUTODECLARAÇÃO DE COR

A classificação de cor foi baseada nas categorias utilizadas pelo IBGE!



na ampla concorrência:

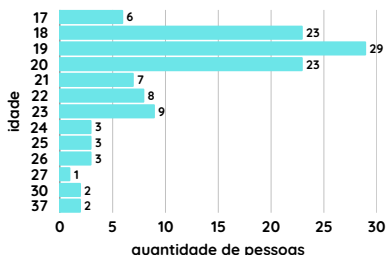


na modalidades de cotas:



1/3 (33,6%) da 170 é composta por pessoas negras!

IDADE AO SER APROVADO



na ampla concorrência:

49,3%
entre 19
e 21 anos



34,3% entre 17 e 18 anos
16,4% entre 22 e 30 anos

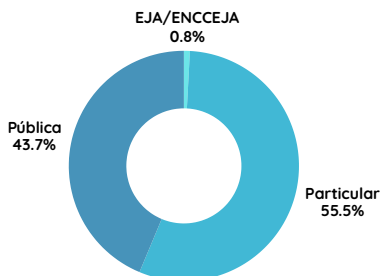
na modalidades de cotas:

50%
entre 19
e 21 anos

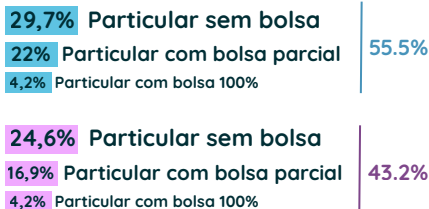


11,5% entre 17 e 18 anos
34,6% entre 22 e 30 anos
3,9% +30 anos

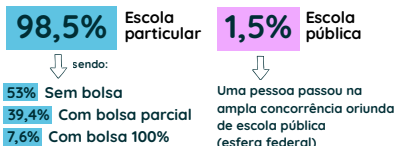
FORMAÇÃO NO ENSINO MÉDIO



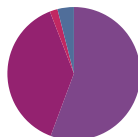
Sendo que, no geral:



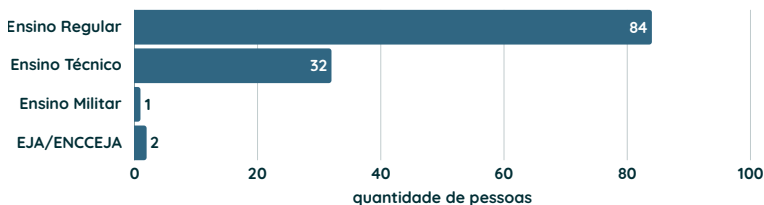
na ampla concorrência:



na modalidade de cotas:



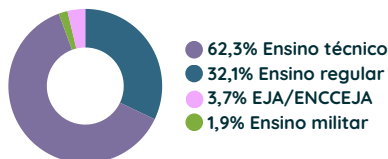
TIPO DE FORMAÇÃO NO ENSINO MÉDIO



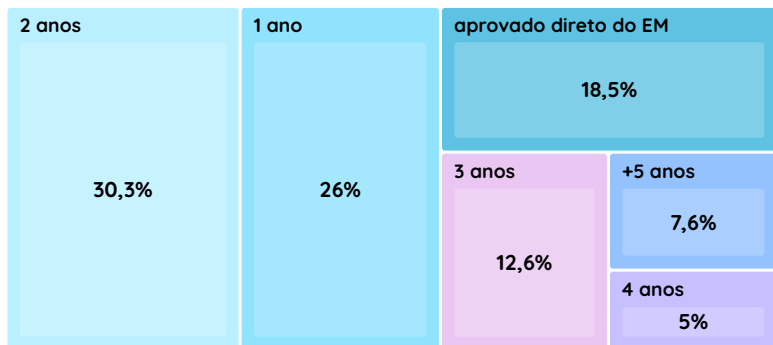
na ampla concorrência:



na modalidade de cotas:



TEMPO DE CURSINHO/ESTUDOS

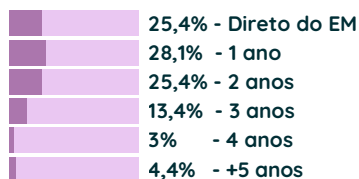


Da turma foi aprovada com até 2 anos de cursinho

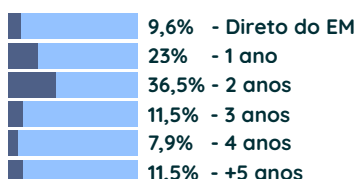


Da turma foi aprovada com 3 ou mais anos de cursinho

na ampla concorrência:

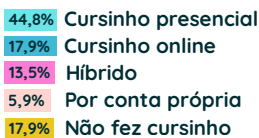


na modalidade de cotas:



COMO ESTUDOU?

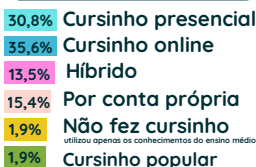
na ampla concorrência:



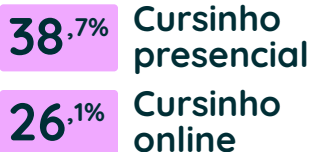
utilizou apenas os conhecimentos do ensino médio



na modalidade de cotas:



utilizou apenas os conhecimentos do ensino médio



13,4% Híbrido
presencial + online



10,9% Não fez cursinho
utilizou apenas os conhecimentos de ensino médio

10,1% Por conta própria

0,8% Cursinho popular

Para além das aulas, exercícios e simulados, entendemos que a preparação para o vestibular envolve outros processos fundamentais para um estudo saudável, como a saúde física e mental, por isso perguntamos para a 170:

USO DE REDES SOCIAIS



- 26,1% Manteve o mesmo uso
- 63,9% Diminuiu o uso
- 10% Parou de usar

na ampla concorrência:



- 25,4% Manteve o mesmo uso
- 67,7% Diminuiu o uso
- 8,9% Parou de usar

na modalidades de cotas:



- 26,9% Manteve o mesmo uso
- 61,5% Diminuiu o uso
- 11,6% Parou de usar

ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DURANTE A PREPARAÇÃO

- 58% Não fez nenhum tipo de acompanhamento
- 29,4% Sim, psicólogo
- 0,8% Sim, psiquiatra



Pelo menos 42% da turma fez algum tipo de acompanhamento mental, seja psicólogo ou psiquiátrico, durante o período de preparação.

11,8% Sim, psicólogo e psiquiatra

na ampla concorrência:



- 50,7% Não fez nenhum tipo de acompanhamento
- 31,3% Sim, psicólogo
- 16,5% Sim, psicólogo e psiquiatra
- 1,5% Sim, psiquiatra

na modalidades de cotas:



- 67,3% Não fez nenhum tipo de acompanhamento
- 26,9% Sim, psicólogo
- 5,8% Sim, psicólogo e psiquiatra

FREQUÊNCIA DE ATIVIDADE FÍSICA

na ampla concorrência:



73,1% Fez atividade física algumas vezes na semana

9% Fez atividade física todos os dias na semana

17,9% Não fez nenhum tipo de atividade física

na modalidades de cotas:



48% Fez atividade física algumas vezes na semana

19,3% Fez atividade física todos os dias na semana

32,7% Não fez nenhum tipo de atividade física

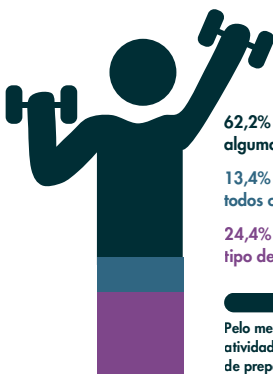
62,2% Fez atividade física algumas vezes na semana

13,4% Fez atividade física todos os dias na semana

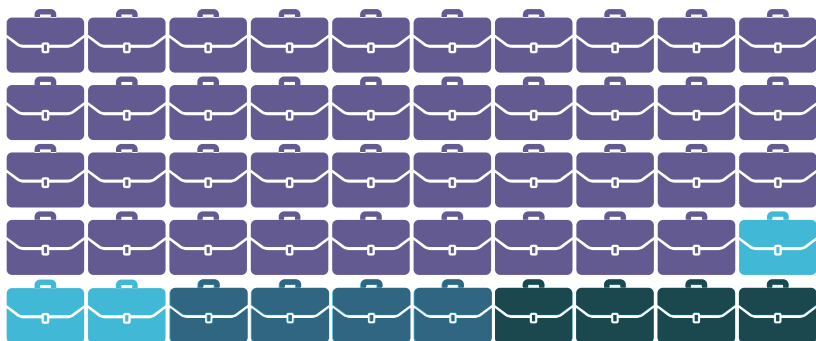
24,4% Não fez nenhum tipo de atividade física

75,6%

Pelo menos 75,6% da turma fez atividade física durante o período de preparação



TRABALHOU ENQUANTO ESTUDAVA?



78%

Não trabalhou

5,9%

Em período integral

8,5%

Em meio período

7,6%

Como autônomo
(sem horário fixo)

na ampla concorrência:

92,5%

Não trabalhou

1,5%

Em período integral

1,5%

Em meio período

4,5%

Como autônomo



Nessa modalidade, uma pessoa trabalhou em período integral e uma outra pessoa trabalhou meio período

na modalidades de cotas:



59,6%

Não trabalhou

11,5%

Em período integral

17,4%

Em meio período

11,5%

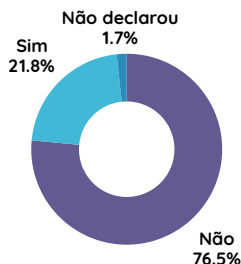
Como autônomo

40,4% dos aprovados na modalidade de cotas trabalharam pelo menos um turno durante o período de preparação

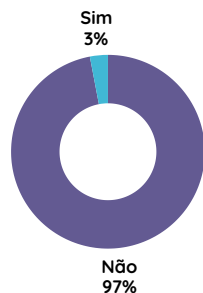
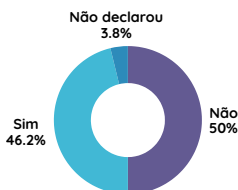
É FUMPISTA?

*Fumpista é o apelido carinhosamente dado a todos os estudantes da UFMG que são assistidos pela FUMP, instituição explicada na página 09 da cartilha.

na ampla concorrência:



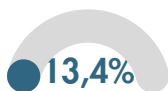
na modalidades de cotas:



CURSOU OUTRA GRADUAÇÃO?



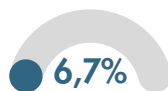
Não
cursou



Cursou, mas não
concluiu



Sim, medicina em
outra faculdade



Sim, e se
formou

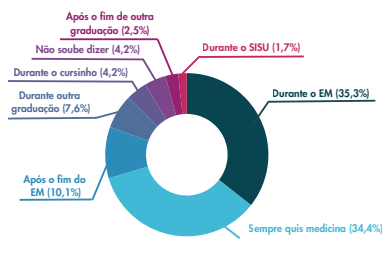
na ampla concorrência:

- 79,1% Não cursou
- 10,5% Cursou mas não concluiu
- 1,5% Sim e se formou
- 8,9% Medicina em outra faculdade

na modalidade de cotas:

- 55,8% Não cursou
- 17,2% Cursou mas não concluiu
- 13,5% Sim e se formou
- 13,5% Medicina em outra faculdade

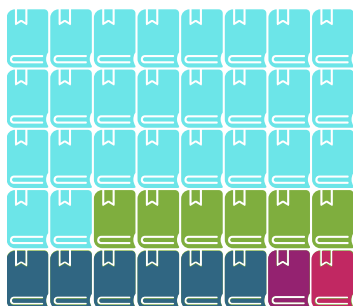
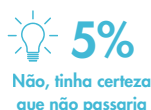
QUANDO ESCOLHEU MEDICINA?



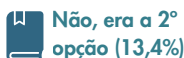
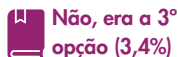
TEVE OUTRAS APROVAÇÕES EM MEDICINA?



ESTAVA CONFIANTE ENQUANTO ESTUAVA?



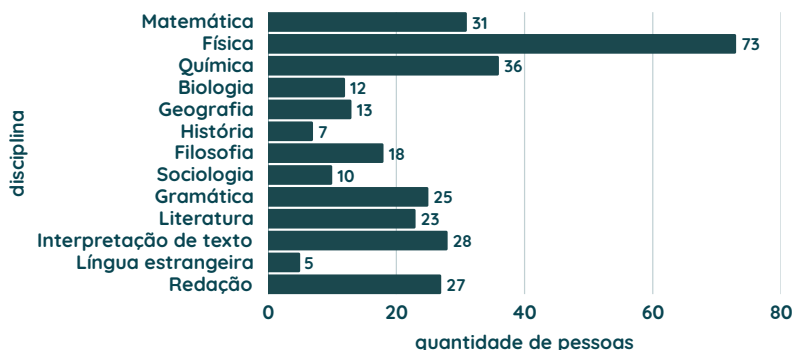
A UFMG ERA SUA PRIMEIRA OPÇÃO?



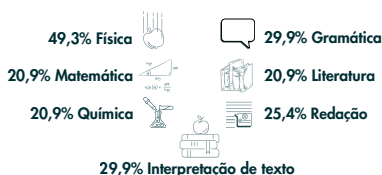
Para as 4 perguntas imediatamente acima não houve discrepâncias significativas nas porcentagens informadas pelos aprovados em ampla concorrência e na modalidade de cotas, por isso, optamos por não separar esses dados.



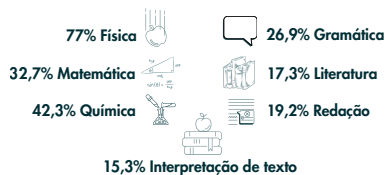
MATÉRIAS EM QUE TINHA MAIS DIFICULDADE



na ampla concorrência:

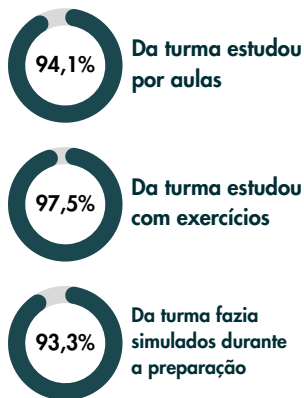
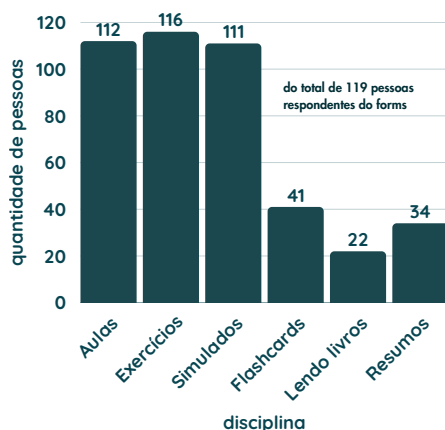


na modalidades de cotas:



COMO ESTUDOU?

*Não houve discrepâncias significativas entre ampla concorrência e modalidade de cotas sendo, praticamente, unanimidade a utilização de aulas, exercícios e simulados nos estudos.

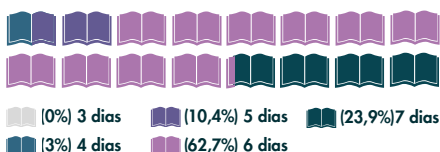


Em ambas as enquetes dessa página os alunos da 170 tinham a opção de responder a mais de uma alternativa, isso explica o porquê da soma de todas as pessoas e as porcentagens informadas em cada uma das perguntas ultrapassarem o número total de alunos da turma.

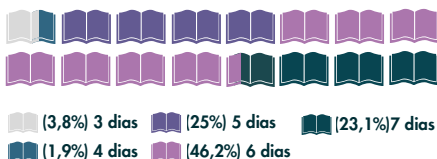
QUANTIDADE DE DIAS QUE ESTUDAVA POR SEMANA



na ampla concorrência:

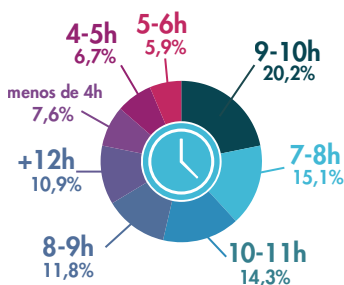


na modalidades de cotas:

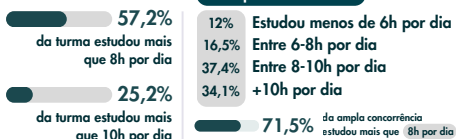


HORAS DE ESTUDO POR DIA

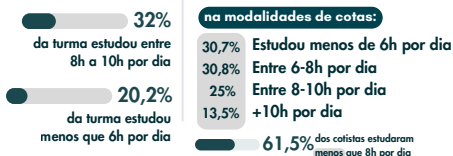
Foi pedido para a 170 que contabilizasse o tempo de aula + estudo individual !



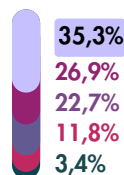
na ampla concorrência:



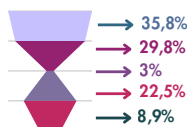
na modalidades de cotas:



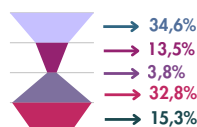
FAZIA QUANTAS REDAÇÕES POR SEMANA?



na ampla concorrência:



na modalidades de cotas:



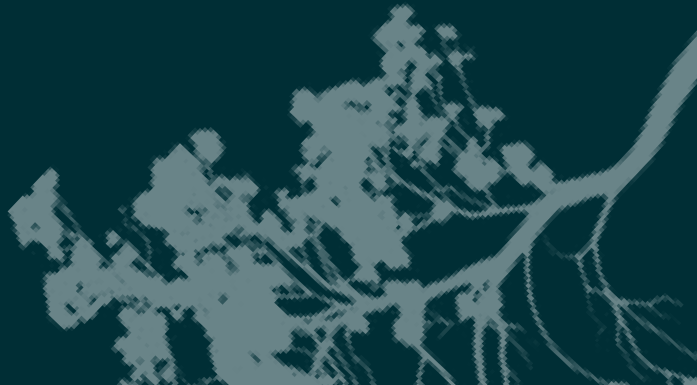
Legenda: ● Uma por semana ● Não tinha regularidade ● Duas por semana ● Mais de uma apenas quando próximo a data da prova ● +3 por semana



| REDAÇÕES E ESPELHOS

"Digo! o real não está na saída nem na chegada! ele se dispõe para a gente é no meio da travessia."

João Guimarães Rosa



“DESAFIOS PARA A VALORIZAÇÃO DA HERANÇA AFRICANA NO BRASIL”

TEXTOS MOTIVADORES:

TEXTO I

Herança – o legado de crenças, conhecimentos, técnicas, costumes, tradições, transmitido por um grupo social de geração para geração; cultura.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (adaptado).

TEXTO II

As culturas africanas e afro-brasileiras foram relegadas ao campo do folclore com o propósito de confiná-las ao gueto fossilizado da memória. Folclorizar, nesse caso, é reduzir uma cultura a um conjunto de representações estereotipadas, via de regra, alheias ao contexto que produziu essa cultura.

OLIVEIRA, E. D. A epistemologia da ancestralidade. *Entrelugares*: revista de sociopoética e abordagens afins, 2009.

TEXTO III



PAULINO, R. Ainda a lamentar. In: GONÇALVES, A. M. *Um defeito de cor*: romance. Rio de Janeiro: Record, 2024 (adaptado).

TEXTO IV

História afro-brasileira nas escolas: professoras comentam avanços e dificuldades

As aulas sobre escravidão eram motivo de vergonha para uma professora quando ela estudava em uma escola municipal na zona sul de São Paulo. “Era o meu pior momento na escola”, lembra a ex-aluna. Naquela época, a história da população negra no Brasil era reduzida ao horror do período escravocrata. Não se falava na escola sobre temas como a história e a cultura afro-brasileira, muito menos sobre as grandes personalidades negras do país, como Luiz Gama e Carolina Maria de Jesus.

A pedagoga, que é negra, tem orgulho de oferecer uma experiência diferente da que viveu em sala de aula para seus alunos. Agora os livros infantis levados para as turmas têm protagonistas pretos. Temas como a beleza do cabelo crespo e o combate ao racismo fazem parte do dia a dia da escola.

Disponível em: <https://jornal.unesp.br>. Acesso em: 3 jun. 2024 (adaptado).

TEXTO V

Histórias para ninar gente grande
G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira
(samba-enredo de 2019)

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato
Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Disponível em: www.mangueira.com.br.
Acesso em: 30 maio 2024 (fragmento).

TEXTO VI

Alunos de escola municipal conhecem pontos do Rio que retratam relação com a África



Alunos admiram grafite de Zumbi dos Palmares na Pedra do Sal.

Disponível em: www.oglobo.com. Acesso em: 29 maio 2024 (adaptado).

DOUGLAS SAMUEL DOS REIS SILVA

Nota: **860** C1: 100 C2: 200 C3: 160 C4: 200 C5: 200

Na obra cinematográfica *Pantera Negra*, Wakanda, um país fictício localizado na África. Embora seja extremamente evoluído tecnologicamente, apresenta uma grande riqueza cultural que provem das iniciativas de manterem as tradições. Traçando um paralelo com a realidade. No Brasil atual, mesmo possuindo influência africana em sua construção existem desafios para a valorização dessa herança que são constituídos não só pelo preconceito sofrido pela cultura, mas também pelo desconhecimento da população.

Em primeira análise, é importante ressaltar que, um dos motivos que impedem a valorização dos saberes afro-brasileiros advém do período da colonização brasileira. Porque está foi a época na qual povos africanos eram escravizados e trazidos para o país servindo como mão de obra. Portanto esse processo de dominação cultural, suprimiu as tradições daqueles que foram subjugados o que fazia com que os indivíduos que permanecessem com as tradições de sua terra natal fossem discriminados. Todavia, mesmo com o fim da escravidão, devido a falta de políticas públicas visando inserir essa população na sociedade. Acarretou em sujeitos excluídos, o que contribuiu ainda mais para o surgimento do preconceito, não somente contra os indivíduos, mas contra toda a herança e cultura que possuíam. Logo, criando um desafio a ser superado ao buscar valorizar esses costumes.

Ademais, outro fator que influencia na problemática supracitada, é o desconhecimento da população brasileira a respeito de suas origens. Segundo o educador Paulo Freire: a educação é a principal ferramenta de transformação social e libertação de opressões. Porém, tal ferramenta não se mostra eficaz, uma vez que, devido ao preconceito originado no período colonial as escolas não abordam completamente os heróis de origem africana ou afro-brasileira como Zumbi dos Palmares e Luiz Gama o que ocasiona em um desconhecimento da população sobre sua história, ou seja, não permitindo que a educação atue como forma de transformação social. Pois o não entendimento da história de uma nação evidencia um empecilho para a valorização de seu passado.

Sendo assim, para a solução de tal problemática é necessário que. O governo federal, utilizando o Ministério da Educação — entidade responsável pela criação da base nacional curricular. Apresente para a população um novo repertório sobre a população africana, por meio da introdução de novas disciplinas nas escolas que visem mostrar para os estudantes a importância da cultura a fim de reduzir o preconceito existente e buscando ampliar o conhecimento da sociedade sobre. Portanto, usando a educação como ferramenta de transformação social como idealizava Paulo Freire. Dessa forma atuando com a finalidade de estabelecer uma sociedade mais justa que valorize suas origens. Criando assim um país que se assemelhe a Wakanda da obra *Pantera Negra*.

ESPELHO DA REDAÇÃO

DOUGLAS SAMUEL DOS REIS SILVA

Nota: **860** C1: 100 C2: 200 C3: 160 C4: 200 C5: 200

1 Na obra cinematográfica *Batoto Negro*, de Walter, um país fictício localizado no Afica. Embora seja
2 externamente evoluiu tecnologicamente, apresenta uma grande riqueza cultural que provém das influên-
3 çias de imponem as tradições e legados um paralelo com a realidade. No Brasil atual, mesmo possuindo a
4 influência africana em sua composição, existem desafios para a valorização dessas heranças que são constitui-
5 das não só pelo preconceito sobre a cultura, mas também pelo desrespeito à diversidade de população.
6 Em primeira análise, é importante ressaltar que um dos motivos que impedem a valorização dos saberes
7 afro-brasileiros culmina do período da colonização brasileira. Porque este foi o época em que povos
8 africanos eram escravizados e tratados que o país servindo como mão de obra. Portanto, esse processo
9 de dominação cultural suprimiu as tradições e legados que fazem parte da identidade e herança o que fa-
10 zia com que as pessoas individuais que pertenciam com os traços de sua ancestralidade fossem dis-
11 criminadas. Todavia, mesmo com a fim da escravidão, devido a falta de políticas públicas visando
12 inserir essa população na sociedade. Assentou em supostas exclusões, o que contribuiu ainda mais
13 para o esquecimento da presença, não somente em indivíduos, mas também toda a herança
14 e cultura que possuem. Logo, prioriza um desafio a ser superado ao buscar valorizar esses costumes.
15 Ademais, outro fator que influencia no problema supracitado, é o desrespeito à diversidade de popula-
16 ções brasileiras a respeito de suas origens. Segundo o educador Paulo Freire, a educação é o principal
17 agente de transformação social e luta contra a opressão. Porém, tal ferramenta não se mostra eficaz
18 uma vez que, devido ao preconceito originado no período colonial as escolas não oferecem comple-
19 tamente os temas de origem africana ou afro-brasileira como Zumbi dos Palmares e Luiz Gama,
20 o que ocasiona em um desrespeito à população sobre sua história, ou seja, não permitindo
21 que a educação atue como fator de transformação social. Pois, o não entendimento da histó-
22 ria de uma nação evidencia um empecilho para a valorização de sua identidade.
23 Sendo assim, para a solução de tal problemática é necessário que o governo federal, utilize
24 da o Ministério da Educação, embaixador responsável pela criação do novo currículo curricular. Apoiando
25 para a população um novo repertório para sobre a população africana, por meio da inclusão de ma-
26 térias disciplinares nos estudos que visem mostrar que as contribuições e importância da cultura a fim
27 de valorizar a diversidade existente e buscar por ampliar o conhecimento do sociedade sobre. Portanto, um
28 na a solução passa necessariamente de transformação social como idealizador Paulo Freire. Desse for-
29 modo com a finalidade de estabelecer uma sociedade mais justa que valorize suas origens e
30 da assim um país que se assemelhe o *Wakanda* do filme *Black Panther*.

NATANAEL GOMES DE ASSIS

Nota: **900** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 180 C5: 160

Sob autoria do geógrafo Itamar Vieira Júnior, a obra “Torto Arado” narra os conflitos e o racismo enfrentados por duas mulheres negras no interior da Bahia. Fora do misticismo do livro, a experiência das personagens metaforiza-se na figura de um Brasil real que, ao negligenciar sua herança africana, mantém intocadas suas raízes racistas. Nesse sentido, a necessária valorização da cultura afroamericana dar-se-á com a superação de dois fatores: a mentalidade social escravocrata e a inoperância do Estado.

Diante desse cenário, cabe primeiro pontuar o papel das raízes coloniais e do racismo na afirmação da subalternidade da cultura negra dentro da sociedade. Isso decorre do fato de o Brasil, por ser a última nação das Américas a abolir a escravidão, pouco se preocupou em integrar a população negra recém liberta ao país. Assim, dentro do tecido social, antes e agora, permanecem presentes as separações entre “senhor” e “escravo”, “casa grande” e “senzala”. Dessa forma, essa noção de inferioridade, socialmente construída, impõe à população negra não só os piores indicadores socioeconômicos, mas também a negação da própria cultura.

Além disso, é válido destacar a ausência do Estado no que tange às políticas de valorização da cultura afrodescendente. Acerca disso, o sociólogo Boaventura Santos cunhou o termo “colonialismo insidioso” para descrever essas situações em que, apesar de algumas conquistas sociais, como a Constituição de 88, persistem atuantes estruturas de dominação e exploração. Em outras palavras, o vasto aparato legal brasileiro não se materializa na prática, seja pela falta de fiscalização das políticas, seja pela herança escravocrata do próprio Estado. Logo, o mesmo país que levou milhões de negros às favelas no pós-abolição, hoje marginaliza seus costumes e tradições.

Portanto, para garantir enfim a valorização da herança africana no país, é urgente que medidas sejam tomadas. Desse modo, o Governo Federal, por meio de uma articulação do Ministério da Igualdade Racial e do TCU, deve lançar a Frente em Defesa da Cultura Afrobrasileira, a qual deverá garantir recursos para realizações de projetos culturais com foco no povo negro, mas também atuar na fiscalização dessa e de outras iniciativas. Isso deve ser feito afim de romper com o colonialismo insidioso, garantir a valorização da tradição africana, para então o Brasil começar a arar um caminho longe das amarras racistas que o prendem.

ESPELHO DA REDAÇÃO

NATANAEL GOMES DE ASSIS

Nota: **900** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 180 C5: 160

Atenção: este é o enunciado da prova, não é o texto da redação. O texto da redação está na página seguinte.

1 O autor da pesquisa, Haroldo Lúcia Júnior, a dra. "Introdução" trata o racismo e o ^{raz} ~~raz~~
2 como importantes por duas mulheres negras no interior da Bahia. São do misticismo do livro
3 a inspiração das personagens mitológicas e a figura de um Brasil real que, ao negligenciar
4 a sua história, aplica o mantimento intocadas suas raízes racistas. Nesse sentido,
5 a mesma investigação da cultura afro-brasileira dar-se-á como suposição de dois
6 fatores: a mentalidade racial escravista e a inoperância do Estado.
7 Diante desse cenário, cabe primeiro pontuar o papel das raízes coloniais e do ^{racismo} ~~racismo~~
8 na afirmação da intolerância da cultura negra dentro da sociedade. Isso decorre do
9 fato de o Brasil, por ser a última raça dos colonizadores, ter sido, em verdade, pouco se quis
10 ~~superar~~ ^{superar} em integrar a população negra recém-livada ao país. Oprimido dentro do sistema
11 social, antes e agora, permanece presente as separações entre "senhor" e "servo", "branco
12 grande" e "negro". Dessa forma, uma noção de inferioridade, socialmente construída
13 impõe à população negra não só os piores indicadores socioeconômicos, mas também
14 a negação da própria cultura.
15 Além disso, é cabível destacar a atuação do Estado no que tange às políticas de
16 valorização da cultura afro-brasileira. Olexia disse, o sociólogo Boaventura Santos
17 cunha o termo "colonialismo acadêmico" para descrever essas situações em que apenas
18 algumas conquistas sociais, como a constituição de 88, ^{atribuem} ~~atribuem~~ estruturas de
19 dominação e exploração. Em outras palavras, o vasto aparato legal brasileiro não se ma-
20 tualiza na prática, seja pela falta de fiscalização das políticas, seja pela inércia e
21 exacerbada do próprio Estado. Logo, o mesmo país que levou milhões de negros à for-
22 tas no pós-abolição, hoje marginaliza seus costumes e tradições.
23 Portanto, para garantir a plena valorização da herança africana no país, é neces-
24 sário que medidas sejam tomadas. De um modo o Governo Federal, por meio de uma
25 articulação do Ministério da Igualdade Racial e do TCU deve sancionar a frente em
26 Oefici da Cultura Afro-brasileira a qual deverá garantir recursos para a realização
27 de projetos culturais em ^{todo} ~~todo~~ o país negro, mas também atuar na fiscalização
28 de outras iniciativas. Isso deve ser feito além de romper com o colonialismo in-
29 siderado, garantir a valorização da tradição africana, para então o Brasil começar
30 a andar um caminho longe das amarras racistas que o prendem.

PEDRO IAN DOS SANTOS ANTUNES

Nota: **900** C1: 160 C2: 200 C3: 160 C4: 180 C5: 180

A Constituição de 1988 garante a proteção e a valorização das práticas culturais (como literatura, dança, entre outros) de todos os cidadãos brasileiros. No entanto essa garantia não se faz presente em sua totalidade, visto que ainda tem desafios para a valorização da herança africana no Brasil. Logo, o legado deixado pelo período colonial e a negligência estatal são pontos significativos na temática. Dessa maneira, são necessárias medidas que solucionem tal situação.

Com efeito, é notório como a herança colonial mostra-se como um desafio associado à problemática. Nesse viés, isso se justifica pelo fato da cultura construída pelos colonizadores ser baseada na “supervalorização” do que é de origem europeia e inferiorização do que remete à África e à figura do negro (que, por ser escravo, tudo que tinha relação com ele era considerado “lixo” pela população daquele período), sendo essa ideia passada de geração em geração até os dias de hoje. Tal ocorrência tornou o fator temporal como um determinante para a prática de desvalorização ficar impregnada na sociedade em diversos setores — educação, sistema trabalhista, etc —, fazendo com que uma grande parte dos cidadãos encarem de maneira negativa, costumes oriundos da herança africana. Sob essa óptica, isso é exemplificado pelo caso de uma senhora — de ascendência africana —, moradora de uma cidade da região norte do país, que, segundo o G1, foi obrigada pelo dono da casa que alugava a queimar suas esculturas religiosas referentes à religião do Candomblé (que é de origem africana) — pelo simples motivo delas não serem do agrado do senhorio, chegando ele a ameaçar efetivar uma ordem de despejo contra a moça, caso ela não cumprisse o que foi mandado. Isso elucida como essa cultura de desvalorização ainda está enraizada no Brasil. Desse modo, é urgente a criação de projetos sociais, pelo governo, que busquem desnormalizar esse costume.

Ademais, a negligência estatal também é uma questão decisiva no problema. Nesse sentido, isso é evidenciado pela Folha de São Paulo, que mostrou dados informando que mais de 1400 cidadãos entram no ensino superior por ano sem terem tido uma única aula sobre o legado africano na história nacional. Sob esse viés, é perceptível como o Estado não investe o suficiente no ensino sobre a cultura negra dentro do currículo escolar, assim dificultando a desconstrução dessa cultura como algo “estranho” (já que os estudantes sempre a verão com certo desconhecimento) e, consequentemente, diminuindo a chance dela ser valorizada pelas gerações futuras. Dessa forma, é essencial a utilização de políticas públicas, pela Administração Nacional, para resolver essa dificuldade.

Portanto, diante do cenário dos desafios para a valorização da herança africana no Brasil, é imprescindível que o Poder Público, através de projetos de lei, crie campanhas de conscientização — como palestras e eventos em locais abertos urbanos — acerca da importância da história da África para o país e de desmantelamento da herança preconceituosa deixada pelos europeus, para que, assim, a população afrobrasileira receba o reconhecimento de sua significância cultural.

ESPELHO DA REDAÇÃO

PEDRO IAN DOS SANTOS ANTUNES

Nota: **900** C1: 160 C2: 200 C3: 160 C4: 180 C5: 180

1 A Constituição de 1988 garante a proteção e a valorização das culturas populares culturais (como literatura, dança, música,
2 entre outras) de todos os cidadãos brasileiros. No entanto, uma grande parte da população, em sua maioria, não tem acesso a essas
3 formas de expressão, a valorização da herança africana no Brasil, logo, a longo tempo, durante esse período colonial, e a mesti-
4 çagem racial não foram devidamente valorizadas. Dessa maneira, não conseguimos perceber que a valorização das
5 culturas,
6 com o tempo, e também como a herança cultural, muitas vezes, vem sendo desvalorizada e prejudicada. No entanto, as
7 heranças culturais são valorizadas pelas comunidades, sendo valorizadas na própria comunidade, a qual é
8 de origem europeia, africana e indígena, a qual vem sendo valorizada. A herança cultural, a qual vem sendo valorizada, a qual
9 vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
10 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
11 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
12 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
13 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
14 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
15 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
16 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
17 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
18 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
19 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
20 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
21 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
22 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
23 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
24 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
25 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
26 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
27 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
28 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
29 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada,
30 a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada, a qual vem sendo valorizada.

ANA LUIZA AFONSO ARMOND DA SILVA

Nota: **920** C1: 160 C2: 180 C3: 180 C4: 200 C5: 200

Durante o período da Primeira República, no Brasil, foi defendida a corrente de pensamento do "Positivismo", que possuía como ideal o alcance da civilidade mediante a aproximação à cultura europeia. Nesse sentido, na contemporaneidade, percebe-se que essa discriminatória perspectiva ainda possui reflexos na sociedade, tendo em vista a condição subalternizada imposta a heranças afrodescendentes no país. Com isso, faz-se necessário analisar a inferiorização de saberes africanos como causa de tal cenário e a estigmatização dessa cultura como consequência.

Em primeiro plano, evidencia-se que a exclusão da perspectiva africana do ensino no Brasil é um motivador à desvalorização do legado dessa etnia no país. Sob esse viés, tal fato se relaciona ao conceito de "Epistemicídio", da socióloga Lélia Gonzalez, o qual a pensadora define como a inferiorização de saberes de culturas que não são oficialmente padronizadas, que é motivada por um pensamento colonialista. Diante disso, no contexto da herança afro-brasileira, observa-se uma expulsão da intelectualidade negra da formação de conhecimento brasileiro, por meio de um ensino, em grande parte, pautado em paradigmas eurocêtricos, a exemplo da história da "Lei Áurea", em que frequentemente o protagonismo de sua conquista é associado à princesa Isabel, não considerando os diversos movimentos negros que propiciaram sua assinatura. Dessa forma, nota-se que a desimportância atribuída à herança afrodescendente é causada pela subalternização imposta ao saber desse povo no Brasil.

Consequentemente, a não valorização da cultura africana se desdobra em uma estigmatização de seu legado no país. Nesse contexto, isso acontece de acordo com a definição de "Estigma", do sociólogo Erving Goffman, o qual o estudioso conceitua como estereótipos negativos associados a grupos que não aderem a padrões socioculturais. Desse modo, considerando os reflexos históricos do pensamento colonialista na sociedade, em que há a idealização de uma cultura europeizada, percebe-se que a herança afrodescendente, por não pertencer a tal padrão, é subjugada a uma posição de folclorização, na qual seus costumes são pejorativamente rotulados, tendo como ilustração a intolerância a religiões de matriz africana, as quais são preconceituosamente estereotipadas com atributos negativos. Destarte, é notório que, devido à exclusão da intelectualidade afro-brasileira, existem uma discriminação a essa cultura no Brasil.

Portanto, com o objetivo de mitigar a desvalorização do legado africano no país, o Ministério da Educação, responsável pela formação cidadã, deve ampliar o ensino da perspectiva negra, mediante a inclusão de estudos decoloniais, como de pensadores afrodescendentes, como matéria nas escolas brasileiras. Assim, será possível reduzir os reflexos do ideal positivista na atualidade.

ANA LUIZA AFONSO ARMOND DA SILVA

Nota: **920** C1: 160 C2: 180 C3: 180 C4: 200 C5: 200

1 Ousado o espírito da famosa República, no Brasil, se defendeu a respeito de ignorância do "Poderoso"
2 que quisera como ideal e alcançar de similitude mediante a aproximação à cultura europeia. ~~Pelo~~ Não tem
3 ido, na contemporaneidade, senão se que uma discriminação perceptível ainda possui influências na vida
4 dada, sendo um mito e conceitos subalternos sempre a impropria epistemologia no país. Tem-se po-
5 to a existência ambígua e superposição de valores africanos como causa de tal condição e a consequen-
6 te dessa cultura como consequência.

7 Um primeiro passo, portanto, é que a admissão de que se trata de africanos de origem no Brasil é
8 um primeiro passo a discriminação da origem desta, o que não pode, de um lado, tal fato se relaciona ao
9 conceito de "racismo" da sociedade. É a sociedade, e qual a sociedade, que tem a superposição
10 de valores de cultura que não têm efetivamente superposição, por a sociedade por um pensamento
11 colonizador. Diante disso, no contexto da história afro-brasileira, devemos ter uma definição de identidade
12 individual, não de uma posição de continuidade histórica, pois não de um mito, mas de uma posição, por
13 lado, na sociedade brasileira, e a posição da história da "cultura" em que provavelmente a apre-
14 hesitação de uma sociedade é baseada a respeito do Brasil, não considerando os aspectos soci-
15 tários, mas que provavelmente são culturais. Diante disso, nota-se que a discriminação cultural
16 não é apenas uma questão de valores, mas também uma questão de valores, pois no Brasil
17 tem-se, portanto, a não aceitação da cultura africana, e devido a uma superposição de
18 um legado no país. Não obstante, isto ocorre de acordo com a definição de "Poderoso", ao contrário de
19 um Poderoso, o qual a sociedade brasileira como identidade nacionalizada a partir do não ado-
20 tado a tradição brasileira. Diante disso, considerando os valores distintos da sociedade brasileira
21 ^{na} sociedade, que se vê a cultura brasileira de uma cultura superpositiva, pois se que a sociedade
22 aproximadamente, por não entender a tal posição e a consequente a uma posição de tal condição, na
23 qual uma cultura não é simplesmente nacionalizada, mas como identidade e identidade e a cul-
24 tura de valores africanos, ~~mas~~ muitos fatos, não necessariamente universais, com a cultura
25 nacional. Diante de tal situação, devido a definição de identidade afro-brasileira, por se tratar
26 de uma discriminação de uma cultura no Brasil.

27 Portanto, com o objetivo de uma discriminação da origem africana no país, a definição de "Poderoso"
28 nacional da sociedade, não é apenas a cultura de uma posição, mas a cultura de uma posição, pois a
29 sociedade, com a posição de superposição, não é apenas a cultura de uma posição, mas a cultura de uma posição, pois a
30 sociedade, com a posição de superposição, não é apenas a cultura de uma posição, mas a cultura de uma posição.

EDMAR ALVARENGA SANTOS NETO

Nota: **920** C1: 160 C2: 200 C3: 160 C4: 200 C5: 200

O Darwinismo social, ideário biologizante promovido pela ascensão do movimento sociológico positivista, pautou-se na distinção errônea da espécie humana segundo critérios biológicos, de modo a hierarquizar o biótipo europeu enquanto modelo ideal, em detrimento do africano, inferiorizado e, de forma intrínseca, condenado à desumanização. De forma paralela, no Brasil atual, é possível verificar uma hierarquização convergente à teoria darwinista, expressa pela desvalorização antropológica de manifestações africanas na constituição cultural do país. Nessa esfera, é válido analisar como a persistência de sistemas pedagógicos reprodutores da violência simbólica à matriz africana, haja vista a estigmatização das práticas de cunho africano, representa um setor contrário à democracia no âmbito cultural.

De início, é fulcral salientar que a manutenção de um ensino adequado à pluralidade de expressões culturais tem encontrado dificuldade para se efetivar devido à obsolescência do padrão pedagógico vigente. Sob esse viés, destaca-se o antropólogo Darcy Ribeiro, responsável por "O povo brasileiro", obra que descreve a formação do patrimônio cultural nacional enquanto resultado de interações — ainda que assimétricas e sobrepostas — de três matrizes: a indígena, a europeia e a africana. Dessa forma, não se observa a materialização de uma convivência harmônica entre manifestações plurais no fato de que as instituições escolares, na medida em que se orientam pela perpetuação de modelos de ensino excessivamente reducionistas no que diz respeito à herança africana no país, não raro associada unicamente a períodos históricos de opressão, contribuem diretamente para a invisibilização do patrimônio cultural, vitimado não apenas no ambiente escolar, mas social. Assim, como consequência de tais contornos excludentes fixados no conjunto educacional do país, hábitos culturais africanos — a exemplo da capoeira, componente presente desde o período colonial —, não são submetidos à atenção secundária dos órgãos federais e, de forma ainda mais preocupante, da própria memória coletiva do corpo social, o que faz com que essas expressões sejam escassas de representação e reprodução nos diversos meios.

Ademais, é nítido que as potencialidades negativas da inoperância educacional são amplificadas pela estigmatização das heranças africanas. Sob essa ótica, é perceptível que, congruentemente ao proposto por Goffman na condição de "Corpos Estigmatizados", isto é, organismos sociais que descumprem preferências engendradas na mentalidade hodierna e, por isso, são considerados dignos de tratos inferiores, a consolidação de ideias racistas no cenário moderno estende essa segregação às manifestações antropológicas da ancestralidade negra. À vista disso, a recuperação de aspectos constitutivos da cultura africana herdada é tida como um comportamento de pouco prestígio, visto que, à luz pavorosa de noções racistas persistentes, os praticantes desses hábitos são considerados indivíduos de menor valor social. Como consequência dessa conjuntura, o papel de expressiva importância desempenhado pela herança africana na constituição identitária da sociedade brasileira, além da função social de práticas que envolvam a sociabilidade no fortalecimento de laços de afetividade e na formação cidadã — seja esta de pessoas pretas ou não —, é impedido. Diante da exclusão evidente na valorização de componentes culturais afro-brasileiros, a interferência é urgente.

Portanto, é preciso que haja a superação de barreiras na inserção de práticas culturais africanas na vivência coletiva. Para tal, o Ministério da Cultura deve, mediante a criação de componentes curriculares pautados na valorização da matriz cultural excluída — detalhados por vivências estudantis práticas e contato direto com manifestações —, fomentar o combate à inferiorização de tais expressões e de seus praticantes originais. Por fim, com essas medidas, esse órgão federal será capaz de assegurar a finalidade de construção de um corpo social verdadeiramente plural e empático, de modo a atenuar os pensamentos darwinistas e biológicos antes circulantes no país.

EDMAR ALVARENGA SANTOS NETO

Nota:

C1: 16

C2: 20

C3: 16

C4: 20

C5: 20

[illegible]

GABRIEL DE REZENDE MENDES

Nota: **920** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 180 C5: 200

urante o período da Primeira República, no Brasil, foi defendida a corrente de pensamento do "Positivismo", que possuía como ideal o alcance da civilidade mediante a aproximação à cultura europeia. Nesse sentido, na contemporaneidade, percebe-se que essa discriminatória perspectiva ainda possui reflexos na sociedade, tendo em vista a condição subalternizada imposta a heranças afrodescendentes no país. Com isso, faz-se necessário analisar a inferiorização de saberes africanos como causa de tal cenário e a estigmatização dessa cultura como consequência.

Em primeiro plano, evidencia-se que a exclusão da perspectiva africana do ensino no Brasil é um motivador à desvalorização do legado dessa etnia no país. Sob esse viés, tal fato se relaciona ao conceito de "Epistemicídio", da socióloga Lélia Gonzalez, o qual a pensadora define como a inferiorização de saberes de culturas que não são oficialmente padronizadas, que é motivada por um pensamento colonialista. Diante disso, no contexto da herança afro-brasileira, observa-se uma expulsão da intelectualidade negra da formação de conhecimento brasileiro, por meio de um ensino, em grande parte, pautado em paradigmas eurocêntricos, a exemplo da história da "Lei Áurea", em que frequentemente o protagonismo de sua conquista é associado à princesa Isabel, não considerando os diversos movimentos negros que propiciaram sua assinatura. Dessa forma, nota-se que a desimportância atribuída à herança afrodescendente é causada pela subalternização imposta ao saber desse povo no Brasil.

Consequentemente, a não valorização da cultura africana se desdobra em uma estigmatização de seu legado no país. Nesse contexto, isso acontece de acordo com a definição de "Estigma", do sociólogo Erving Goffman, o qual o estudioso conceitua como estereótipos negativos associados a grupos que não aderem a padrões socioculturais. Desse modo, considerando os reflexos históricos do pensamento colonialista na sociedade, em que há a idealização de uma cultura europeizada, percebe-se que a herança afrodescendente, por não pertencer a tal padrão, é subjugada a uma posição de folclorização, na qual seus costumes são pejorativamente rotulados, tendo como ilustração a intolerância a religiões de matriz africana, as quais são preconceituosamente estereotipadas com atributos negativos. Destarte, é notório que, devido à exclusão da intelectualidade afro-brasileira, existem uma discriminação a essa cultura no Brasil.

Portanto, com o objetivo de mitigar a desvalorização do legado africano no país, o Ministério da Educação, responsável pela formação cidadã, deve ampliar o ensino da perspectiva negra, mediante a inclusão de estudos decoloniais, como de pensadores afrodescendentes, como matéria nas escolas brasileiras. Assim, será possível reduzir os reflexos do ideal positivista na atualidade.

ESPELHO DA REDAÇÃO

GABRIEL DE REZENDE MENDES

Nota: **920** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 180 C5: 200

o. Não sei a avaliação para escrito em outra matéria, respeite rigorosamente as margens.

1 O sociólogo brasileiro Juri Sayo, a partir do estudo da sociedade brasileira, conceituou "nôê estrutural", uma mu-
2 ra de indivíduos intermedicando, mas não ligados, os quais nomeou "substituição". Não, não sociólogo, a sub-
3 stituição, pois, na identificação, destacando, na figura de comunidade, a produção do Brasil, "que enfoca
4 dos seus para, e ~~promover~~ a ~~para~~ a valorização das suas heranças culturais. Diante das diferenças, destacam-se
5 o mesmo estrutural e a multiplicidade do Estado quanto à promoção de políticas afirmativas.

6 Diante das várias condições, o colosso e impacto negativo da presença racial, estruturado na estrutura so-
7 cial brasileira, na valorização da herança africana no país. A um exemplo, o filósofo Michel Foucault, em sua
8 obra "Vigiar e Punir", aponta para a microfísica do poder, isto é, a maneira como se a qual e poder se dife-
9 riem na sociedade, dando a hierarquização do trabalho em relações interpersonais. A luz, deve, portanto, no
10 Brasil contemporâneo, o mesmo estrutural e aponta para as interações atuais de poder, e que, por sua vez,
11 continua a preservação da memória e da cultura africana, como pode ser observado, por exemplo, no pro-
12 blema religioso relacionado ao catolicismo - de modo, após -, e qual oferece tal manifestação uterina e em
13 culto infante. Uma maneira, parece-se, o princípio simbólico quando, na atualidade, pelo racismo estrutural,
14 logo visto a marginalização de elementos culturais afrodescendentes.

15 Ademais, é necessário ressaltar a importância do Estado brasileiro no que concerne à promoção de
16 medidas de valorização da herança africana. Acerca deste problema, o sociólogo Achille Mbembe destaca
17 a grande influência, do poder político na morte e na vida das pessoas, tornando uma violência dispo-
18 nívle "neoliberal". Com base nessa teoria, o panorama, no Brasil contemporâneo, de negligência sobre a
19 di- fato, neopolítica, uma vez que, ao ocorrer de políticas afirmativas homogeneizar as comunidades
20 quilombolas, ratifica a morte cultural das populações e dificulta a persistência dos seus componentes de
21 costumes e de crenças. Assim, ~~enquanto~~ enquanto muitos governos não deram ênfase à preservação ad-
22 vante dos povos e tradições, a exemplo dos quilombolas, perpetua-se a a conjuntura neopolítica de
23 apropriação das suas influências culturais.

24 Portanto, é urgente que se tome providências no que tange à superação dos desafios para a valorização da
25 herança africana no Brasil. Para tanto, cabe ao Estado - agente catalizador de bem-estar social - promover,
26 por meio de campanhas publicitárias e de políticas nacionais, a desmistificação do racismo estrutural, sob-
27 tudo ligado à comunidade, para, a fim de equalizar o tratamento popular de costumes e de crenças. Outrossim,
28 a papel da sociedade civil, lutar, mediante participação política, pela efetivação de ações afirmativas, mar-
29 do a valorização das heranças africanas e, além disso, a desconstrução de nôê estrutural brasileiro, i-
30 dentificável por Juri Sayo.

LORENA PAULA DE MELO

Nota: **920** C1: 160 C2: 200 C3: 160 C4: 200 C5: 200

A Constituição Federal de 1988 — norma de maior hierarquia no sistema jurídico brasileiro — assegura o incentivo à promoção das diversas culturas como um direito social. No entanto, tal garantia não se faz totalmente efetiva na realidade do país, na qual se observam desafios para a valorização da herança africana. Nesse prisma, destacam-se dois aspectos importantes: o legado histórico e as falhas no sistema de ensino vigente.

Isso posto, faz-se necessário lembrar que a problemática dos entraves para o reconhecimento dos costumes africanos apresenta sua origem no passado. Nesse sentido, o documentário da BBC “Brasil: uma história inconveniente” aborda a maneira como os escravizados africanos foram tratados quando os portugueses os trouxeram para as terras brasileiras, evidenciando as violências e as tentativas de apagamento cultural desses povos. Nessa perspectiva, marcas desse passado violento e racista são perceptíveis no cenário atual, uma vez que, em razão de o Brasil ter sido o último país da América Latina a abolir a escravidão, houve uma banalização da discriminação contra os grupos africanos, o que faz com que os descendentes desses povos sofram, até os dias atuais, desafios para a perpetuação, efetiva e sem preconceitos, de suas tradições. Diante disso, esses indivíduos vivenciam uma “cidadania de papel”, conceito do jornalista Gilberto Dimenstein para aqueles que não possuem seus direitos plenamente exercidos fora do plano teórico, como a liberdade da manifestação cultural. Logo, urge cessar os reflexos dos relatos do documentário da BBC, com o intuito de os “cidadãos de papel” estarem apenas na obra literária citada.

Outrossim, é válido ressaltar o papel da escola como contribuinte para a não valorização das heranças africanas no país. Nessa análise, o educador brasileiro Paulo Freire critica o atual sistema de ensino das instituições de letramento, desenvolvendo o conceito de “Educação Bancária”, que se baseia em uma didática de memorização e de reprodução de conteúdos, sem levar em conta o senso crítico dos alunos. Sob essa ótica, o fato de importantes questões sociais não serem amplamente discutidas nas escolas, a exemplo da fundamentalidade da cultura africana para a formação da memória e da identidade nacional, faz com que os estudantes não valorizem devidamente a herança deixada pelos afro-brasileiros, contribuindo para a manutenção de representações negativas e estereotipadas desses grupos. Nessa lógica, pensamentos de que a religião e os costumes africanos são inferiores ainda são difundidos na mentalidade de muitas pessoas, o que resulta em cenários de uma “Violência Simbólica” contra esses indivíduos, ideia do sociólogo Pierre Bourdieu para definir as violações de um grupo considerado superior sobre um socialmente marginalizado. Desse modo, é fundamental aprimorar o sistema de ensino vigente do país, com o objetivo de mitigar a “Violência simbólica”.

Portanto, o Governo Federal — Poder Executivo no âmbito da União — deve ampliar o conhecimento popular acerca da importância dos povos africanos. Tal medida deve ser realizada por meio da inserção de itinerários informativos nas escolas, a fim de frear os reflexos do legado histórico e de que todos saibam, desde cedo, sobre o papel dos costumes desses grupos para a formação da identidade nacional. Espera-se, assim, que tal fragmento da Carta Magna se concretize e que a valorização da herança africana seja uma realidade no território.

ESPELHO DA REDAÇÃO

LORENA PAULA DE MELO

Nota: **920** C1: 160 C2: 200 C3: 160 C4: 200 C5: 200

1 O Festival Folclórico de 1998, assim como a maior festa popular brasileira, a Festa de São João, é uma manifestação da diversidade cultural, como um direito social. No entanto, tal garantia não se faz totalmente efetiva na realidade do país, na qual se observam desigualdades na valorização da herança africana. Para primeiro, destacamos os dois aspectos importantes: a herança histórica e os valores da cultura de origem africana.

2 Segundo ponto, faz-se necessário destacar que a problemática da valorização para o reconhecimento das culturas africanas, apesar de sua origem no passado, tem sido, o desenvolvimento da BBC "Brasil: uma história incompleta" aborda a memória como as experiências africanas foram transmitidas quando os portugueses se transferiram para os territórios brasileiros, evidenciando as dificuldades de apropriação cultural dessas povos. Nessa perspectiva, mesmo duas pessoas vivendo no mesmo espaço, não necessariamente compartilham a mesma cultura, uma vez que, em razão disso, Brasil tem sido o último país da América Latina a adotar a diversidade, houve uma valorização da diversidade cultural em que as experiências, e que faz com que as desigualdades dessas povos sejam, até os dias atuais, desigualdade para a população, efetiva e não perceptível, de suas tradições. Diante disso, essas indivíduos exercem uma "cultura de papel", conceito da jornalista Lúcia Lima Lopes, que não possuem suas próprias experiências vividas fora do plano teórico, como a liberdade da manifestação cultural, logo, surge a questão da relação da documentação da BBC, com o intuito de "culturas de papel" serem apenas na literatura citada.

3 Outro ponto, é a relação da cultura e da população de modo como contribui para a valorização das heranças africanas no país. Nessa análise, os educadores brasileiros Paulo Freire critica a atual situação de ensino das instituições de ensino, destacando o conceito de "educação bancária", que se baseia em uma didática de memorização e de reprodução de conteúdos, sem levar em conta a própria crítica do aluno. Devido a isso, a falta de importância que é dada aos povos com plenas dificuldades de acesso, a exemplo da importância da cultura africana para a formação da nação e da identidade nacional, faz com que os estudantes não valorizem devidamente a herança deixada pelos afro-brasileiros, contribuindo para a manutenção de representações negativas e estereótipos dessas povos. Nessa lógica, podemos afirmar que a valorização da cultura africana não impulsiona ainda uma mudança na mentalidade de muitos povos, o que resulta em condições de uma "cultura brasileira" com suas tradições, ideia de sociedade. Porém, Brandão faz a distinção da valorização de um grupo considerado superior sobre um socialmente marginalizado. Dessa maneira, é fundamental aprimorar o sistema de ensino vigente no país, com o objetivo de mudar a "cultura brasileira".

4 Por fim, é importante destacar Paulo Freire em relação à ideia de diversidade, a importância das povos africanos no Brasil, que são valorizados por meio da promoção de iniciativas informativas nos meios de comunicação, a fim de promover a valorização da herança histórica e de que não se esqueça, desde cedo, sobre a população dessas povos para a formação da identidade nacional. Esperamos, assim, que tal julgamento da Lúcia Lopes se concretize e que a valorização da herança africana seja uma realidade no território.

CLARA DE PAIVA

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

Encerrada em setembro, a novela "Renascer", da TV Globo, emocionou seus espectadores com sua abordagem sensível e de destaque para o exercício da fé da personagem Inácia no candomblé. Essas cenas contribuíram não só com a representatividade da matriz religiosa socialmente marginalizada, como também para a disseminação e valorização da herança africana no Brasil. Essa importante iniciativa, contudo, ainda enfrenta desafios decorrentes do apagamento histórico-cultural da participação africana na construção do país — cujo desdobramento se manifesta como violência simbólica sobre a população negra. Desse modo, faz-se necessário integrar esforços do governo e da sociedade para superar tal problemática.

De plano, cumpre destacar a principal causa dificultadora da recuperação desse legado: o epistemicídio da cultura africana no solo brasileiro. Referido conceito, introduzido pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, caracteriza um mecanismo de opressão manejado pelas classes dominantes para apagar a ancestralidade das classes subjugadas, relegando-as a um estado social e psíquico de "não-ser". Nessa esteira, retoma-se a história do Brasil colonial e imperial que recebeu a população africana, traficada pela elite portuguesa, sob condição de instrumentos de trabalho, meros objetos despersonalizados e que, no processo de aculturação forçada, perderam o direito à língua, crenças e ao próprio nome africano. Surge desse processo o obstáculo à valorização da cultura afrobrasileira: primeiro, é necessário reconstituí-la.

Em paralelo, a deliberada e reiterada decisão de excluir influências e personalidades africanas na formação da nação brasileira culmina em grave violência à dignidade dos seus descendentes na atualidade. Isso porque, como abordado pela pedagoga Sueli Carneiro, o estado psicológico de "não-ser" — fruto do não reconhecimento de si perante os elementos de socialização apresentados quando da formação da identidade pessoal — compromete a assimilação de valores e a própria capacidade de aprendizado dos indivíduos nessa posição, na medida em que lhes é cerceada a potencialidade de construir uma autoimagem como agentes da própria história. Assim, o apagamento do legado negro no curso da formação do país, para além de prejudicar o reconhecimento de sua importância, impacta na percepção de valor e autoestima das gerações presentes e futuras.

Portanto, em vista das consequências danosas da falta de uma história, impõe-se a intervenção para superar os desafios da valorização da herança africana. Nesse sentido, o Governo Federal deve oferecer subsídios financeiros, por meio do Ministério da Educação, para fomentar pesquisas nas ciências humanas e sociais, objetivando a recuperação da genealogia dos povos trazidos de África, bem como suas contribuições históricas para o desenvolvimento do país. Ademais, o Ministério da Cultura deve coordenar, com esforços estaduais e municipais, a organização de festivais na semana da consciência negra, com apresentações de artistas negros e manifestações culturais de matriz africana, a serem amplamente divulgados para a sociedade civil, a fim de enaltecer a cultura afrobrasileira e ampliar o reconhecimento social de tais contribuições. Com medidas de recuperação e disseminação, mais repertórios africanos poderão ser apresentados na dramaturgia brasileira, seguindo os passos de "Renascer".

ESPELHO DA REDAÇÃO

CLARA DE PAIVA

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

1. Baseada em artigos, a revista "Povoação", da TV Gleda, apresenta suas reportagens com um objetivo: visível e
2. de destaque para a diversidade da lí. da população. Tem-se na comunidade. Suas ações substituíram não só com a representação
3. liberdade de análise, edição, sendo muito mais individualizada, como também para a disseminação e valorização da herança africana
4. no Brasil. É um importante iniciativa, contudo, ainda sujeita a muitos desafios de apropriação histórica e cultural da população
5. negra africana na construção do país — cuja identidade não se manifesta como unidade, mas sim a população negra
6. Nesse modo, faz-se necessário integrar esforços da govern. e da sociedade para superar tal problemática.

7. De fato, sempre existirá a principal causa de dificuldade da recuperação dessa herança: a exclusão da cultura
8. africana na sociedade brasileira. Contudo, a identidade cultural da população negra brasileira, caracterizada por um movimento
9. de resistência, constitui-se em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um
10. estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a
11. população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de
12. desrespeito e exclusão da cultura africana. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma
13. das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser".

14. Em paralelo, a exclusão e a marginalização da cultura africana na formação da nação brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um
15. estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

16. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

17. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

18. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

19. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

20. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

21. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

22. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

23. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

24. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

25. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

26. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

27. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

28. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

29. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

30. Portanto, a identidade cultural da população negra brasileira, que se constitui em uma das principais ferramentas para superar a marginalização das classes subjugadas, subjugadas de um estado social e político de "não-ser". Nessa esfera, estende-se a história do Brasil colonial e imperial que excluiu a população africana, tratada pela elite portuguesa, sob condições de instrumentos de trabalho, mas sob a perspectiva de desrespeito e exclusão da cultura africana.

ANA LUIZA FERNANDES SANTOS

Nota: **940** C1: 160 C2: 180 C3: 200 C4: 200 C5: 200

A obra “Niketche, Uma História de Poligamia”, de Paulina Chiziane, retrata, entre outros, a imposição da cultura portuguesa sobre a população moçambicana — o que levou à desvalorização e ao apagamento das tradições dessa. No Brasil, processo semelhante ocorreu sendo a herança africana estigmatizada durante a colonização do país, estigmatização essa que ainda está presente na contemporaneidade. Buscando reverter esse cenário, surgem como desafios o ensino tecnicista e a influência do nação estatal.

Em primeira análise, destaca-se como a educação voltada para o mercado de trabalho compromete o conhecimento acerca da história afro-brasileira. O conceito de “Capital Humano”, dependido por Theodore Schultz, esclarece como — hoje — o homem é visto como um capital financeiro, e o ensino, como uma forma de valorizá-lo. Essa ideia, muito difundida nas escolas brasileiras, acarreta a priorização do ensino técnico em detrimento daquele ligado à cidadania e ao passado nacional. Logo, temas relacionados aos costumes africanos, embora essenciais para a construção da identidade do país, são pouco discutidos pelos estudantes durante sua trajetória escolar. Dessa forma, entende-se que o ensino básico, quando de caráter majoritariamente profissionalizante, é um desafio rumo à conscientização sobre a história preta no Brasil.

Em segunda análise, deve-se ressaltar a presença do racismo no Estado como fator dificultador para a valorização da herança africana. Achille Mbembe, pensador camaronês, elucida o termo “Necropolítica” a partir da constatação de que preconceitos naturalizados em uma dada sociedade podem ser englobados pelo poder público dessa, o qual tende a favorecer grupos prestigiados. Nesse sentido, o estigma para com pessoas pretas gera o preterimento dessas pelas políticas públicas — o que se manifesta tanto no baixo investimento em infraestrutura, como rede de esgoto, nas áreas cuja população é, em grande parte, negra quanto no viés cultural. Tradições, festas e outros elementos de origem africana foram, ao longo dos últimos séculos, e são, hoje, precariamente reconhecidos pelo Estado brasileiro, o qual pouco incentiva o ensino desses nas escolas e a sua memória em espaços públicos, a exemplo de monumentos em praças. Por fim, mostra-se necessária, para que a memória africana seja exaltada, a ação dos governos municipais, estaduais e federal.

Inferese, portanto, que é dever do Ministério da Educação, responsável pelo Plano Nacional de Educação, promover palestras nas instituições de ensino brasileiras, as quais discorram sobre a herança africana. Essas devem se dar por meio da participação de especialistas, com o objetivo de conscientizar a população a respeito da história preta. Ademais, cabe às prefeituras construir monumentos de memória africana nas cidades.

ANA LUIZA FERNANDES SANTOS

940

C1: 160 C2: 180 C3: 200 C4: 200 C5: 200

1. Agora "Nikolai e Uma História de Solidão", de Pauline Chiziane, retrata, entre outros, a
2. imposição da cultura portuguesa sobre a população moçambicana - a que levou à desvalorização e ao
3. apagamento das tradições dessa África Brasil, processo semelhante ao ocorrido, sendo a herança africana
4. marginalizada durante a colonização do país, estigmatizada, mas que ainda está presente na cultura
5. moçambicana. Buscando entender esse cenário, surgem cenas de saudades e o ensino tecnicista e a imple-
6. mentação tecnológica da educação na ação estatal.

Em primeira análise, destaca-se como a educação voltada para o mercado de trabalho.
O compromisso e conhecimento acerca da história ^{arso-brasileira} ~~apócria~~. O conceito de "Capital Humano", defendido por Theodore Schultz, esclarece como = hoje = a pessoa é vista como um capital financeiro, e ~~a educação~~, como uma forma de valorizá-lo. Essa ideia, muito difundida nos círculos brasileiros, pressente a priorização do ensino técnico em detrimento daquele ligado à cidadania e ao passado nacional. Logo, temas relacionados aos costumes africanos, embora essenciais para a construção da identidade do país, são pouco discutidos pelos estudantes durante sua ^{insuficiente} aprendizagem. Dessa forma, entende-se que o ensino básico, quando de caráter multiplicativo e não profissionalizante, é um disporio ^{fumo} à conscientização sobre a história preta no Brasil.

Em segunda análise, deve-se ressaltar a presença da raíça ^{do} Estado como poder dis-
cultador para a valorização da herança africana. Achille Mbembe, pensando camaráo, elu-
cida o termo "Neropolítica" a partir da constatação de que preconceitos naturalizados em uma
dada sociedade podem ser enquadados pelo poder público dessa, o qual tende a favorecer grupos pre-
stigiados. Nesse sentido, a estigmatização para com pessoas pretas ~~resulta~~ ^{seja} em preferência dessas pelas po-
líticas públicas - a que se manifesta tanto no baixo investimento em infraestrutura, como rede de
água, nas áreas ^{estas} ~~periféricas~~ ^{periféricas}, e, em grande parte, para ~~quanto~~ ^{quanto} no viés cultural. Tradições, pes-
soas e outros elementos de origem africana passam, ao longo dos últimos séculos, e são, hoje, precari-
zados e cerceados pelo Estado brasileiro, o qual possui incentivo a ensino desse e não escolar e a
sua memória africana seja exaltada, a visão dos aspectos municipais, estaduais e federais.
Por fim, destaca-se a necessidade, para
que a memória africana seja exaltada, a visão dos aspectos municipais, estaduais e federais.

27 Inquire-se, portanto, que é dever do Ministério da Educação, responsável pela Política Nacional de Edu-
28 cação, promover palestras por instituições de ensino brasileiras, as quais discorreram sobre a temática
29 aplicando essas discussões por meio da participação de especialistas, com o objetivo de conscientizar a popu-
30 lação a respeito da história e da atual situação econômica e política brasileira, por cidade.

FELIPE HILBERT ANTUNES

Nota: **940** C1: 180 C2: 200 C3: 200 C4: 180 C5: 180

Na obra "O Povo Brasileiro", o antropólogo Darcy Ribeiro destaca a ligação entre a formação da sociedade brasileira e as raízes culturais africanas. Essa percepção consolida a visão multicultural acerca da população e, por consequência, reconhece a necessidade de conservar as memórias afetivas dos povos formadores para a garantia da unidade nacional, ao passo que elas estimulam a coesão social. Nesse sentido, é preciso avaliar que os desafios para a valorização da herança africana pautam-se no racismo estrutural e na consolidação da escola na formação cidadã.

Sob esse viés, é necessário averiguar que o racismo enraizado devido ao modelo colonial eurocêntrico culminou em uma hierarquia social que desvaloriza a cultura de matriz africana. Para explicar isso, é possível aludir ao conceito de "Reprodução Social", em que Pierre Bourdieu, sociólogo francês, aponta a existência de mecanismos, como a burocracia e a disseminação de preconceitos, que visam dar manutenção às relações de poder e eternizar a ordem econômica vigente. Dessa forma, torna-se lógico avaliar que o racismo estrutural aliado ao imaginário eurocentrado de formação nacional marginaliza a participação africana na identidade brasileira e, consequentemente, estabelece hierarquias ligadas à ancestralidade do indivíduo. Em resumo, combate-se a problemática ao desmistificar para o povo a contribuição africana na cultura brasileira.

Ademais, é fundamental reconhecer que a rasa abordagem dada ao tema pelas escolas contribui para a persistência desse problema. A exemplo disso, remete-se à "Razão Comunicativa", a qual o filósofo Habermas define que deve gerir os ambientes públicos, uma vez que ela preza pela diversidade do debate, ao expor vários agentes sociais, contrariamente à "Razão Instrumental", que possui caráter pragmático. Portanto, é claro que o ambiente docente, o qual, na visão de Foucault, visa a formação de corpos dóceis politicamente e úteis economicamente, promove um espaço que mitiga o exercício da racionalidade comunicativa, o que impede a diversificação do debate e a valorização da diversa herança cultural. Por fim, a revisão do papel social exercido pela escola promove a criação de uma sociedade apta a reconhecer os agentes culturais que os compõem.

Em suma, é nítido que os desafios que acarretam essa desvalorização são: a persistente hierarquia de caráter racial e o emprego da razão instrumental nas escolas. Logo, o Ministério da Educação deve, por meio de alterações na Base Nacional Curricular Comum, dar prioridade à inserção do tema no ambiente escolar, a qual deve se dar pela construção de debates quanto à diversidade da nação e pela promoção do contato com a cultura africana, a fim de formar cidadãos que valorizem a diversidade cultural. Somente assim, o brasileiro assimilará a riqueza cultural prevista na obra máxima de Darcy.

ESPELHO DA REDAÇÃO

FELIPE HILBERT ANTUNES

Nota: **940** C1: 180 C2: 200 C3: 200 C4: 180 C5: 180

Na obra "O Povo Brasileiro", o antropólogo Darcy Ribeiro destaca a ligação entre a formação da sociedade brasileira e as raízes culturais africanas. Essa percepção consolida a visão multicultural acerca da população e, por consequência, reconhece a necessidade de pensar as memórias afetivas dos povos formadores para a garantia da unidade nacional, ao passo que elas estimulam a coesão social. Nesse sentido, é possível avaliar que os desafios para a valorização da herança africana partem-se do racismo estrutural e na consolidação da escola na formação cidadã. Sob esse viés, é necessário atenuar que o racismo surgido devido ao modelo colonial eurocentrista culminou em uma hierarquia social que desvaloriza a cultura de matriz africana. Para explicar isso, é possível aludir ao conceito de "Reprodução Social", em que Pierre Bourdieu, sociólogo francês, aponta a existência de mecanismos, como a herança e a disseminação de preconceitos, que visam dar sustentação às relações de poder e eternizam a ordem econômica vigente. Dessa forma, torna-se lógico avaliar que o racismo estrutural está aliado ao imaginário eurocentrado de formação nacional marginaliza a participação africana na identidade brasileira e, consequentemente, instaura uma hierarquia ligada à ancestralidade do indivíduo. Em resumo, combate-se a problemática ao desmistificar para o povo as contribuições africanas na cultura brasileira.

Ademais, é fundamental reconhecer que a rara abordagem dada ao tema pelas escolas contribui para a persistência desse problema. A exemplo disso, remete-se à "Ração Comunicativa", a qual o filósofo Habermas define que deve gerar os ambientes públicos, uma vez que ela propicia a diversidade do debate, ao expor vários agentes sociais, contrariamente à "Ração Instrumental", que possui caráter pragmático. Portanto, é claro que o ambiente escolar, o qual, na visão de Foucault, visa à formação de corpos docéis politicamente e úteis economicamente, promove um ~~amb~~ espaço que mitiga o exercício da racionalidade comunicativa, o que impede a diversificação do debate e a valorização da diversa herança cultural. Por fim, a revisão do papel social exercido pela escola promove a criação de uma sociedade apta a reconhecer os agentes culturais que os compõem.

Em suma, é mítico que os desafios que acarretam essa desvalorização não: a persistente hierarquia de caráter racial e o enfoque da razão instrumental nas escolas. Logo, o Ministério da Educação deve, por meio de alterações na Base Nacional Comum, dar prioridade à inserção do tema no ambiente escolar, a qual deve se dar pela construção de debates quanto à diversidade da nação e pela promoção do contato com a cultura africana, a fim de formar cidadãos que valorizem a diversidade cultural. Somente assim, o brasileiro assimilará a riqueza cultural prevista na obra máxima de Darcy Ribeiro.

GABRIELA SALLES RESENDE MONTEIRO DE BARROS

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

O conceito de “sincretismo religioso” da Sociologia, demonstra que a cultura brasileira é plural e se concretiza pela mistura de matrizes religiosas negra, indígenas e europeia, por exemplo. Todavia, mesmo com essa diversidade, alguns grupos têm menor visibilidade em âmbito social, o que permite destacar os desafios para a valorização da herança africana no país, associados à falta de uma apresentação da cultura negra tradicional e à prevalência do preconceito racial.

Conforme o apresentado, salienta-se que a falta do debate acerca das manifestações da identidade negra nas escolas torna-se um grande empecilho para a sua valorização. Para elucidar esse ponto de vista cabe ressaltar a teoria da “Educação Brasileira”, cunhada pelo pedagogo Paulo Freire, a qual aponta que o ensino brasileiro atual se pauta em um depósito vertical de informações que não tem foco na preparação do aluno para a vivência em sociedade e para o pleno exercício da cidadania. Sob tal análise, é evidente que a falta da discussão acerca da herança histórica e étnica da população africana nas escolas, para além de fatos atrelados à história escravocrata, dificulta que esse importante aspecto fundador da cultura brasileira plural seja valorizado. Para explicar esse fato é possível perceber que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que prevê os pilares do ensino nacional, não determina a necessidade de discussões diretas sobre a relevância da cultura negra para o país, nas instituições de educação. Logo, é essencial que medidas sejam tomadas a fim de reverter esse cenário e de garantir o reconhecimento de tal herança.

Ademais, nota-se que a prevalência do preconceito contra a população negra é um dos grandes desafios para a visibilidade cultural desse grupo. A ideia supracitada pode ser associada ao conceito de “Corpos estigmatizados”, do sociólogo Ervin Goffman, isto é, o fato de que certos indivíduos desagradam o sistema social, político ou econômico vigente e, por isso, são excluídos. Nessa óptica, os sujeitos negros fogem do padrão branco imposto pela sociedade e por tal razão são estigmatizados e alvos de preconceito. Por consequência, esse panorama impede que a cultura africana, tão presente na identidade brasileira, seja devidamente valorizada, tendo em vista o olhar negativo do corpo social que a inferioriza. Tal processo social e identitário se manifesta, por exemplo, pela presença de expressões de cunho preconceituoso no vocabulário, como “mercado negro” ou “criado mudo” que ilustram como essa visão de aversão está interiorizada e presente no imaginário da sociedade. Assim, é imprescindível que ações sejam realizadas para combater tal conjuntura de invisibilização de um dos principais grupos que compõem a identidade brasileira.

Portanto, cabe ao Ministério da Educação, órgão principal responsável pela determinação da educação dos cidadãos brasileiros, promover uma Política Nacional de Valorização da Identidade Africana, por meios da determinação de uma lei que torne obrigatória, em todas as escolas do país, a apresentação efetiva da cultura negra como parte da nacional, o que deve ser estabelecido na BNCC, com o objetivo de tirar tal herança da invisibilidade. Além disso, é preciso criar campanhas de combate ao preconceito racial, inclusive em ambientes de ensino, utilizando também as redes sociais, permitindo a devida valorização da identidade nacional tão diversa, ilustrada pelo “sincretismo religioso”.

ESPELHO DA REDAÇÃO

GABRIELA SALLES RESENDE MONTEIRO DE BARROS

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

O conceito de sincretismo religioso, da Sociologia, demonstra que a cultura brasileira é plural e se caracteriza pela mistura de matrizes religiosas negra, indígena e europeia, por exemplo. Todavia, mesmo com essa diversidade, alguns grupos têm menor visibilidade em âmbito social, o que permite destacar os desafios para a valorização da herança africana na país, associados à falta de uma apresentação da cultura negra no ensino tradicional e à prevalência do preconceito racial.

Conforme o apresentado, nota-se que a falta do debate acerca das manifestações da identidade negra nas escolas torna-se um grande obstáculo para sua valorização. Para elucidar esse ponto de vista, cabe ressaltar a "falta de educação brasileira", umida pelo pedagogo Paulo Freire, a qual aponta que o ensino brasileiro atual se pauta em um depósito unilateral de informações que não tem foco na preparação dos alunos para a vivência em sociedade e para a plena inserção do indivíduo. Sob tal análise, é evidente que a falta da disseminação acerca da herança histórica e étnica da população africana nas escolas, para além de fazer alusão à história ensinada, dificulta que esse importante aspecto fundador da cultura brasileira plural seja valorizado. Rara explicita esse fato a possível percepção que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) demonstra que, mesmo os pilares do ensino nacional, não determinam a necessidade de disseminar direitos sobre a importância da cultura negra para o país, nas instituições de educação. Logo, é essencial que medidas sejam tomadas a fim de ressaltar esse cenário e de garantir o reconhecimento de tal herança.

Ademais, nota-se que a prevalência do preconceito contra a população negra é um dos grandes desafios para a visibilidade cultural desse grupo. A ideia supracitada pode ser associada ao conceito de "Cenário estigmatizado" da sociologia Goffman, isto é, o fato de que certos indivíduos designados e sistema social, político ou econômico a visível e, por isso, são excluídos. Nessa ótica, os negros fogem do padrão branco imposto pela sociedade e por tal razão são estigmatizados e alvos de preconceito. Por consequência, esse panorama impacta que a cultura africana, tão presente na identidade brasileira, seja devidamente valorizada, tendo em vista o olhar negativo do corpo social que a infirma. Tal preconceito social e identificação se manifesta, por exemplo, pela presença de expressões de um preconceito no vocabulário, como "menoridade negra" ou "craido mundo" que ilustram uma essa visão de inferioridade e é presente na imaginação de sociedade. Assim, é imprescindível que ações sejam realizadas para combater tal situação e promover a invisibilização de um dos principais grupos que compõem a identidade brasileira.

Portanto, cabe ao Ministério da Educação, órgão responsável pela determinação da educação dos cidadãos brasileiros, promover uma Política Nacional de Valorização da Identidade Africana, por meio da determinação de leis que favoreça a integração em todas as etapas do país, a apresentação efetiva da cultura negra como parte do nacional, o que deve ser estabelecido na BNCC, com o objetivo de hierarizar a herança de invisibilidade. Além disso, é preciso criar campanhas de combate ao preconceito racial, inclusive em ambientes de ensino, utilizando também as redes sociais, permitindo a disseminação da identidade nacional das diversas histórias e sincretismo religioso.

HELOISE AGOSTINHO DIAS FERREIRA

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

A socióloga Chimamanda Adichie, em palestra realizada pela plataforma “TED Talks”, define o que nomeia como “perigo de uma história única”. O fenômeno abordado consiste na homogeneização de identidades e memórias a partir ótica dos grupos detentores do controle social, e tem como consequência a negligência coletiva para com a pluralidade identitária e cultural. Nesse sentido, a percepção de uma narrativa única acerca da valorização da herança africana no Brasil problematiza a composição da matriz sociocultural brasileira, de tal modo que é necessário analisar as principais vertentes da problemática: a supressão de manifestações autênticas e a educação reprodutora de apagamento histórico.

Sob essa perspectiva, é inicialmente relevante abordar o viés cultural da valorização da herança africana no Brasil. O sociólogo Theodor Adorno é um dos principais críticos modernos ao fenômeno da “indústria cultural”, e fundamenta sua crítica na compreensão de que este modelo de organização do lazer, da cultura e da consolidação ideológica busca a perpetuação e reprodução de estereótipos de grupos sociais. A crítica de Adorno pode ser validada na percepção do retrato cultural e midiático dos povos afro-brasileiros, sintetizados como marginalizados e violentos, limitados ao papel de vítimas — jamais protagonistas das transformações políticas, ideológicas e culturais que constroem a História do Brasil. Todavia, se a cultura é o principal meio de simplificação do legado africano na sociedade brasileira, é também o principal mecanismo de ressignificação da presença de descendentes de africanos na consolidação de uma identidade nacional, tanto pela denúncia do processo de invisibilização fomentado pela indústria cultural, quanto pela diversidade de manifestações das raízes africanas na construção do povo brasileiro. Nessa ótica, o grupo musical Racionais MCs representa e exemplifica ambas as abordagens do papel da cultura na problemática, por diversificar a concepção do artista e do eu-lírico afrodescendente — agora tido como indivíduo ativo no tecido social — sem omitir que este mesmo grupo social é culturalmente restrito a ser representado “pobre, preso ou morto”, denúncia feita na música “Negro Drama”. Assim, é evidenciado o papel da sociedade civil na revalorização da herança africana no país.

Além da perspectiva cultural, é também pertinente avaliar o meio educacional como fator estrutural da problemática. Sendo o modelo acadêmico brasileiro historicamente fundamentado na reprodução de moldes europeus, é possível apontar a influência da visão colonizadora racista na educação contemporânea. Este processo foi legitimado a partir da aceitação do que o sociólogo Gilberto Freyre definiu em sua obra “Casa Grande e Senzala” como democracia racial; isto é, a organização do ambiente escolar, subordinado ao controle hegemônico de elites brancas, reproduziu a noção de que, findada a escravidão no Brasil, foi imediatamente estabelecida uma igualdade entre afro e afrodescendentes. Como consequência da disseminação deste conceito equivocado, o ambiente escolar se consolidou como espaço de invisibilização da pluralidade de heranças africanas na História nacional e de apagamento gradual de um legado de resistência e participação plural de povos africanos na formação do povo brasileiro. Portanto, a desconstrução desta ótica homogeneizada da nação deve impactar a organização da educação no Brasil, que dissemina narrativas europeizadas da cultura afro-brasileira.

Em conclusão desta análise histórico-cultural, cabe à sociedade civil, sobretudo em sua esfera midiática e socioideológica, ressignificar a concepção coletiva acerca da herança africana no Brasil, por meio da promoção de festivais e exposições artístico-culturais em espaços públicos, que veiculem a diversidade de costumes e tradições dos povos africanos e seus reflexos na sociedade brasileira. Dessa forma, com o fito de expandir as manifestações multiculturais de origem africana, a população brasileira confrontará a construção passiva destes povos pela indústria cultural, e os estabelecimento de uma história única do legado africano no país.

ESPELHO DA REDAÇÃO

HELOISE AGOSTINHO DIAS FERREIRA

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

1 A sociologia Chomskyana Adorno, um polêmico sociólogo, para plebeísmo "Tô Tolo", afirma: "é que somos uma 'peça de uma história viva'".
2 Historicamente, a sociedade brasileira é marcada por uma profunda desigualdade social, e isso tem sido uma consequência
3 da desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
4 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
5 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
6 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
7 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
8 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
9 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
10 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
11 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
12 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
13 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
14 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
15 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
16 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
17 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
18 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
19 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
20 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
21 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
22 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
23 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
24 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
25 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
26 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
27 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
28 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da
29 desigualdade econômica, que tem sido a principal causa da desigualdade social. Essa desigualdade econômica é resultado da
30 desigualdade social, que tem sido a principal causa da desigualdade econômica. Essa desigualdade social é resultado da

LÍVIA LACERDA

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

Segundo a autora Chimamanda Adichie, a mudança no "status quo", ou seja, na realidade estabelecida, é sempre penosa. Nesse sentido, nota-se, na sociedade brasileira atual, a dificuldade em alterar o contexto de falta de valorização da herança africana, o qual se deve ao preconceito racial e à ineficiência das escolas.

Isso posto, vale destacar que a discriminação étnica é um empecilho ao reconhecimento da importância da cultura africana para a identidade nacional. Conforme a Sociologia, o Brasil vive o racismo estrutural, que se caracteriza pelo preconceito racial enraizado na comunidade, especialmente quanto aos negros. Sob esse viés, a discriminação de tal grupo faz com que sua herança seja desconsiderada e inferiorizada pelos cidadãos, o que impossibilita a compreensão dela como constituinte riquíssima da brasilidade. Consequentemente, há o apagamento da cultura negra da identidade nacional, de modo a dificultar o estabelecimento de uma democracia racial, já que a marginalização dos afrodescendentes, bem como de sua cultura, é mantida. Logo, o preconceito étnico existente no Brasil resulta na manutenção da desvalorização da herança africana.

Outrossim, é importante ressaltar que a ineficiência das escolas contribui para a permanência do descaso quanto às manifestações culturais de origem africana. De acordo com o Jornal UNESP, não há, nas instituições educacionais brasileiras, debate suficiente acerca das heranças dos negros, visto que o ensino da história desse grupo é restringido à escravidão. Sob essa ótica, observa-se que a cultura africana — que já é menosprezada e invisibilizada devido ao preconceito — fica ainda mais apagada no cenário nacional em virtude da falha educacional tanto em introduzir os jovens ao legado cultural dos negros quanto em ensiná-los a valorizar tal herança, o que culmina na manutenção da falta de reconhecimento atribuído aos costumes africanos. Assim, a inércia escolar é um fator determinante para a permanência do descaso quanto as manifestações culturais dos negros.

Portanto, o preconceito racial e a ineficiência das instituições de ensino contribuem para a desvalorização da herança africana no Brasil. Para alterar essa situação, é papel das escolas — responsáveis pelas formações humana e técnica dos indivíduos — ensinar aos jovens a importância da cultura negra para a identidade brasileira, por meio de palestras, a fim de reduzir o apagamento dos costumes desse grupo. Dessa forma, a mudança no cenário de desvalorização da herança africana será menos penosa, e o Brasil se aproximará de uma democracia racial.

ESPELHO DA REDAÇÃO

LÍVIA LACERDA

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

Segundo a autora Chimamanda Adichie, a mudança no "status quo", ou seja, na solidade estabelecida, é sempre possível. Nesse sentido, nota-se, na sociedade brasileira atual, a dificuldade em aceitar o contexto de falta de valorização da herança africana, o qual se deve ao preconceito racial e à influência das mídias.

Isso posto, vale destacar que a discriminação étnica é um impedimento ao reconhecimento da importância da cultura africana para a identidade nacional. Conforme a Sociologia, o Brasil vive e se organiza estruturalmente, que se caracteriza pelo preconceito racial arraigado na sociedade, especialmente quanto aos negros. Sob esse viés, a discriminação de tal grupo faz com que sua herança seja desconsiderada e invisibilizada pelos cidadãos, o que impossibilita a compreensão de uma constituinte riquíssima da brasilidade. Consequentemente, há o apagamento da cultura negra da identidade nacional, de modo a dificultar o estabelecimento de uma democracia racial, já que a marginalização dos afrodescendentes, bem como de sua cultura, é mantida. Logo, o preconceito étnico existente no Brasil resulta na manutenção da desvalorização da herança africana.

Outrossim, é importante salientar que a influência das mídias contribui para a permanência de discursos quanto às ~~manifestações~~ manifestações culturais de origem africana. De acordo com o Jornal UNESP, não há, nas instituições educacionais brasileiras, debates suficientes acerca da herança dos negros, visto que o ensino da história desse grupo é restringido à escravidão. Sob esse ângulo, observa-se que a cultura africana — que já é menosprezada e invisibilizada de modo ao preconceito — fica ainda mais apagada no ensino nacional em virtude da falta de valorização tanto em introduzir no currículo as legadas culturais dos negros quanto em minimizar a valorização tal herança, o que culmina na manutenção da falta de reconhecimento atribuído aos costumes africanos. Assim, a mídia escolar é um fator determinante para a permanência de discursos quanto às manifestações culturais dos negros.

Portanto, o preconceito racial e a influência das instituições de ensino contribuem para a desvalorização da herança africana no Brasil. Para alterar essa situação, é papel das escolas — representadas pelas práticas curriculares e técnicas dos indivíduos — buscar, por meio da implementação da cultura negra para a identidade brasileira, os meios de ^{combate} combater a importância dos costumes desse grupo. Dessa forma, a mudança no ~~status quo~~ status quo de desvalorização da herança africana não ocorre por acaso, e o Brasil se aproximará de uma democracia racial.

MARIA CECÍLIA BARBOSA

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

A Agenda 2030 — plano de metas da Organização das Nações Unidas (ONU) — tem como um de seus objetivos a valorização igualitária de todas as culturas. Entretanto, percebe-se, no Brasil contemporâneo, uma realidade diferente, visto que a herança africana não é devidamente apreciada no país. Nesse contexto, pode-se citar como desafios para o enaltecimento do legado africano no território nacional a falta de consciência da população sobre a problemática anteriormente citada e a pouca representação midiática dessa cultura.

Sob esse viés, o fato dos brasileiros não terem conhecimento sobre a questão previamente dita é um obstáculo para a sua resolução. Nesse sentido, de acordo com o Instituto Ipsos-Mori, o Brasil tem uma das populações mais ignorantes do mundo. Em decorrência disso, a sociedade do país, em grande parte, não está ciente de que a cultura de origem africana é subjugada, o que dificulta a resolução da problemática. Dessa maneira, a falta de consciência da população corrobora a perpetuação da desvalorização da herança africana.

Ademais, a falta de representatividade midiática da cultura africana também é um revés para a sua valorização. Sob esse prisma, cabe citar a ativista Marian Edelman, que afirmava que não é possível ser o que não se pode ver. Nesse panorama, a escassez de manifestações culturais de matriz africana na mídia reduz as suas ocorrências no cotidiano, e, conseqüentemente, a sua apreciação. Desse modo, a pouca aparição nos veículos midiáticos é um empecilho para o enaltecimento do legado africano.

Portanto, existem desafios para a valorização da herança africana no país que precisam ser solucionados. Logo, o Ministério da Cultura — órgão governamental responsável por políticas no âmbito cultural — deve, por meio de investimentos públicos e privados, veicular nos meios de telecomunicação campanhas que mostrem as tradições originárias da África e os costumes afro-brasileiros. Isso deve ser feito a fim de tornar os brasileiros conhecedores desse legado e possibilitar a sua apreciação. Assim, o Brasil passará a cumprir o objetivo da Agenda 2030.

ESPELHO DA REDAÇÃO

MARIA CECÍLIA BARBOSA

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

1 O Agenda 2030 - plano de metas da Organização das Nações Unidas (ONU)
2 tem como um de seus objetivos a valorização igualitária de todas as culturas. Entretanto,
3 percebe-se, no Brasil, contrariamente, uma realidade diferente, onde ~~que~~ a
4 herança africana não é devidamente apropriada no país. Nesse contexto, por
5 de-se, citam como desafios para a valorização ~~de~~ da herança africana no ter-
6 ritório nacional a falta de consciência da população sobre a problemática anteriormente
7 citada e a ~~falta~~ pouca representatividade midiática desta cultura.

8 Sobre esse tema, o fato dos brasileiros não terem conhecimento sobre o que
9 tem previamente dito, é um obstáculo para a sua resolução. Nesse sentido, de acordo
10 com o Instituto Ipsos-Mercato, o Brasil tem uma das populações mais
11 ignorantes do mundo em decorrência disso, a sociedade do país, em grande
12 parte, não está ciente de que a cultura da herança africana é desenvolvida, e que
13 dificulta a resolução da problemática. Dessa maneira, a falta de conheci-
14 mentos da população contribui para a perpetuação da desvalorização da herança africana.

15 Ademais, a falta de representatividade midiática da cultura africana ~~se~~
16 ~~for~~ também é um fator para a sua desvalorização. Sobre esse assunto, cabe citar
17 a jornalista Mariana Edelman, que afirma que não é possível ver a que não
18 se pode ver. Nesse panorama, a ausência de manifestações culturais de matriz
19 africana na mídia reduz as suas ocorrências na sociedade, e, consequen-
20 temente, a sua apropriação. Nesse modo, a pouca exposição nos veículos mi-
21 diáticos ~~é~~ um empecilho para a ~~realização~~ valorização da herança africana.

22 Portanto, existem desafios para a valorização da herança africana
23 no país que precisam ser solucionados. Logo, o Ministério da Cultura
24 órgão governamental responsável por políticas no âmbito cultural - deve,
25 por meio de investimentos públicos e privados, veicular mais obras
26 de telecomunicação camponesas ~~que~~ que mostrem as tradições originais
27 da África e os costumes afro-brasileiros. Isso deve ser feito a fim de tor-
28 nar os brasileiros conhecedores desse legado e ~~possível~~ possível dar a sua
29 apropriação. Assim, o Brasil passará a cumprir o objetivo da Agenda
30 2030.

VITORIA MARIA CECOTI DE SOUZA

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

No livro "Ponciá Vicêncio", de Conceição Evaristo, a personagem Luandi, ao retornar de seus trabalhos diários, cantarolava versos de uma antiga canção africana, que lhe foi ensinada por seus antepassados. A obra aborda, então, a valorização da herança africana no Brasil, questão que apresenta diversos empecilhos à sua concretização na atual conjuntura brasileira. Tais desafios envolvem a manutenção de pensamentos preconceituosos advindos da colonização e a lacuna educacional da história africana.

A princípio, tem-se que a mentalidade eugenista e eurocêntrica imposta no Brasil colonial se mantém na contemporaneidade de modo a restringir a valorização da cultura africana. Nesse sentido, é válido avaliar que a ideologia do "Darwinismo Social", desenvolvida por Herbert Spencer, a qual afirma que os povos africanos são "inferiores" e "aculturados", moldou a sociedade brasileira a partir do século XIX. Fundamentada em tal teoria e aliada à lógica da escravidão, naturalizou-se entre os brasileiros a preterição da cultura africana, de forma a sistematizar preconceitos e estereótipos associados a essa população. Como consequência, há na atualidade a persistência dessa lógica equivocada, que se manifesta recorrentemente na sociedade brasileira na forma de ridicularização e demonização de retratações como danças e rituais religiosos que remetem à matriz africana. Assim, evidencia-se a dificuldade na valorização da herança africana.

Além disso, há a minimização do ensino da herança africana nas escolas brasileiras, o que intensifica sua desvalorização. Sob esse viés, o pensador Darcy Ribeiro afirma que o povo brasileiro é constituído de três matrizes: a europeia, a indígena e a africana. Desse modo, espera-se que o sistema de ensino brasileiro considere essa formação sociológica e destine partes iguais da carga horária escolar para o ensino da história de cada uma dessas matrizes. Contudo, ao avaliar a grade curricular proposta pelo sistema educacional, nota-se a desigualdade na abordagem das matrizes, no sentido de que a história africana é ensinada de maneira superficial e incompleta, com foco apenas no período escravocrata. Em suma, a preterição da história africana mostra-se como um obstáculo à valorização dessa matriz.

Portanto, faz-se necessário o emprego de medidas para mitigar os desafios à valorização da herança africana no Brasil. Logo, cabe ao Ministério da Cultura o investimento em programas culturais que tematizem a cultura africana, a partir da criação de peças de teatro e apresentações musicais que retratem essa cultura, a fim de erradicar o preconceito em relação à herança africana. Cabe também ao Ministério da Educação a ampliação da carga horária da grade escolar destinada ao ensino da história africana. Com isso, espera-se que a herança africana seja valorizada no Brasil, e que casos como o de Luandi, de resgate da cultura dessa matriz, se tornem mais frequentes.

ESPELHO DA REDAÇÃO

VITÓRIA MARIA CECOTI DE SOUZA

Nota: **940** C1: 160 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

1 Na obra "Povo Brasileiro" de Câmara Cascari, a autora apresenta uma visão de seu trabalho
2 debruçada sobre o estudo de uma cultura africana que lhe foi transmitida por seu antepassado. A obra
3 aborda, entre a valorização da herança africana no Brasil, questões que apontam diversas possibilidades de
4 reconstrução da atual sociedade brasileira, seja através da valorização da herança africana ou da herança
5 europeia, a partir da educação da criança africana.

6 O principal tema é que a mentalidade europeia e americana imposta no Brasil impediu a manifestação
7 na contemporaneidade de uma cultura africana. Para o autor, a valorização da cultura africana é uma
8 condição para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, a qual é a única que
9 pode superar a situação de desigualdade social e econômica do Brasil e, portanto, a única que
10 fundamenta a total transformação da sociedade brasileira e a partir do século XIX.
11 A valorização da cultura africana, de forma a reconhecer a presença e a importância da cultura africana
12 na sociedade brasileira, é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana e a partir do século XIX.
13 A valorização da cultura africana, de forma a reconhecer a presença e a importância da cultura africana
14 na sociedade brasileira, é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana e a partir do século XIX.
15 A valorização da cultura africana, de forma a reconhecer a presença e a importância da cultura africana
16 na sociedade brasileira, é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana e a partir do século XIX.

17 O autor também afirma que a valorização da cultura africana é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana
18 e a partir do século XIX. A valorização da cultura africana, de forma a reconhecer a presença e a importância da cultura africana
19 na sociedade brasileira, é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana e a partir do século XIX.
20 A valorização da cultura africana, de forma a reconhecer a presença e a importância da cultura africana
21 na sociedade brasileira, é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana e a partir do século XIX.
22 A valorização da cultura africana, de forma a reconhecer a presença e a importância da cultura africana
23 na sociedade brasileira, é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana e a partir do século XIX.
24 A valorização da cultura africana, de forma a reconhecer a presença e a importância da cultura africana
25 na sociedade brasileira, é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana e a partir do século XIX.

26 O autor também afirma que a valorização da cultura africana é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana
27 e a partir do século XIX. A valorização da cultura africana, de forma a reconhecer a presença e a importância da cultura africana
28 na sociedade brasileira, é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana e a partir do século XIX.
29 A valorização da cultura africana, de forma a reconhecer a presença e a importância da cultura africana
30 na sociedade brasileira, é uma tarefa que exige a valorização da cultura africana e a partir do século XIX.

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA DA SILVA

Nota: **960** C1: 180 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

Durante até a metade do século 20, o escritor negro Machado de Assis era retratado nas pinturas e nas fotografias como um homem branco. Com isso, o embranquecimento de uma das maiores figuras da literatura nacional aponta a omissão da memória como uma ferramenta racista para o apagamento da herança africana no Brasil. Desse modo, no contexto histórico da formação do perfil social brasileiro, a marginalização da contribuição afro-brasileira resultou em uma nação desconhecida da sua própria história, de modo a estar passível à replicações de preconceitos de cunhos raciais, bem como a desvalorização da população negra.

Em primeira análise, a escravidão africana não se constituiu enquanto somente um processo violentamente físico, mas conteve-se também a esfera político-social. Nesse sentido, o mito da superioridade racial difundido pela perspectiva eurocentrista racista, ocorreu na histórica desvalorização da herança africana ocasionada, sobretudo, por um modelo racista de sociedade articulado pelas elites brancas e pelo Estado. Diante isso, tal mecanismo é evidenciado pelo apagamento da memória racial, ao longo da formação do país, enquanto uma ferramenta de dominação. Portanto, a manutenção desse fenômeno ainda ocorre hoje, como na precarização de monumentos históricos da comunidade afro-brasileira, por exemplo, com o abandono das obras do Cais do Valongo, lugar que, segundo a Organização das Nações Unidas, teve maior fluxo de escravizados do planeta.

Em segunda análise, a atual proposta de manutenção da herança cultural africana no Brasil é insuficiente. Desse modo, apesar de criada a lei do ensino sobre a história africana nas escolas brasileiras, essa medida é vaga quanto à cobrança curricular, de modo a expressar a falta de fornecimento de preparo aos educadores no que tange a forma em que o tema deve ser lido em sala de aula. Dessa maneira, o aprendizado sobre a importância da contribuição negra na construção do país fica empobrecido. Assim, os alunos do ensino básico tendem a replicar preconceitos na sociedade, visto a negligente atuação do Estado em fornecer educação adequada durante a formação dos indivíduos, com isso fomentando para a desvalorização da história afro-brasileira na constituição sociocultural do país.

Em síntese, medidas são necessárias para o enfrentamento dos desafios para a valorização da herança africana no Brasil. Para tanto, cabe ao governo federal, órgão responsável pela igualdade racial, a promoção de oficinas com os educadores sobre o ensino da herança africana, por meio de palestras com especialistas no assunto, a fim de gerar um ensino sobre a contribuição sociocultural afro-brasileira de qualidade nas escolas. Assim, poderão ser encontrados caminhos à superação do racismo e da desigualdade racial.

ESPELHO DA REDAÇÃO

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA DA SILVA

Nota: **960** C1: 180 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

1 Durante até a metade do século 20, o escritor negro Machado de Assis era retratado nas pin-
2 turas e nas fotografias como um homem branco. Com isso, o entranqueamento de uma das maio-
3 res figuras da literatura nacional aponta a omissão da memória como uma ferramenta racista
4 para o apagamento da herança africana no Brasil. Desse modo, no contexto histórico da formação
5 do perfil social brasileiro, a marginalização da contribuição afro-brasileira resultou em uma me-
6 moria desconectada da sua própria história, de modo a estar passível à replicação de preconceitos
7 de cunhos raciais, bem como a desvalorização da população negra.

8 Em primeira análise, a escravidão africana não se constitui enquanto somente um processo
9 violentamente físico, mas conteve-se também a esfera político-social. Nesse sentido, o mito
10 da supremacia racial difundido pela perspectiva eurocentrista racista, ocorreu na histó-
11 rica desvalorização da herança africana ocasionada, sobretudo, por um modelo racista de
12 sociedade articulado pelas elites brancas e pelo Estado. Diante disso, tal mecanismo é evi-
13 denciado pelo apagamento da memória racial ao longo da formação do país, enquanto uma fe-
14 rramenta de dominação. Portanto, a manutenção desse fenômeno ainda ocorre hoje. Como na preciza-
15 ção de monumentos históricos da comunidade afro-brasileira, por exemplo, com o abandono das obras do
16 Cão do Valongo, lugar que, segundo a Organização das Nações Unidas, foi maior fluxo de escravizados do planeta.

17 Em segunda análise, há atualmente propostas de manutenção da herança cultural africana
18 no Brasil, ~~se~~ insuficiente. Desse modo, apesar de criada a lei do ensino sobre a história
19 africana nas escolas brasileiras, essa medida é vaga quanto à cobrança curricular, de ~~forma~~ modo
20 a expressar a falta de fornecimento de preparo aos educadores ^{naquele tempo} quanto à forma em que o te-
21 ma deve ser tratado em sala de aula. Dessa maneira, o aprendizado sobre a importância da con-
22 tribuição negra na construção do país fica empobrecido. Assim, os alunos do ensino básico tendem
23 a replicar preconceitos na sociedade, visto a negligente atuação do Estado em fornecer educa-
24 ção adequada durante a formação dos indivíduos, com isso fomentando para a desva-
25 lorização da história afro-brasileira na constituição sociocultural do país.

26 Em síntese, medidas são necessárias para o enfrentamento dos desafios para a valorização da herança afro-
27 na no Brasil. Para tanto, cabe ao governo Federal, órgão responsável pela igualdade racial, a promoção de oficinas com
28 os educadores sobre o ensino da herança africana, por meio de palestras com especialistas no assunto, a fim de
29 gerar um ensino sobre a contribuição sociocultural afro-brasileira de qualidade nas escolas. Assim,
30 poderão ser evitados crimes como a superação do racismo e da desigualdade racial.

HUBERT KAAB SOUZA DA SILVA

Nota: **960** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

Na obra literária “Olhos D’ Água”, de Conceição Evaristo, a personagem do conto final expressa seu sentimentalismo através da sua falha lembrança da cor dos olhos de sua mãe, marcados pelo choro da difícil vida. Nessa trama, é retratada a desumana realidade vivenciada pela população negra e as cargas emocionais envolvidas no apagamento dessa memória afetiva. Em paralelo à realidade brasileira, tal esquecimento histórico-cultural é evidenciado na desvalorização da herança africana no Brasil hodierno. A partir disso, é necessário destacar que o sistema educacional segregador e a cegueira racial, por parte da sociedade, se enquadram como desafios dessa mazela nacional.

Em primeiro plano, é fundamental retomar a excludente educação brasileira, caracterizada pela metodologia conservadora e eurocêntrica ao tratar de conteúdos que abordam o passado africano, como um dos fatores desse entrave. Nesse sentido, a teoria de que a educação pode ser um mecanismo emancipatório do indivíduo é defendida pelo educador e filósofo Paulo Freire, sob esse olhar, tal tese demonstra que uma valorosa perspectiva do legado deixado pela cultura africana é impedida quando não há um estímulo, aos alunos, do pensamento crítico da história e dos fatos por parte do professor. Desse modo, ao adotar um ensino enviesado nas bases do tradicionalismo — marcado pelo racismo estrutural, superioridade europeia e ideologia “civilizatória de raças” —, o educador perpetua um pensamento social que restringe a visibilidade cultural somente àquela imposta pelos colonizadores. Diante disso, fica claro o papel educacional inadequado como mantenedor dessa problemática racial.

Ademais, também é válido evidenciar o racismo presente na sociedade brasileira. Nesse viés, pode-se destacar o Patrimônio Cultural Brasileiro das “Baianas do Acarajé” como uma valorização da transmissão dos saberes, técnicas e conhecimentos culinários em Salvador - BA, entretanto, o corpo social possui um imaginário que reduz essa tradição somente a pratos típicos, descartando, por causa do preconceito velado e do estereótipo estruturados na sua visão de indivíduo, os valores identitários e afetivos relacionados a essa comunidade. Por conseguinte, e notório, mediante ao exemplo dado, a invisibilização da importância dos costumes africanos causada pelo racismo enraizado no povo tupiniquim, dessa maneira, observa-se, então, que os cidadãos, cegos pelos seus próprios modos de vida, são o cerne da ausência de valor atribuída a essa herança dos povos negros no país.

Portanto, urge medidas governamentais e educacionais para mudança dessa perspectiva da sociedade. Assim, sendo o Ministério dos Povos Originários — órgão público responsável pela proteção dos saberes tradicionais brasileiros — deve, por meio de reuniões com o Ministério da Educação, implantar disciplinas, conteúdos e atividades que estimulem o senso crítico das crianças e dos adolescentes, a fim de formar cidadãos com uma opinião e um respeito maior com a rica herança de origem africana. Somente assim, o Brasil terá suas memórias perpetuadas, diferente da filha que não lembra da cor dos olhos marejados de sua mãe.

ESPELHO DA REDAÇÃO

HELOISE AGOSTINHO DIAS FERREIRA

Nota: **960** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

Na obra literária "Olhos D'Água", de Conceição Evarista, a personagem de conto final expressa seu sentimentalismo através da sua falha lembrança da cor dos olhos de sua mãe, marcados pela choro da difícil vida. Nessa trama, é retratada a desumana realidade vivenciada pela população negra e as cargas emocionais envolvidas no apagamento dessa memória afetiva. Em paralelo à realidade brasileira, tal esquecimento histórico-cultural é evidenciado na desvalorização da herança africana no Brasil moderno. É por isso mesmo, é necessário destacar que o sistema educacional se propõe a ser ^{equívoco} racial, por parte da sociedade, se enquadram como desatores dessa matriz nacional.

Em primeiro plano, é fundamental retomar a realidade educacional brasileira, caracterizada pela metodologia conservadora e eurocentrista, ao tratar ^{de conteúdos} ^{que abordam} e passadas africanas ^{como um dos pilares} desse eixo. Nesse sentido, a teoria de que a educação pode ser um mecanismo emancipatório do indivíduo é defendido pelo educador e filósofo Paulo Freire, sob esse olhar, tal tese demonstra que uma valerosa perspectiva da ligação deixada pela cultura africana é impedida quando não há um estímulo, aos alunos, de pensamento crítico da história e dos fatos por parte do professor. Desse modo, ao adotar um ensino enraizado nos bases de tradicionalismo - marcado pelo racismo estrutural, superioridade europeia e ideologia "civilizatória de raças" - o educador perpetua um preconceito social que restringe a visibilidade cultural somente àquela imposta pelos colonizadores. Diante disso, fica claro o papel educacional ~~inadequado~~ como manter dessa problemática racial.

Ademais, também é válido evidenciar o racismo presente na sociedade brasileira. Nesse viés, pode-se destacar o Patrimônio Cultural Brasileiro das "Baias de Acaraçá" como uma valorização da transmissão das saberes, técnicas e conhecimentos culinários em Salvador - BA, entretanto, o corpo social possui um imaginário que reduz essa tradição ^{apenas} ^{semente} aos pratos típicos, descartando, por causa do preconceito velado e do estereótipo estruturados na sua visão de indivíduo, os valores identitários e afetivos relacionados a essa comunidade. Por conseguinte, é notório, mediante ao exemplo dado, a sua invisibilização de importância dos costumes africanos causada pelo racismo ^{enraizado} ~~enraizado~~ no povo tupiniquim, dessa maneira, observa-se, então, que as crianças, cegas pelas seus próprios modos de vida, não o cerne da ausência de valor atribuída a essa herança dos povos negres no país.

Portanto, urge medidas governamentais e educacionais para mudança dessa perspectiva da sociedade. Assim sendo, o Ministério dos Povos Originários - órgão público responsável pela proteção dos saberes tradicionais brasileiros - deve, por meio de reuniões com o Ministério da Educação, implantar disciplinas, nas instituições, e atividades que estimulem e aprofundem a crítica das crenças e dos preconceitos, a fim de ^{formar cidadãos} ~~formar cidadãos~~ com uma opinião e um respeito maior com a rica herança de origem africana. Somente assim, o Brasil terá suas memórias perpetuadas, diferente da filha que não lembra da cor dos manjados olhos de sua mãe.

JULIA GUERRA SOARES

Nota: **960** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

A obra "Terra Negra", da poetisa Cristiane Sobral, desvela importantes aspectos da cultura afro-brasileira, na medida em que explora os diversos elementos da ancestralidade africana no país. Diante desse recorte, nota-se a relevância de tais produções artísticas, tendo em vista o constante apagamento da história desses povos no Brasil atual. Nesse sentido, faz-se imprescindível analisar os desafios para a valorização da herança africana, pautados na inoperância governamental e na mentalidade discriminatória existente.

Inicialmente, vale ressaltar a ineficiência estatal no que tange à promoção de medidas em prol da tradição abordada. Tal questão contradiz o pensamento do sociólogo contratualista Rousseau, segundo o qual o Estado deve estabelecer um Contrato Social com a sociedade, em que ele garanta os direitos dos cidadãos. Entretanto, é notória a falha governamental em cumprir o contrato proposto, visto que não são efetivadas políticas públicas vinculadas ao ensino da história africana em instituições escolares — sobre os costumes e técnicas desenvolvidos — e a grade curricular educacional perpetua o conhecimento limitado a respeito desses grupos. Desse modo, a cultura diversificada existente no país não é devidamente valorizada, uma vez que são formados adultos desinformados sobre o legado de povos africanos, o que impede a transmissão da pluralidade cultural brasileira para as gerações futuras e incita a homogeneização artística nacional.

Ademais, é válido salientar a persistente mentalidade discriminatória como entrave para a superação do cenário apresentado. Sob esse viés, a socióloga Lilia Schwarcz, em sua obra "Sobre o autoritarismo brasileiro", discorre acerca das origens da estrutura desigual do país, calcadas no violento processo colonizador e no período escravocrata vigente até 1888. Nessa perspectiva, é indubitável que o desenvolvimento nacional foi baseado em tal premissa, o que possibilitou a naturalização da superioridade branca em detrimento da ancestralidade africana e a manutenção de discursos preconceituosos contra os grupos subjugados. Assim, é fato que esses ideais legitimam o apagamento da tradição de povos africanos, dado que justificam a irrelevância do protagonismo afro-brasileiro na formação cultural da nação e contribuem para a desvalorização de obras artísticas, como "Terra Negra", e para a consequente exclusão socioespacial desses sujeitos.

Portanto, urge que o Ministério da Educação, órgão federal indispensável na solução de pautas sociais, execute a modificação da estrutura educacional, a fim de incluir o ensino da tradição africana nas instituições escolares. Tal medida ocorrerá por meio da elaboração de conteúdos sobre os costumes, as técnicas e os conhecimentos advindos da cultura de povos africanos — como a história da capoeira — na grade curricular do Ensino Fundamental Brasileiro. Além disso, devem ser compartilhadas obras artísticas desses indivíduos pela mídia, a fim de garantir a valorização cultural africana e reverter a mentalidade discriminatória existente. Dessa maneira, o Contrato Social, proposto por Rousseau, será cumprido e a nação poderá progredir.

ESPELHO DA REDAÇÃO

JULIA GUERRA SOARES

Nota: **960** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

1 A obra "Terra Negra", da poetisa Constante Soares, destaca importantes aspectos da cultura afro-brasileira,
2 na medida em que explora os diversos elementos da ancestralidade africana por parte. Dito, desde recente, por-
3 ta-se a importância de tais produções artísticas, tendo em vista a constante apogeu da história descom-
4 na do Brasil atual nesse sentido, faze-se imprescindível analisar os desafios para a valorização da história afro-
5 na, pontuando na importância governamental e na mentalidade discriminatória existente.

6 Além disso, vale ressaltar a importância social na que tem a promoção de medidas em prol da tradição
7 abolidora. Tal questão condiz à perspectiva do sociólogo culturalista Bourdieu, segundo a qual a cultura
8 estabelece um Contrato Social com a sociedade, em que se garante os direitos dos cidadãos. Entendendo, por-
9 tanto, a falta governamental em cumprir o contrato proposto, isto que não são eficientes políticas públicas
10 vinculadas ao ensino da história africana em instituições escolares - sobre os costumes e técnicas desenvolvidas
11 a partir das condições educacionais passadas e continuamente limitadas a respeito desses grupos. Dessa modo, a cultura de-
12 valorizada existente na país não é devidamente valorizada, uma vez que não formamos cidadãos desinformados
13 sobre a história de parte africana, que impede a transmutação da pluralidade cultural brasileira para o sy-
14 nio futuro e limita a homogeneização artística nacional.

15 Ademais, é válido salientar a persistente mentalidade discriminatória como outra entrave para a superação
16 da cultura opressora. Sob esse viés, o sociólogo Peter Schuster, em sua obra "Sobre o autoritarismo brasileiro",
17 discorre sobre os efeitos da estrutura desigual do país, voltados na cultura por meio de valorizar e no país
18 escravista vigente até 1888. Dessa perspectiva, é indubitável que a desvalorização social foi baseada em
19 tal premissa e que possibilitou a naturalização da superioridade branca em detrimento da ancestralidade que
20 rama e ~~para~~ a manutenção de discursos preconceituosos sobre os grupos subjugados. Assim, é fato que ~~os~~
21 idiossincrasias a negação da tradição de parte africana, dada que ~~os~~ privilegiou a instituição da pe-
22 tagonista afro-brasiliana na formação cultural da nação e continuidade para a desvalorização de obras artísti-
23 cas, como "Terra Negra", e para a consequente exclusão suscitada desses sujeitos.

24 Portanto, urge que o Ministério da Educação, órgão federal indispensável na solução de parte social,
25 ~~decente~~ a ~~instituição~~ da estrutura educacional, a fim de incluir a parte da tradição africana nas ins-
26 tuições escolares. Tal medida consistirá por meio da elaboração de conteúdos sobre os costumes, os rituais e os
27 conhecimentos advindos da cultura de parte africana - como a história da capoeira - na grade curricular de
28 no Ensino Médio Brasileiro. Além disso, devem ser disponibilizados obras artísticas desse indivíduo pela mídia,
29 a fim de promover a valorização cultural africana e combater a mentalidade discriminatória existente. Dessa maneira,
30 o Contrato Social, proposto por Bourdieu, será cumprido e a nação poderá progredir.

MARCOS AGUIAR DOS SANTOS

Nota: **960** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

O filósofo americano Russel Kirk, em sua obra "A política da prudência", afirma que a sociedade apresenta indivíduos muito distintos, fato que dificulta a resolução dos problemas sociais marcados pela pluralidade política, econômica e cultural. Nesse sentido, a premissa de tal autor se aplica à questão da herança africana no Brasil, bem como os desafios enfrentados pelo corpo social majoritariamente atingido, no que concerne à valorização da memória em pauta, tendo em vista que tal entrave perdura há séculos no país. Assim, é necessário destacar a inoperância governamental e o desconhecimento da população como motivos relativos ao óbice.

Diante disso, vale ressaltar que a falta de comprometimento do poder público acerca da propagação justa e plena da herança africana, no Brasil, burla preceitos constitucionais. Sob tal ótica, torna-se claro que parte dos governantes não cumpre com a Carta Magna, visto que, ainda no mundo hodierno, o racismo estrutural, isto é, a discriminação institucionalizada contra a parcela negra da população, acaba suprimindo constantemente aqueles que se empenham em ensinar as gerações de diferentes faixas etárias sobre a tradição africana no território brasileiro. Nessa perspectiva, a Constituição Cidadã, promulgada no ano de 1988, assegura pelo artigo 5º que todos são iguais perante a lei, sem distinção de cor, de etnia ou de gênero, cabendo ao Estado o dever de garantir a isonomia entre os cidadãos da comunidade. Logo, é imprescindível que os órgãos competentes se articulem no desenvolvimento de metodologias que valorizem veementemente a cultura da África presente no Brasil.

Ademais, é de extrema importância que a população aja com respeito e com solidariedade no que tange ao pertencimento brasileiro relacionado à história nacional que, por sua vez, tem a escravidão e a diáspora africana como pilares da cultura atual. Entretanto, o que acontece é o contrário ao dito anteriormente, pois, por conta da base preconceituosa e conservadora que permeia a nação, atitudes que desvalorizam as raízes negras provindas da África são frequentemente normalizadas. Analogamente, tal situação é retratada no seriado "Everybody hates Chris", que mostra a vida de Chris, o personagem principal, na constante dicotomia entre morar em um bairro com a vizinhança de descendência africana e estudar em um colégio com alunos, em sua maioria brancos, racistas e opressores. Por conseguinte, o povo brasileiro necessita de iniciativas autônomas na representação africana positiva.

É evidente, portanto, que a valorização da herança cultural proveniente do repertório africano, no Brasil, carece de mecanismos de extinção dos desafios impostos pela mentalidade discriminatória. Nesse cenário, urge ao Governo, o principal detentor do poder Executivo no país, o dever de zelar pelo ensino benéfico dos traços africanos latentes na América como um todo, por intermédio do envio de verbas às unidades federativas, com o intuito de capacitar os profissionais de ensino na visão africana. Além disso, a mídia, como formadora da opinião pública, precisa conscientizar a população, por meio de palestras e de postagens, com o objetivo de retirar o estigma depreciativo do capital social e cultural africano. Dessarte, a sociedade seguirá em prosperidade com os ideais de Russel Kirk.

MARCOS AGUIAR DOS SANTOS

Nota:

C1: 16

C2: 20

C3: 20

C4: 20

C5: 20

[illegible]

MARIA CECÍLIA HERINGER SCHUCHTER

Nota: **960** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

Em seu livro "A cor púrpura", Alice Walker constrói a narrativa de três pessoas afrodescendentes que vão para uma região da África com o intuito de educar indivíduos de uma aldeia. Entretanto, os personagens deparam-se com a colonização em andamento e, ao mesmo tempo, precisam lidar com o legado que lhes foi deixado: não são reconhecidos, pela sociedade americana, como parte dela e, pelo povo africano, como integrantes de sua história. Com efeito, a tentativa de aculturação promovida pelos dominadores resulta, muitas vezes, em um estranhamento à própria ancestralidade e dificulta a promoção de uma educação voltada para a transmissão de tradições das comunidades negras e para a construção de uma memória coletiva. Dessa forma, evidenciam-se os desafios para a valorização da herança africana no Brasil e a necessidade de ações governamentais para superar esse óbice.

Nessa linha de raciocínio, houve, na História, a criação de diversas justificativas para a dominação europeia sobre os povos afrodescendentes, com o projeto de apagamento cultural desses grupos. De fato, é possível citar o "darwinismo social", uma doutrina pseudocientífica que objetivava a manutenção da hegemonia caucasiana e a dominação sobre outras culturas. Segundo essa corrente, civilizar os povos considerados inferiores seria o "fardo do homem branco" — uma obrigação que ele assumiria em prol do desenvolvimento humano. Assim, em todo o mundo, incluindo o Brasil, essa postura violenta configurou-se como uma barreira para a preservação dos costumes africanos, mas não a impediu. Exemplo disso é a formação de quilombos nos períodos colonial e imperial, como uma forma de resistência física e cultural.

Sob tal ótica, os obstáculos para a transmissão dos saberes da minoria em questão podem ser combatidos por meio da educação. Hoje, o ensino nas escolas brasileiras é eurocentrista e lida com os povos afrodescendentes pela perspectiva do escravismo e da subjugação, mas essa característica pode e deve ser mudada. Portanto, há a urgência da implementação de uma abordagem educacional voltada para o protagonismo das comunidades negras, revertendo os estereótipos relacionados a essa parcela da população.

Em suma, visando a uma sociedade brasileira em que haja a superação das dificuldades para a transmissão do legado africano, é imprescindível que o Ministério da Educação promova uma "educação emancipadora", a qual, para Paulo Freire, consiste na formação de indivíduos críticos, conscientes social e politicamente. Isso pode ser feito por meio de mudanças na matriz escolar nacional, que deve abranger o estudo profundo e sistemático de povos e civilizações africanas e afrodescendentes, principalmente com autores desses grupos. Somente assim, o Brasil poderá evitar o estranhamento cultural descrito na obra de Walker e difundir os sentimentos de pertencimento e de identificação nessas comunidades historicamente marginalizadas.

ESPELHO DA REDAÇÃO

MARIA CECÍLIA HERINGER SCHUCHTER

Nota: **960** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

1 Em seu livro "A cor púrpura", Alice Walker constrói a narrativa de três pessoas afrodescendentes que
2 vão para uma região da África com o intuito de educar indivíduos de uma aldeia. Entretanto, as perso-
3 nagens deparam-se com a colonização em andamento e, ao mesmo tempo, precisam lidar com o le-
4 gado que lhes foi deixado; não são reconhecidos, pela sociedade americana, como parte dela e, pelo povo
5 africano, como integrantes de sua história. Com efeito, a tentativa de aculturação promovida pelos do-
6 minadores resulta, muitas vezes, em um estranhamento à própria ancestralidade e dificulta a prome-
7 ção de uma educação voltada para a transmissão de tradições das comunidades negras e para a construi-
8 ção de uma memória coletiva. Dessa forma, evidenciam-se os desafios para a valorização da herança afri-
9 cana no Brasil e a necessidade de ações governamentais para superar esse óbice.

10 Nessa linha de raciocínio, houve, na História, a criação de diversas justificativas para a dominação co-
11 mpetiva sobre os povos afrodescendentes, com o projeto de apagamento cultural desses grupos. De fato, é
12 possível citar o "darwinismo social", uma doutrina pseudocientífica que objetivava a manutenção da he-
13 gemonia caucasiana e a dominação sobre outras culturas. Segundo essa corrente, considerar os povos con-
14 siderados inferiores seria o "fundo do homem branco" - uma obrigação que ele assumiria em prol do desen-
15 volvimento humano. Assim, em toda a mundo, incluindo o Brasil, essa postura violenta configurou-se como
16 uma barreira para a preservação dos costumes africanos, mas não a impediu. Exemplo disso é a formação
17 de quilombos nos períodos colonial e imperial, como uma forma de resistência física e cultural.

18 Sob tal ótica, as estratégias para a transmissão dos saberes da minoria em questão podem ser combatidas
19 por meio da educação. Hoje, o ensino nas escolas brasileiras é eurocentrista e lida com os povos afrodesen-
20 dentres pela perspectiva do escravismo e da subjugação, mas essa característica pode e deve ser mudada. Portan-
21 to, há a urgência da implementação de uma abordagem educacional voltada para o protagonismo das comu-
22 nidades negras, revertendo os estereótipos relacionados a esse parcela da população.

23 Em suma, visando a uma sociedade brasileira em que haja a superação das dificuldades para a
24 transmissão do legado africano, é imprescindível que o Ministério da Educação promova uma "educação ~~em~~
25 emancipadora", a qual, por Paulo Freire, consiste na formação de indivíduos críticos, conscientes ~~sua~~
26 social e politicamente. Isso pode ser feito por meio de mudanças na matriz escolar nacional, que deve a-
27 branger o estudo profundo e sistemático de povos e civilizações africanas e afrodescendentes, neces-
28 sariamente com autores desses grupos. Somente assim, o Brasil poderá evitar o estranhamento cultu-
29 ral descrito na obra de Walker e difundir os sentimentos de pertencimento e de identificação
30 nessas comunidades historicamente marginalizadas.

MATHEUS ARRUDA

Nota: **960** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

"Mais esperto que o Diabo" é um best-seller escrito por Napoleon Hill e nele o Diabo é entrevistado e revela que sua principal forma de reduzir e de aprisionar a humanidade é por meio da alienação, ou seja, fazer com que as pessoas deixem de pensar em si próprias e de objetivarem o sucesso. Análogo à obra, a alienação está presente na sociedade brasileira na negligência quanto aos desafios para a valorização da herança africana no Brasil, o que dificulta o continuísmo do progresso, assim como o Diabo. Dessa maneira, faz-se necessário analisar os aspectos que constituem essa problemática.

Nesse sentido, é importante validar a análise do jornalista Clóvis de Barros Filho, pois, segundo ele, a sociedade atual vive em constante amor platônico, sendo que, para Platão, amor é desejo, do grego eros - amor pela pretensão do que pode ser. Desse modo, as induções do jornalista são ratificadas, uma vez que, na contemporaneidade, a tematização o abordamento da temática da história e da cultura africana no Brasil nas escolas, é, majoritariamente, apenas idealizado com promessas políticas em vez de ações governamentais reais. Isso ocorre por causa da ineficácia dos governantes e dos ministérios em promover como obrigatoriedade nas escolas o estudo da herança afro-brasileira, que, muitas vezes, fica diminuída apenas ao período escravista. Com isso, é alimentado a perpetuação do racismo estrutural de estruturas que ocultam a história de heróis negros, como Zumbi dos Palmares, Dandara, Marielle, que lutaram para mudança de paradigmas nocivos. Isso demonstra, por conseguinte, um quadro social caótico e que precisa de medidas para ser solapado e combatido, tendo em vista a mudança da educação brasileira e valorização da herança africana.

Além disso, destaca-se o poema "A gente se acostuma, mas não devia", escrito pela jornalista ítalo-brasileira Marina Colasanti. Nele, ressalta-se o conceito de naturalização, condicionamento de ações adversas e subversivas, sendo estas tomadas como normais, tais como o roubo e a corrupção. Infelizmente, a realidade brasileira aproxima-se desse conceito, mascarando, dessa forma, problemas sociais graves como a estereotipação das crenças, dos costumes e das tradições africanas presentes na realidade sociedade. Sendo assim, esse condicionamento fortalece o racismo estrutural, visto que a história e o passado são contados pelo ponto de vista do colonizador (branco e europeu), relegando a cultura afro-brasileira à inferiorização e tornando-a marginalizada. Por consequência, as estruturas políticas e econômicas reproduzem esses preconceitos. Dessarte, urge medidas para atenuar esse entrave.

Portanto, é indispensável a adoção de práticas para mitigar os desafios para a valorização da herança africana no Brasil. Nesse viés, o Ministério da Educação, que é o principal gestor da educação no país, deve promover, por meio de propagandas radiotelevisivas, campanhas publicitárias e aulas inclusivas na carga horária obrigatória das escolas, o abordagem da temática da história, da cultura, das crenças e dos costumes dos povos afro-brasileiros, tendo como finalidade exaltar os heróis e os atores sociais negros que foram relegados à exclusão, com o efeito de romper com os estereótipos acerca do passado e findar com o racismo estrutural que perpetua no presente. Assim, a nação se tornará desalienada.

MATHEUS ARRUDA

960

C2: 20

C4: 20

[illegible]

POLIANA PIRES

Nota: **960** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

Em "As Origens do Totalitarismo", Hannah Arendt afirma que, historicamente, são criados discursos dominantes a fim de hierarquizar as massas. Ao tomar como base essa perspectiva para análise dos desafios para a valorização da herança africana no Brasil, pode-se afirmar que essa problemática tem raízes desde o período colonial para inferiorizar os povos africanos que externalizam sua cultura e assim manter as tradições europeias no centro da dominação.

Diante desse cenário, a colonização portuguesa no Brasil teve como objetivo a inferiorização de povos originários e afrodescendentes, uma vez que tornou-se alvo da exploração de terras e pessoas com o viés econômico direcionado a metrópole. Conforme Arendt, na obra supracitada, a hierarquização dos povos ocorre de maneira a culpabilizar e inferiorizar os grupos que não são dominantes por todos os males da sociedade vigente. Dessa forma, nota-se que, no âmbito religioso, os escravizados eram obrigados a abdicar da religião de matriz africana e adorar as imagens católicas, pois era propagado, de forma massiva, entre os grupos dominantes, que a culpa das crises econômicas vivenciadas pelos senhores de terra era da manifestação religiosa africana cultuada pelos escravizados.

Por conseguinte, como consequência direta do racismo em relação à herança cultural africana, têm-se fenômenos como a intolerância religiosa, preconceito com idiomas dos países africanos e seus dialetos. A título de exemplo, observa-se, no programa televisivo da emissora Globo "Big Brother Brasil", que o médico Fred Nicácio foi vítima do racismo religioso por dois integrantes que, quando o viram cultivar sua religião de matriz africana num dialeto próprio, fizeram comentários que atacam, diretamente, a cultura do participante. Assim, mesmo que décadas após o fim da escravidão, o pensamento enraizado do colonialismo europeu permanece hierarquizando, a rica herança, dos países da África.

Portanto, fica evidente que transformações são necessárias. Para tanto, o Estado, como agente regulador de leis, deve reestruturar o sistema de ensino, para quebrar o padrão histórico perpetuado, a fim de conscientizar a população. Ademais, a Escola, como agente formador, cabe atuar em conjunto ao grêmio estudantil, na promoção de debates e palestras, de modo a incentivar a valorização de diversas culturas, para que jovens se tornem mais empáticos. Dessa maneira, pela valorização da teoria Arendtiana, que retrata, entre outros aspectos, da hierarquização de grupos, deve-se romper com esses discursos e, somente assim, faz-se possível a valorização da herança africana no Brasil.

ESPELHO DA REDAÇÃO

POLIANA PIRES

Nota: **960** C1: 160 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

1	Em "An Origem do totalitarismo", Hannah Arendt afirma que, historicamente, não cessou de ser
2	dominante o fim de hierarquizar as coisas. Ao tomar como base essa perspectiva para análise dos discursos
3	sobre a valorização da herança africana no Brasil, pode-se afirmar que essa problemática tem raízes desde
4	o período colonial para inferiorizar os povos africanos que externalizam sua cultura e assim manter
5	as tradições europeias no centro da dominação.
6	Diante desse cenário, a colonização portuguesa no Brasil teve como objetivo a inferiorização dos povos
7	originários e afrodescendentes, uma vez que tornava-se ainda a exploração de terras e pessoas com o
8	viés econômico direcionado à metrópole. Conforme Arendt, no caso português, a hierarquização
9	dos povos ocorre de maneira a culpabilizar e inferiorizar os grupos que não são dominantes por
10	todos os meios da sociedade vigente. Dessa forma, nota-se que, no âmbito religioso, os escravizados
11	eram designados à prática da religião de matriz africana e adotam as imagens católicas, pois era
12	propaganda, de forma maliciosa, entre os grupos dominantes, que a culpa das crises econômicas
13	vivenciadas pelos senhores de terras era de manifestação religiosa africana cultuada pelos escr-
14	vizados.
15	Por conseguinte, como consequência direta do racismo em relação à herança cultural africana,
16	têm-se fenômenos como a intolerância religiosa, preconceito com idiomas dos povos africanos e
17	seus dialetos. A título de exemplo, apresenta-se, no programa televisivo da emissora Aíró
18	"Big Brother Brasil", que o médico Fred Nicácio foi vítima do racismo religioso por não inte-
19	grar com quem, quando o visava cultural sua religião de matriz africana não é dialeto próprio,
20	fazem comentários que atacam, diretamente, a cultura do participante. Assim, mesmo
21	que décadas após o fim da escravidão, o pensamento enraizado do colonialismo europeu
22	permanece hierarquizando, a rica herança dos povos da África.
23	Portanto, fica evidente que transformações são necessárias. Para tanto, o Estado, como agente
24	regulador de leis, deve reestruturar o sistema de ensino, para que se crie o padrão histórico
25	perpetuado, o fim de conscientizar a população. Ademais, a Escola, como agente formadora, deve
26	atuar em conjunto ao grêmios estudantis na promoção de debates e palestras, de modo a incen-
27	tivar a valorização da diversidade cultural, para que jovens se tornem mais empáticos. Dessa manei-
28	ra, pela valorização da teoria de Arendtiana, que retrata, entre outros aspectos, da hierarquização
29	dos grupos, deve-se romper com essa dicotomia e, portanto assim, faz-se possível
30	a valorização da herança africana no Brasil.

TAÍSSA MORAIS GONÇALVES

Nota: **960** C1: 180 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

Segundo Djamila Ribeiro, escritora e filósofa brasileira, "para atuar sobre um problema, é necessário retirá-lo da invisibilidade." Nessa perspectiva, uma questão importante a ser discutida no Brasil atual é a valorização da herança africana e seus desafios. Dessa forma, são barreiras a serem superadas o preconceito enraizado na sociedade e o legado histórico eurocêntrico.

Em primeiro plano, é importante destacar que as ideias negativas pré-concebidas sobre a cultura africana são prejudiciais à proteção do seu valor no país. Acerca disso, o sociólogo Erving Goffman, em sua "Teoria da Estigmatização Social", afirma que alguns indivíduos e grupos sociais ficam marcados negativamente e são desumanizados. Nesse sentido, esse processo pode ser exemplificado pelo tratamento dado ao legado africano no Brasil, uma vez que, em grande medida, a sociedade brasileira tem pré-julgamentos em relação à cultura africana, e do mesmo modo que desumaniza as pessoas negras, também descredibiliza suas tradições ancestrais, como a religião, a culinária e a música. Um exemplo disso é o fato de que a divulgação de diversos produtos culturais centrados na história africana no Brasil, como filmes, infelizmente, são tidos como "militância" por parte da população. Assim, o desprezo pela enorme riqueza que o Brasil herdou da África é corroborado pela permanência do preconceito.

Em segundo plano, é válido ressaltar que, historicamente, a população brasileira tem o costume de reconhecer a importância das culturas estrangeiras, enquanto desvaloriza o legado de seu próprio país. De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu, em sua "Teoria do Habitus", os indivíduos tendem a incorporar estruturas desiguais, de modo a naturalizá-las e reproduzi-las. Sob esse viés, a desvalorização da cultura africana no Brasil pode ser explicada pelos séculos de objetificação e inferiorização da população negra, que fizeram o olhar eurocêntrico, ou seja, de valorização do que é considerado europeu, ser naturalizado entre os brasileiros e se tornar um "habitus", como descrito por Bourdieu. Logo, sem que haja medidas efetivas que concedam uma maior visibilidade à herança africana, haverá a manutenção desse quadro desigual e etnocêntrico.

Portanto, medidas são necessárias para atenuar o quadro atual. O Governo Federal, responsável por políticas de interesse nacional, deve promover o respeito à memória africana no país. Isso deve ser feito por meio de publicações nas redes sociais do governo, para que mais indivíduos reconheçam a importância desse patrimônio para o povo brasileiro. Além disso, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), designado à proteção dos bens materiais e imateriais da nação, deve criar um programa de valorização da cultura africana e sua herança no Brasil, por meio de exposições em museus pelo país. Somente assim, será possível garantir um futuro em que a memória africana é respeitada e valorizada.

ESPELHO DA REDAÇÃO

TAÍSSA MORAIS GONÇALVES

Nota: **960** C1: 180 C2: 200 C3: 180 C4: 200 C5: 200

Segundo Dipinto Ribeiro, escritor e filósofo brasileiro, "uma única coisa um problema, é a existência sobre a de
responsabilidade". Nessa perspectiva, uma questão importante a ser discutida no Brasil atual é a valorização
da cultura africana e sua influência. Dessa forma, não devemos nos limitar a reconhecer a presença da
herança da nação e a ligação histórica entre cultura
Em primeiro plano, é importante destacar que, na última migração para o continente sul-americano
com sua perspectiva de proteção de seu valor no país. Assim, a socióloga Evelyn Dagnoli, em sua obra
"A da Etnologia Social", afirma que alguns indivíduos e grupos sociais foram movidos negativamente e
discriminados. Além disso, em primeiro plano, há exemplos de como a cultura africana se manifestou no Brasil, por
exemplo, em alguns aspectos, a sociedade brasileira tem se desenvolvido em relação à cultura africana, e
mesmo mais que a cultura das pessoas negras, também desenvolveu suas tradições ancestrais, como a religião
afro-brasileira, e a culinária. Um exemplo disso é a festa de que a diversidade de diversas práticas culturais
existentes na sociedade brasileira, como filmes, infelizmente, não tiveram como "multicultural" por parte da população de
sim, e desprezo pelo mesmo, o que é o Brasil. Nesse sentido, a África é considerada a principal da diversidade.
Em segundo plano, é notável notar que, historicamente, a população brasileira tem
o costume de reconhecer a importância das culturas estrangeiras, enquanto desvaloriza e despreza
de sua própria país de origem com a socióloga Pivete Brundier, em sua "Teoria da Habitué", onde
muitas vezes a incorporação de culturas estrangeiras de modo a naturalizá-las e incorporá-las
Se, por um lado, a desvalorização da cultura africana no Brasil pode ser explicada pela
maneira de abstração e inferiorização da população negra, que pagaram o preço da sua existência
ou seja, de valorização de que é considerada superior, se naturalizada entre os brasileiros, se tem
mais um "habitué", como descrito por Brundier, logo, com que haja mudanças efetivas
que consideram uma maior visibilidade à herança africana, houve a manutenção desse
quadro desigual e etnocêntrico.
Portanto, mudanças não ocorrerão para alterar o quadro atual. O governo Federal, responsável
por políticas de inclusão nacional, deve ^{trabalhar} ~~trabalhar~~ a respeito da memória africana no país. Isso deve ser
na forma de publicação nos livros de história da governança, para que haja instituições responsáveis a imple-
tando de uma política para a população brasileira. Além disso, a Sociedade de Patrimônio Histórico e
Arquitetura Nacional (IPHAN), designada à proteção das bens materiais e imateriais da nação, deve criar um
plano de valorização da cultura africana e sua influência no Brasil, por meio de exposições em museus, palestras
e outros eventos, para proporcionar um futuro em que a memória africana é respeitada e valorizada.

KALINA GHIULIA

Nota: **980** C1: 180 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

“Quando uma atitude hostil ocorre constantemente, os indivíduos passam a vê-la como banal”. Essa frase, da filósofa Hanna Arendt, relaciona-se com a perpetuação dos desafios para a valorização da herança africana no Brasil, uma vez que a baixa importância dada ao tema tornou-se banal. Logo, é primordial que estratégias sejam aplicadas para mitigar a problemática, que possui como principais causas o individualismo e o descaso governamental.

Inicialmente, nota-se que o individualismo existente em grande parte da sociedade brasileira pode ser evidenciado como um dos problemas que impedem a exaltação do legado africano. Desse modo, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, o ser humano líquido adotou um modo individualista de pensar, pois essa nova sociedade — eurocêntrica e preconceituosa — impede a sociabilidade entre as pessoas. Relaciona-se tal premissa, por exemplo, à má formação educacional dos indivíduos que, devido ao fato de que grande parte das escolas ainda possui o ensino pautado na perspectiva preconceituosa do colonizador europeu, não reconhece como benéficas as contribuições africanas à história nacional. Isso gera, infelizmente, o apagamento da negritude na narrativa de formação do país, fazendo com que muitos dos descendentes de africanos não tenham pleno acesso à própria cultura e não se sintam pertencentes ao restante da comunidade — situação que pode levar os afrodescendentes a terem quadros depressivos.

Ademais, é nítido que há um descaso governamental em relação à perpetuação da mentalidade de desvalorização da herança africana. Nesse sentido, no livro “O cidadão de papel”, verifica-se a materialização de que os direitos previstos na Carta Magna de 88, como o direito à educação de qualidade e ao ensino plural, não são garantidos a todos os brasileiros na prática. Esse fato é demonstrado mediante a ineficácia estatal em disponibilizar aos cidadãos uma educação pautada na inclusão e na diversidade de atores sociais, tendo em vista que a atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ainda carece de medidas específicas que visem valorizar a negritude na formação da memória nacional. Consequentemente, os indivíduos formados pelas escolas atuais possuem uma visão limitada e preconceituosa da história do país, o que pode acarretar nestes aversão pela cultura advinda dos africanos.

Portanto, urge que o governo, por meio da reformulação da BNCC, acrescente à base curricular das escolas a matéria intitulada “Formação sociocultural nacional” — esta deverá ensinar a contribuição dos povos africanos na constituição da sociedade brasileira atual e promover visitas a museus afrodescendentes — com objetivo de formar cidadãos conscientes acerca do seu legado cultural e de desconstruir a visão colonizadora. Somente assim, será possível mitigar a problemática e contrapor o elucidado por Arendt.

ESPELHO DA REDAÇÃO

KALINA GHIULIA

Nota: **980** C1: 180 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

1 "Quando uma atitude hostil ocorre constantemente, as individualidades passam a ser 'la casa brava'".
2 Para, da Glenda Ferreira Brandt, relacionar-se diretamente com a perpetuação das desigualdades para a inclusão
3 social da população brasileira no Brasil, uma vez que a baixa importância dada ao tema, tem-se o Brasil
4 sempre primordial que utilizamos essas aplicações para mitigar a problemática que possui como prin-
5 cipais causas: o individualismo e a diversidade geracional.

6 Inicialmente, nota-se que o individualismo existiu em grande parte da sociedade brasileira, pois se entende
7 desde sempre um dos problemas que impedem a construção de laços afetivos. Dessa maneira, segundo a sociologia de
8 Ernst Bauman, o ser humano líquido adota um modo individualista de pensar, pois uma nova sociedade -
9 meritocrática e precarizadora - impede a solidariedade entre as pessoas. Além disso, se tal pensamento, por ex-
10emplo, a má formação educacional dos indivíduos, que devido ao fato de que grande parte das socie-
11dades ainda possui o ensino gratuito na população precarizadora de diferentes maneiras, não acontece
12 como benefício na construção educacional da história nacional. Isso gera, infelizmente, e especialmente da
13marginalidade na narrativa de formação do país, logo de cara que, com isso, muitas das desigualdades de abri-
14caras não tenham pleno acesso à própria cultura e não se sintam parte integrante do restante da comu-
15nidade - situação que pode levar as desigualdades a termos quadras deprimidas.

16 Ademais, é notório que há um discurso governamental em relação à perpetuação da mortalidade de des-
17valorização da população brasileira. Nesse sentido, no livro "O cidadão de papel", verifica-se a materializa-
18ção de que os direitos previstos na Constituição de 88, como o direito à educação de qualidade e o
19vozame plural, não são garantidos a todos os brasileiros na prática. Esse fato é demonstrado mediante a
20indignação notória em desigualdade aos cidadãos uma educação baseada na inclusão e na diversidade
21dade de outras pessoas, tendo em vista que a atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ainda con-
22ta de medidas específicas que visam valorizar a marginalidade na formação da memória nacional. Consequen-
23tamente, os indivíduos formados pelas escolas atuais possuem uma visão limitada e precarizadora
24da história do país, o que pode ocasionar maior exclusão pela cultura advinda dos africanos.

25 Portanto, uma vez que se percebe, por meio da reformulação da BNCC, ~~mesmo~~ ocorrentes de base curri-
26cular dos modelos e matérias intituladas "Formação socio-cultural nacional" - esta, dada a im-
27portância da contribuição das pessoas africanas na construção da sociedade brasileira atual e pre-
28sente, visamos a promover o desenvolvimento - com o objetivo de formar cidadãos conscientes, con-
29scia de sua própria cultura e de desenvolver a visão abrangente. Semelhante assim, essa primeira
30mitigação da problemática a contemplar a situação por Brandt.

LUÍZA LEMOS OLIVEIRA BARROS

Nota: **980** C1: 180 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

De acordo com Chimamanda Adichie, em sua obra “Os perigos de uma história única”, é preciso dar voz aos povos subjugados ao longo dos processos históricos, já que a visão dos conquistadores é a que predomina nas narrativas oficiais dos eventos. Na atual conjuntura brasileira, entretanto, nota-se um descompasso em relação às ideias da autora, haja vista a desvalorização da herança africana no país. Nesse sentido, cabe analisar as principais causas dessa problemática: a negligência estatal e a má influência midiática.

Inicialmente, é válido ressaltar o descaso governamental como principal desafio para difundir a cultura afro-brasileira. Acerca disso, o sociólogo Zygmunt Bauman afirma que, uma instituição, ao atuar de forma a ignorar sua função social passa a se configurar uma “Instituição Zumbi”. Sob esse viés, percebe-se que o Estado Brasileiro se conforma de maneira análoga à definição do pensador, uma vez que, apesar de ter instituído o ensino obrigatório da história dos povos africanos na Base Comum Curricular Brasileira, não atua de forma efetiva na concretização desse preceito. Assim, essa inoperância estatal fica evidente com a escassez de recursos destinados à contratação de professores de história qualificados nas escolas públicas, fato que compromete o aprendizado dos alunos sobre a importância da cultura negra para a construção da identidade nacional, por exemplo no cenário artístico, com a incorporação da capoeira. Assim, percebe-se que o investimento do governo em políticas na área da educação é fundamental para reverter o quadro de desconhecimento da história afro-brasileira.

Outrossim, a falta de engajamento da imprensa no que tange à divulgação de elementos de origem africana representa um obstáculo para o reconhecimento deles pelo povo. A esse respeito, segundo Adorno e Hockheimer, a indústria cultural, por meio dos meios de comunicação de massa, molda o pensamento social. À luz dessa perspectiva, infere-se que as mídias brasileiras de grande circulação, como a “Record”, ao darem preferência à veiculação de programações sensacionalistas e de maior audiência, como o “Cidade Alerta”, não exibem suficientemente produções de caráter cultural, que informam a população acerca das apropriações africanas em diversos aspectos do cotidiano brasileiro, por exemplo no âmbito linguístico. Dessa forma, caso houvesse maior visibilidade do assunto, dado pela mídia, discussões coletivas que enaltecessem elementos afro-brasileiros seriam mais frequentes.

Portanto, são necessárias medidas para promover a valorização da herança africana no Brasil. Para tal, cabe ao Ministério da Educação, responsável por garantir um ensino de qualidade para todos os cidadãos, realizar projetos em escolas públicas que estimulem o conhecimento de tradições de origem negra presentes no país, por meio da contratação de professores qualificados, a fim de formar estudantes com diferentes manifestações étnicas nacionais. Ademais, é papel dos veículos midiáticos abordar com mais frequência os legados africanos presentes no Brasil atual, mediante a exibição de reportagens e documentários, a fim de conscientizar a sociedade sobre suas origens.

ESPELHO DA REDAÇÃO

LUÍZA LEMOS OLIVEIRA BARROS

Nota: **980** C1: 180 C2: 200 C3: 200 C4: 200 C5: 200

De acordo com Chinamanda Adichie, em sua obra "Os perigos de uma história única", é preciso dar voz aos povos subjugados ao longo dos processos históricos já que a visão dos conquistadores é a que predomina nas narrativas oficiais dos eventos. Na atual conjuntura brasileira, entretanto, nota-se um descompasso em relação às ideias da autora, haja vista a desvalorização da herança africana no país. Nesse sentido, cabe analisar as principais causas dessa problemática: a negligência estatal e a má influência midiática.

Inicialmente, é válido ressaltar o descaso governamental como principal desafio para difundir a cultura afro-brasileira. Acerca disso, o sociólogo Zygmunt Bauman afirma que, uma instituição, ao agir de forma a ignorar sua função social, passa a se configurar uma "Instituição Zumbi". Sob esse viés, percebe-se que o Estado Brasileiro se conforma, de maneira análoga à definição do pensador, uma vez que, apesar de ter instituído o ensino obrigatório da história dos povos africanos na Base Comum Curricular Brasileira, não atua de forma efetiva na concretização desse preceito. Assim, essa a inoperância estatal fica evidente com a escassez de recursos destinados à contratação de professores de história qualificados nas escolas públicas, fato que compromete o aprendizado dos alunos sobre a importância da cultura negra para a construção da identidade nacional, por exemplo no cenário artístico, com a incorporação da capoeira. Assim, percebe-se que o investimento do governo em políticas na área da educação é fundamental para reverter o quadro de desconhecimento da história afro-brasileira.

Outrossim, a falta de engajamento da imprensa no que tange à divulgação de elementos de origem africana representa um obstáculo para o reconhecimento deles pelo povo. A esse respeito, segundo Adorno e Horkheimer, a indústria cultural, por meio dos meios de comunicação de massa, molda o pensamento social. À luz dessa perspectiva, refere-se que os meios brasileiros de grande circulação, como a Rede Globo, ao darem preferência à veiculação de programações sensacionalistas e de maior audiência, como o "Tudo de Ateia", não exibem suficientemente produções de caráter cultural, que informem a população acerca das apropriações africanas em diversos aspectos do cotidiano brasileiro, por exemplo no âmbito linguístico. Dessa forma, caso houvesse uma maior visibilidade do assunto, dado pela mídia, por meio de discussões coletivas que nascessem elementos afro-brasileiros seriam mais frequentes.

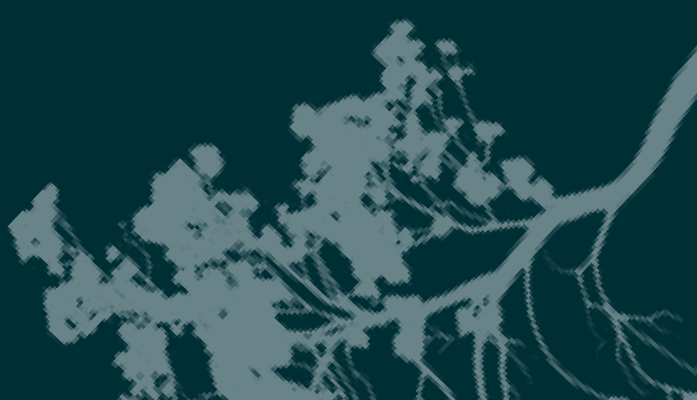
Portanto, são necessários medidas para promover a valorização da herança africana no Brasil. Para tal, cabe ao Ministério da Educação, responsável por garantir um ensino de qualidade para todos os cidadãos, realizar projetos em escolas públicas que estimulem o conhecimento de tradições de origem negra presentes no país, por meio da contratação de professores qualificados, a fim de formar estudantes engajados com as diferentes manifestações étnicas nacionais. Ademais, fere o papel dos veículos midiáticos abordar com mais frequência os legados africanos presentes no Brasil atual, mediante a exibição de reportagens e documentários, a fim de conscientizar a sociedade sobre suas origens.



| DEPOIMENTOS GERAIS

"A ação e a palavra criam um espaço onde os homens aparecem uns para os outros."

Hannah Arendt



Depoimentos

Flávia Oliveira

@flaviaaal

Ei, pessoal! Tudo bem? Eu me chamo Flávia, tenho 20 anos e, assim como vocês, já estive lendo a cartilha para me direcionar e dar esperança no processo para alcançar o sonho da medicina. Minha história com a medicina começou desde muito cedo, mas eu só tive certeza de que queria mesmo com 11 anos de idade e, desde então, foi sempre isso. Quando eu cheguei no ensino médio, minha ficha de que eu teria que começar a correr atrás e estudar muito começou a cair: adolescente, pobre e estudante de escola pública - medicina particular não era uma opção e quando eu externalizava meu sonho sempre vinha aquela típica frase "é, você vai ter que estudar muito porque medicina não é fácil". Infelizmente, veio a pandemia e eu não estudei durante os dois primeiros anos de ensino médio, e se você, assim como eu foi aluno de escola pública durante a pandemia deve saber que as aulas não foram por "Teams" ou "Meet", era um "PET" por bimestre com várias atividades e você que procurasse estudar e responder sozinho tudo que era pedido (não é o melhor método de ensino, né?). Minhas aulas presenciais voltaram durante o terceiro ano do ensino médio e eu tive que correr atrás do prejuízo. Peguei cronograma de estudo na internet e comecei por conta própria estudar pelo Youtube com o que eu tinha. Por fim, não consegui manter a cobrança da escola com os estudos, já que minha base estava atrasada e eu tive que reconstruir. Foi fazer meu primeiro Enem morrendo de medo, com um modelo de redação que decori um dia antes e muita fé. Meus resultados não foram suficientes, mas eu havia ficado feliz com minha redação e estava confiante para começar os estudos do próximo ano. Em 2023, com o ensino médio concluído, eu comecei novamente, peguei outro cronograma gratuito na internet e fui estudando pelo Youtube, agora com uma rotina totalmente voltada para os estudos e as tarefas de casa que eram da minha responsabilidade (sei que algumas pessoas podem se identificar com essa segunda parte). Esse ano me aprofundi em dúvidas sobre a minha capacidade a cada dificuldade, a cada simulado sem resultado proveitoso dentro da minha autocobrança e a cada pressão externa que vinha por trás de perguntas como "Esse ano você acha que dá?", "Você pode tentar outro curso" e a autopercepção de sentir que todos avançavam e eu ficava para trás. Extremamente ansiosa (ao ponto de passar mal em um dos dias de Enem) me fui fazer a prova e, novamente, minha nota não havia sido suficiente. Porém, mais uma vez, meu resultado na redação me deu motivação para continuar (consegui fazer 980 nesse ano, mas não foi tão bem nas outras áreas). Em 2024, eu decidi que focaria em tudo, não largaria mão de nenhuma área de conhecimento, e assim eu fiz. Esse ano meu pai teve condições de pagar o cursinho do Ferretto para mim e foi o que eu usei, com ajuda das correções de redação gratuitas do programa "Salvaguarda". Me esforcei muito durante o ano, fiz rotinas de estudo que hoje eu percebo que foram combustíveis para que eu ficasse mal psicologicamente, já que eu só estudava, não saía, não fazia exercício físico e, até então, não fazia acompanhamento psicológico. Meus pais, ao verem o quão mal eu estava, resolveram pagar terapia para mim, o que me ajudou muito a me libertar de cobranças que não faziam sentido, mas eu me impunha. Continuei meus estudos, abandonando hábitos que me deixavam ansiosa, me desprendi de rotinas que eram padronizadas para outras pessoas e comecei a fazer aquilo que tinha sentido para mim dentro da minha rotina e o que me deixava confiante - a exemplo disso, quando perto da prova, eu abri mão do cronograma para estudar coisas que eu sabia que calavam, mas não daria tempo de estudar caso eu continuasse a segui-lo. No dia da prova, eu me esforcei ao máximo para não ficar ansiosa (o que deu certo somente no primeiro dia), saí da prova super bem, mas com o passar dos dias a ansiedade foi me consumindo ao pensar que não passaria. Quando o resultado saiu eu fiquei feliz com meu avanço e em saber que minha nota dava para algumas universidades, mas eu não poderia ir, infelizmente. Como minha nota não dava para a UFMG (ainda), eu a deixei na lista de espera e resolvi fazer algo que eu nunca tinha nem cogitado antes: tentar Prouni. Com apoio da minha mãe eu coloquei minha nota no Prouni e, conforme as parciais saíam, eu vi que minha nota daria para ambas as faculdades que eu havia selecionado. Escolhi a mais próxima da minha casa e deixei minha nota lá até que saísse o resultado. Foi assim que aconteceu a minha primeira aprovação, em um dia eu estava apreensiva, no outro meus documentos foram aceitos e eu comecei a faculdade. Mesmo lá, eu ainda sentia no meu coração a esperança de estar na UFMG, ainda que eu estivesse feliz, afinal, eu seria médica de qualquer maneira. Uma semana antes do carnaval, eu decidi dar uma olhada nas chamadas da UFMG e para a minha surpresa, só tinham 4 pessoas na minha frente. Eu lembro que foi um dos momentos mais emocionantes para mim porque eu nunca havia ficado tão perto assim, decidi guardar isso em segredo, mas já estava quase explodindo em um mix de emoção e ansiedade. Na mesma semana aconteceu a segunda chamada excedente e, comotamente, foram chamadas 4 pessoas, ou seja, eu fiquei como sendo a próxima a ser chamada. Me lembro do momento em que eu vi a lista até hoje: eu tinha pegado o ônibus errado na volta da faculdade e estava quase chegando na minha cidade depois de quase 3 horas dentro do ônibus, abri o site da UFMG e vi a lista, na mesma hora eu fiquei para minha mãe e contei para ela e para a minha melhor amiga. A outra semana era carnaval, então fiquei em casa somente esperando a minha resposta. Olhava o site religiosamente todos os dias diversas vezes e nada, aceitei que só sairia na sexta-feira ou, com muita sorte, na quinta-feira. Passou-se a quinta e metade da sexta, quando decidi contar para o meu pai que talvez eu conseguisse passar ("talvez" porque, naquele momento, a ansiedade já tinha me convencido de que eu ia ficar para trás de novo). Então, na noite daquela sexta-feira eu vi o que foi um dos melhores momentos da minha vida: a lista estava no site. Tremendo muito eu fui até onde meu nome deveria estar, olhei um por um e lá estava, fui aprovada! No momento, me veio uma mistura de sensações e eu chorei muito, minha mãe ficou em choque, meu pai muito feliz e todos nos abraçaram para pular de felicidade, afinal, foi muito difícil, muito sonhado, então, digno de muita comemoração! Com isso, o que eu quero deixar para você é que pode ser difícil e você pode parecer improvável, foi difícil para mim também e eu era improvável. Já escutei muito que eu deveria fazer outro curso, que eu combinava com outra coisa, já pensei que não fosse conseguir e que medicina não era para mim. O imediatismo já me consumiu também, já cheguei a me achar velha com apenas 19 anos, mas eu estou aqui para te dizer que vai dar certo, você não está velho(a), você não precisa e nem deveria se comparar com realidades que não são a sua. Se precisar mudar o percurso, mude, acontecer diferente do que você espera não é sinônimo de fracasso, você se esforçou muito até aqui e merece ser parabenizado(a). Não desiste do seu sonho porque vale a pena, na faculdade você vai ver tanta história linda, vai ter contato com tanta vivência diferente e é nesse momento que você vai olhar para trás e ver que realmente cada um tem sua jornada e é tão bonito ouvir e contar para a sua futura turma.

Clara de Paiva Rocha



Ei pessoal, como vocês estão? Meu nome é Clara, tenho 27 anos e meu papel aqui é acalmar o coraçãozinho de todos vocês absurdamente JOVENS que se sentem “atrasados” ou “desperdiçando tempo” por ainda não terem sido aprovados. Antes de vir pra med eu passei por outra faculdade e também me lembro de me sentir assim no início do curso, tinha uma infinidade de planos pra outra carreira e achava que tinha que correr contra o tempo pra recuperar o período de vestibular. Trabalhei por um bom tempo na área, refiz meus planos 20x, formei e no fim decidi que sequer queria as possibilidades de carreira que o curso me dava – e, spoiler! vi muitos colegas de turma com o mesmíssimo sentimento após formar, muitos também optando por recomeçar do zero. A verdade é que assim que saímos do ensino médio ainda somos MUITO novos e, sendo bem sincera, a expectativa que nós temos de determinado curso é uma realidade completamente diferente de estar lá, estudar as matérias específicas, chegar no campo de trabalho e lidar com a experiência profissional em si. Isso sem contar que, ao longo do tempo, nós também mudamos como pessoas, mudamos nossas opiniões, interesses, sentimentos e, consequentemente, os planos que temos pra nós mesmos também mudam. Tá tudo bem você não “caber” na caixinha que seu “eu” de x anos atrás tanto sonhou e desejou pra você mesmo – e se isso é plenamente compreensível depois de uma graduação inteira, imagine com 20 e poucos anos, praticamente cru de todas as experiências adultas ainda. Tudo isso pra dizer que: não, você não está atrasad! A sua trajetória segue o tempo certo que você precisa e quando você conseguir entrar [ou mesmo se você mudar e remudar de ideia, sei lá], ainda terá tempo mais do que suficiente pra conquistar todas as coisas que você deseja agora, fora todas as coisas que você ainda vai desejar. Dito isso, deixo meu abraço apertado e minha torcida pra que vocês sejam muito bem sucedidos nas provas/processos que fizerem e, claro, escolham a melhor federal desse país, nossa mãe UFMG ❤

Edmar Alvarenga Santos Neto



1 ano atrás, eu perdia madrugada revirando cartilhas da UFMG (minha única opção) nessa mesma época, com medo dos próximos meses. 1 ano depois, sou um dos vários alunos que realizaram o sonho de ingressar na UFMG. Meu maior incentivo é dizer que vale a pena sonhar. É um clichê comum quando digo que não fazia ideia de que a nota seria suficiente e de que eu conseguiria passar. Não corri o ENEM quando o gabarito oficial saiu porque achei que seria a melhor decisão para lidar com a minha ansiedade. Não me arrependo de nada. Além disso, a maior demanda emocional da minha vida surgiu bem na época dos vestibulares, próximo ao ENEM (quem diria que isso aconteceria com um vestibulando, né) e, no final das contas, as coisas se encaminharam mesmo assim. Por último, gostaria de dizer que não tive o mesmo desempenho do dia da prova em nenhum outro simulado. Lembrem-se de que treino é treino e jogo é jogo. A ansiedade, a adrenalina e a vontade...todas elas influenciam pra melhor na hora da prova. Mantenham em mente que cuidar da saúde mental é um dos maiores determinantes quando se trata não só da preparação ao longo do ano mas do próprio desempenho durante a prova. O que me colocou aqui dentro foi a minha rede de apoio, então se apeguem àqueles que torcem por vocês e não se esqueçam de curtirem a vida, porque ela passa! Renúncias fazem parte do processo mas não se torne o seu inimigo. Have fun, futuros calouros!!!

Natanael Gomes de Assis



“Até quando vale persistir por um sonho?”

Essa era a pergunta que sempre ecoava na minha cabeça quando eu saía do segundo dia do ENEM. E olha que foram muitos — sete, para ser mais exato.

Hoje, estando aqui, a cada dia regando esse sonho, eu digo com plena certeza: se mais sete ENEMs fossem necessários, mais sete eu faria.

De forma alguma quero minimizar ou romantizar o processo. Num mundo ideal, o vestibular nem existiria. Então, se me perguntarem: vai ser doloroso? Vai. Vai ser cansativo? Vai. Vai ter dia em que você vai querer jogar tudo pro alto? Vai também. Eu me sinto assim até na faculdade, quem dirá na época do vestibular, rs.

Ainda assim, o sabor de colher essa conquista só quem chega aqui consegue provar.

E para você que, como eu, veio de escola pública e que, assim como eu, foi privado de tantas coisas ao longo da vida: não se prive daquilo que pode ser a sua maior conquista. Afinal, o único sonho que não se realiza é aquele do qual se desiste. Não desista dos seus.

Um beijo, um cheiro e boa sorte,
do futuro veterano de vocês ❤

Taíssa Moraes



Oi, futuro(a) calouro(a)!

Há pouquíssimo tempo eu lia essas cartilhas, e agora nem acredito que estou aqui do outro lado!!! Vou compartilhar um pouco da minha história e do que aprendi ao longo do caminho, mas vocês absorvem aquilo que faz sentido para a realidade de vocês. O medo, a ansiedade, o cansaço e as dúvidas... passei por tudo isso, e eu sei o quanto é difícil. Mas calma: quando a gente planeja o que está ao nosso alcance (na medida do possível), as coisas começam a se ajustar.

Falando um pouco da minha realidade: sempre estudei em boas escolas, o que me deu uma base sólida para passar direto do ensino médio. Ainda assim, infelizmente, o vestibular é extremamente concorrido, e só isso não é suficiente. Algo que me ajudou muito foi criar uma disciplina de estudos já no início do ensino médio, principalmente porque prestei o vestibular seriado da UFJF (PISM).

No 3º ano, aproveitei ao máximo o tempo de teoria na escola, tentando prestar atenção nas aulas sempre que dava, e deixei o tempo em casa principalmente para resolver exercícios, especialmente de matemática, física e química. Para biologia, humanas e linguagens, matérias com as quais eu tinha mais facilidade, focava bastante em fazer provas antigas e simulados, e guiar o estudo da teoria pelos erros.

Redação também foi uma prioridade enorme pra mim. Aproveitei muito a oficina da escola, fazia cerca de duas redações por semana, além da do simulado. Fazer muitas provas antigas e corrigir com atenção fez toda a diferença. Sobre estratégia de prova, o mais importante é testar diferentes ordens ao longo do ano e manter aquela em que você se sente mais confiante. E uma coisa é certa: é impossível prever tudo. No meu caso, fiz o primeiro dia gripadíssima e o segundo passando bem mal.

Além da rotina de estudos, cuidar da saúde física e mental foi essencial. A academia era o momento em que eu conseguia me desligar completamente do vestibular. Outro ponto muito importante pra mim foi a espiritualidade. No meu caso, a fé me ajudou bastante ouvir louvores e ler a Bíblia diariamente me traziam paz e força, e uma música que me acompanhou muito foi "É tudo sobre você", do Morada. Mas cada pessoa encontra apoio de formas diferentes: na família, nos amigos ou em qualquer coisa que faça bem ao coração.

Algo que me motivava muito era ver vídeos de pessoas sendo aprovadas, e quando chegou a minha vez foi um perrengue porque eu não passei na chamada regular, então foram looongos dias até a primeira chamada lista de espera, que foi quando eu passei, e minha família toda fez uma festa kkkkkkk

Pra finalizar, lembra que a vida vai muito além do vestibular, e você não está sozinho(a)! Para de se comparar e foca no seu caminho que daqui a pouquinho você vai ver que vai chegar onde sempre sonhou.

Douglas Samuel



Olá pessoa que ingressará na UFMG, me chamo Douglas e eu gostaria de contar um pouco da minha jornada até ingressar nessa instituição magnífica. Pra ser sincero medicina nunca foi um desejo que eu tive desde de criança, quando eu estava no fundamental matemática era com sobras a minha matéria favorita então eu tinha certeza que iria pra área de exatas fazer alguma engenharia. Porém no ensino médio eu cursei técnico em Análises Clínicas e isso me fez ter um contato com a área da saúde, mas eu ainda gostava muito de matemática então eu cogitava na época fazer economia. Me formei e com a nota que eu tinha tirado no Enem do 3º ano eu conseguia entrar em economia na UFMG só que durante o SISU eu fiquei totalmente indeciso e acabei colocando pra cursar farmácia. Passei e fiquei incríveis 2 semanas no curso, eu amava as matérias do ciclo básico relacionadas a biologia, agora as relacionadas a química, eu preferia comer caco de vidro ao invés de estar na sala de aula. Então acabei pedindo desligamento do curso e decidindo tomar um tempo para decidir o que fazer. Então comecei a trabalhar num hospital devido ao curso técnico e na época começou a pandemia do COVID 19, naquele momento eu fiquei pensando se eu queria mesmo fazer faculdade, cursar algum curso na área da saúde e fiquei quase 3 anos nessa indecisão, até que uma vez minha melhor amiga me disse porque eu não tentava medicina, eu fiquei bastante inseguro porque acreditava que eu não tinha capacidade para tentar porque eu não era muito inteligente já estava um tempo fora do ensino médio e sem estudar nada, mas por muita insistência dela eu decidi tentar. Foram 2 anos de cursinho conciliando com o trabalho e acabou dando certo, o que eu achei inacreditável. Mas o que eu quero dizer com meu relato é que muitas vezes pensamos que não temos capacidade porque nunca nos destacamos no conhecimento ou já tiramos uma nota ruim em alguma edição do Enem. Mas eu gostaria de dizer se tem algo que a vida me ensinou é que cada um tem sua jornada e por vezes ela é um pouco tortuosa, você passa por outros cursos, outras áreas, desiste, recomeça, pensa se aquilo é para você mesmo, mas mesmo assim o segredo é continuar tentando, nunca se está velho demais para correr atrás de um sonho por isso acredito que é importante não desistir, hoje quando vou para a faculdade, assisto as aulas converso com as pessoas da minha turma eu sinto que valeu cada segundo de esforço que fiz até passar, como se toda aquela visão nebulosa que é o processo de vestibular desaparecesse e eu fosse capaz de finalmente ver a linda vista que existe no final. É isso, espero que esse relato tenha te animado e ficarei muito feliz de te ver na UFMG.

Pabblo Ryan



Olá querido futuro calouro que está lendo esse relato, assim como você, li inúmeros relatos de outros aprovados enquanto me preparava para o vestibular e se tenho uma certeza, é que nos acasos que a vida pode nos oferecer, nem tudo vamos aceitar de primeira, mas, sendo clichê, sempre há algo de bom que nos aguarda no fim de processos. O acaso da vida foi muito literal para mim, sai do interior do Maranhão, de uma cidade bem pequena, sem nunca ter explorado os limites desse mundo, para uma das maiores capitais do Brasil e uma das melhores universidades do país. Até chegar aqui fiz dois anos de cursinho, no meu primeiro ano fiz tudo aquilo que achava que seria “estudo”: estudava horas e mais horas exaustivamente, não tinha tempo de lazer, não me dava dia de descanso, não cuidava da minha saúde mental, muito menos física, acreditava que estudar se resumia a ver as aulas, fazer resumos e resolver exercícios, num ciclo incansável de falhas e, com tantos erros, fica difícil capotar novamente, no meu segundo ano de cursinho consertei tudo aquilo que havia feito de errado no ano anterior, consegui um trabalho meio período, o que ajudou a me socializar mais, cuidei da minha saúde física e mental e, contraditoriamente, estudava muito menos do que achava que seria necessário para ser aprovado, mas a soma de tantos fatores benéficos não poderia dar outro resultado, mesmo sendo o ano que menos estudei, foi o ano que me levou até a aprovação. Por esses e outros motivos prego que o estudo não deve ser algo doentio que consome a sua mente e destrói o seu corpo todos os dias até você estar exaurido para nem sequer conseguir se concentrar durante uma prova de 5 horas. E mesmo depois de tudo isso posso dizer que enfrentaria mais tantos outros anos para estar aqui novamente, a sensação de sair da sua cidade natal para uma cidade completamente desconhecida, com pessoas desconhecidas e sentimentos (por enquanto) desconhecidos faz você criar uma percepção de mundo completamente diferente de tudo o que você já viveu, seriam tantos momentos inesquecíveis que puder viver no primeiro período e tantas pessoas incríveis que iria me limitar de conhecer caso tivesse deixado que o medo que me fazia travar diante de tantos desconhecidos me consumir. Se a vida vem depois do medo, a felicidade vem depois da angústia. Estar na UFMG também significa carregar tantos outros antes de mim nessa conquista, foram muitas as pessoas que tiveram que quebrar ciclos de violência social para que eu pudesse estar aqui, escrevendo esse simples texto, sou feliz por ter tantas pessoas boas ao meu redor. Por fim, se posso passar uma mensagem, é que também há beleza naquilo que não enxergamos e, principalmente, também há delicadeza em tudo aquilo que parece grande demais e parece nos deixar pequenos, também podemos ser pequenos aventureiros, há muitas coisas boas para serem vividas por aí, nunca deixe que o medo impeça você de viver qualquer uma delas.

Maria Antônia Pontes Brandão



Olá pessoal, esse depoimento é principalmente direcionado a você, que é graduado, trabalha e, por algum motivo, sente vontade de cursar medicina. Eu não nasci com esse sonho. Sempre me interessei por biologia e saúde, mas não fui a criança que cresceu dizendo que queria ser doutora. Eu sou uma pessoa de múltiplos interesses que optou por outro caminho quando saiu do colégio; cursei administração. Fui feliz, me graduei e entrei no mercado de trabalho. Porém, essa curiosidade incessante e a vontade antiga falaram mais alto; eu questioneei as bases que já tinha construído até então e decidi me dedicar aos estudos para o ENEM. Eu sei que não é fácil recomençar, dói e traz muitos questionamentos internos. Muitas vezes, não encontramos suporte nas pessoas mais próximas, mas sempre tem alguém do nosso lado e me apoiar em quem me deu motivação e confiou em mim foi muito importante. Eu trabalhava 8h por dia, não fazia cursinho de alto padrão. Me baseei nos meus pontos fortes e estudei com foco na instituição dos meus sonhos, a UFMG, que parecia um sonho distante para mim, já que estava longe das salas de aula há algum tempo. O foco na resolução de questões, matérias que mais são historicamente cobradas, e o estudo da lista de espera me ajudaram muito, já que quando temos pouco tempo precisamos ser estratégicos na preparação. Hoje sou parte da 170, estou feliz, fiz amizades e consigo acompanhar os conteúdos da faculdade. A medicina UFMG é diversa em cores, idades e histórias e, com certeza, tem um lugar para você! Acredite no seu potencial e no seu sonho, seja ele recente ou antigo!

Matheus Arcolin



Vou começar do final, levei 11 anos pra chegar na UFMG em medicina, me chamo Matheus Arcolin, a instituição é fantástica e a assistência estudantil, por meio da FUMP, é incrível. Recebo auxílio financeiro, não pago alimentação do Restaurante Universitário e moro na Moradia da UFMG. Então, se você é vulnerável, fica em paz que você tem muita ajuda, principalmente se for de fora do estado ou muito pobre, pode demorar no começo, o meu demorou quase 4 meses, mas depois melhora, então se planeja financeiramente, porque tem as matérias da faculdade também e é importante ter tempo pra estudar. Vou resumir minha história, nunca pude estudar adequadamente e sempre trabalhei, fui começar estudar bem depois do ensino médio, fiz biologia na UFMG, depois fiz dois semestres de medicina na UFOP até chegar aqui, deu 11 anos esse sonho. Eu não romantizo isso, acho injusto e ilógico, mas assim é a vida. Mas eu escolhi isso e não tinha outro caminho. Nesse meio termo eu continuei trabalhando, hoje ainda eu trabalho, vendendo doces, café, freelancer, aplicando provas, etc. É só eu e minha mãe e eu ajudo ela, então preciso de grana sempre. Escrevo isso, porém provavelmente vão ser poucos ou nenhum que rompeu a estatística e está aqui sob variáveis tão vulneráveis, como uma forma de acolher e dar tranquilidade até tudo estabilizar escrevo esse texto. Procure pessoas com realidades parecidas e entenda que nem tudo está no nosso controle, cuide do seu sono, faça atividades físicas diárias, se alimente bem e saudável, faça terapia se possível, construa sua rede de apoio de qualidade, além da família, eu não tive uma, então isso eu foco todo dia. Se rodeie de pessoas que são boas e humanas, as pessoas na faculdade focam muito em nota e se destacar, tenta só passar e dar o seu melhor, nada vale sua saúde mental. Tenta definir os motivos que você faz o que você faz, o que é importante, como você quer estar daqui 5, 10, 15 anos e entenda quais comportamentos podem te levar lá, mas sem uma expectativa sufocante, pense no longo prazo, tenha hobbies, leia livros e construa ferramentas de regulação emocional. Deixe um ambiente que facilita seus hábitos, então se for estudar, vai na biblioteca, sem celular, com algo programado e se recompense no final. É isso, poderia falar muito aqui, já falei, mas agora penso que isso que escrevi é o que mais pode ajudar por agora. Boa sorte!

Hubert Kaab Souza



Olá, futuros lavourinhos! Sou o Hubert Kaab, da famigerada 170. Fico muito feliz em falar com vocês por aqui, pois esta cartilha foi um lugar que ajudou a me sentir mais seguro e confiante. Sei que o vestibular traz muitas dúvidas e reflexões, e ter noção do perfil dos aprovados acalma a gente, até porque cada trajetória é única. Estou aqui para dizer que é normal repensar o caminho ao longo do ensino médio. Eu mesmo faço ENEM desde o 9º ano e, mesmo querendo Medicina, escolhi entrar em Ciências Sociais na Unicamp em 2023, logo do terceiro. Para mim, foi uma grande mudança de vida, já que nasci e cresci em Boa Vista (RR). Passei cerca de um ano e meio conciliando faculdade e vestibular. Não foi o caminho mais tranquilo, mas era o que funcionava para mim naquele momento. Aliás, esse tempo na Unicamp não foi perdido, pelo contrário, me deu uma bagagem humana que tenho certeza de que me fará um médico mais empático e atento à realidade dos meus futuros pacientes. Estudei somente online por anos e minha média nunca era suficiente e oscilava pouco. Quando comecei a estudar mais seriamente, a partir da metade de 2023, por ironia minha média foi menor do que a passada, a que usei pra entrar em sociais. As coisas mudaram em 2024, quando adotei uma estratégia melhor: foquei em questões, flashcards, muitos simulados e correções, deixando as aulas apenas para dúvidas pontuais. Dessa vez deu certo, o dia da prova pode surpreender e muito, é ali que damos o nosso melhor. Mas o grande diferencial foi tentar equilibrar mais a rotina. Mantive a academia, comecei a terapia e tentei estar mais presente nas minhas relações. E isso não é apenas conciliável, creio que é fundamental pra não ficar tão bitolado e sobrecarregado com tanto estudo. Aproveite os pequenos momentos: amava escutar meu MPB, ver meus filminhos no fim de semana e conversar com os meus amigos ou com quem tava no mesmo processo. Por isso não esqueça quem você é além do vestibular, se for pra abrir mão de alguns prazeres ou momentos, que seja de forma consciente, sabendo que isso não é para sempre e que você não precisa perder sua essência. Agora um momento inesquecível é quando você olha a aprovação, algo que a gente almejou tanto e se esforçou mais que o próprio limite, então só se permita sentir, se orgulhe, chore, grite e abrace todos ao seu redor. E para quem é de longe, a saudade bate, mas a gente se acostuma, se abre e descobre que a vida aqui na UFMG vale cada esforço, BH tem um jeitinho de nos acolher que faz a gente se sentir em casa rapidinho. Dito isso, VEMMM PRA UFMG!!!!

Maria Cecília Heringer



Oi, futuro calouro da UFMG!

Me formei no ensino médio no final de 2020 e só passei em medicina na UFMG em 2025, então, se você se sente “atrasado”, talvez a minha história sirva para te convencer a não desistir. Fiz cursinho por 4 anos. Em 2021, na pandemia, em casa. Em 2022, em um cursinho presencial em Belo Horizonte. Nesse ano, minha nota geral diminuiu em 3 pontos em relação ao ano anterior. Decidi voltar para o cursinho online e, em 2023 e 2024, estudei assim. Em 2023, fiz psicologia na UFMG por uns 2 meses enquanto estudava para o ENEM, mas, quando peguei em um coração na aula de anatomia, percebi que não deveria estar ali e decidi largar o curso e focar somente no ENEM. Em todos esses anos, quando olhava a minha nota no site do INEP, sentia um vazio instantâneo sabendo que estava mais um ano longe do meu sonho. Sempre tive mais dificuldade com o segundo dia de provas – matemática e naturezas eram meus menores números de acertos. Um dos motivos era o tempo de prova, pois eu demorava muito para resolver as questões, por mais que soubesse o conteúdo. Então, em 2024, decidi fazer muitos simulados e treinar para outras provas além do ENEM, como a da UFU, a da UERJ e a Fuvest. Resolvia muitas questões, corrigia e voltava nelas depois. Ao longo do ano acho que fiz umas duas redações, pois sempre tirava uma nota muito boa, então apenas revisava a teoria e lia redações antigas, e, com isso, tirei 960. Também não dei muito foco para linguagens e para humanas, mas não deixei de lado completamente. Dei prioridade ao estudo da teoria de matemática e de naturezas e à correção de questões que eu errava. Não tinha uma quantidade de horas de estudo constante – às vezes estudava 2 horas num dia e 7 horas no outro. Fiz academia constantemente durante 2024, o que me ajudava muito a espalhecer.

No primeiro dia do ENEM, saí da prova achando que teria um bom desempenho, mas depois percebi que havia passado uma questão errada para o gabarito, e era justamente uma questão que eu tinha certeza da resposta. Tentei deixar isso pra lá e foquei no segundo dia. Depois da segunda prova, corrigindo as questões, percebi que tinha passado três questões de matemática erradas para o gabarito, e uma delas era a questão mais fácil da prova, uma que era só dividir um valor por 100 para achar a porcentagem. Além disso, tinha gastado muito tempo na prova de naturezas e tinha tido menos tempo para resolver a prova de matemática. Saí da prova já sabendo que tinha ido muito mal em matemática, fiquei muito triste e chorei. Então decidi focar muito nas provas que viriam depois do ENEM. Não passei em nenhuma outra prova, mas, quando saiu a nota do ENEM em janeiro, eu fiquei mais tranquila. Sou da ampla concorrência e tirei 800,32. Eu sabia que conseguiria passar em outras universidades, mas queria muito a UFMG. Conversei com uma amiga do cursinho, que já estava fazendo med na UFMG, e ela e os amigos dela me disseram para jogar a nota pra cá. Analisei muito todos os dados que achei dos anos anteriores em perfis do Instagram e planilhas sobre as listas de chamadas, as notas de corte, etc. Quando o sisu chegou, usei um site para comparar a minha nota com a nota de corte de cada universidade e entrei em grupos do WhatsApp e do Telegram das universidades para conversar com pessoas que já estavam cursando e com pessoas que queriam ingressar. Isso fez MUITA diferença. Por fim, decidi jogar para a UFMG com plena consciência de que era um grande risco e de que podia não dar certo. Na última parcial do sisu, eu estava na posição 311 de 160 vagas... A lista teria que rodar muito para chegar em mim, mas, de acordo com os dados, não era impossível. Eu ficava muito ansiosa toda vez que ia sair uma lista de chamada nova e, principalmente, quando eles pararam com as listas e só voltaram alguns meses depois... Então finalmente me chamaram no dia 12 de junho.

Se eu pudesse deixar uma única mensagem para você que está tentando e não sabe muito o que fazer, eu diria para não se desesperar e não desistir mesmo que você tenha ido mal em alguma área no ENEM ou mesmo que tenha passado algumas questões erradas no gabarito, e para procurar perfis no Instagram e grupos com pessoas que já estão cursando medicina nas universidades do seu interesse. Aprenda o máximo que puder sobre o SisU e analise informações dos anos anteriores. Espero que dê tudo certo na sua jornada e que você realize seus sonhos!

Heloise Ferreira



Escolhi a medicina com 14 anos, bem no contexto da pandemia, então passei todo o meu Ensino Médio de maneira obstinada, quase que ficando maluca. Muito por isso ter feito terapia durante esse período de preparação pra universidade foi essencial, assim como contar com pessoas que genuinamente me encorajavam mas também estavam abertas a ouvir minhas reclamações.

Quando prestei o Enem no terceiro ano do Ensino Médio, tive uma nota de redação menor do que previa, apesar de boa (tirei 900). Sabia que tinha feito meu melhor nas outras provas mas essa me baqueou completamente, e logo depois da prova sabia que isso derrubaria minha nota. Acabou que não consegui média final para nenhuma universidade federal pelo SisU, nem nas listas de espera eu teria passado, e eu fiquei arrasada. Mas rapidamente tive que me recuperar pra me preparar pro ano de cursinho.

Percebi que a autonomia de estudo, organização própria de realizar provas antigas e simulados, dar atenção às minhas dificuldades e até matérias que eu gostava menos fez toda diferença. Gosto de falar que o que eu creio que mais fez a diferença do fim do Ensino Médio pra aprovação com um ano de cursinho não teve a ver com meus estudos de forma direta. Quando terminei a escola, apesar de saber qão difícil era passar em Medicina em uma universidade pública (que seria a única opção viável pra minha realidade), era emocionalmente catastrófico considerar que eu poderia fracassar e não conseguir entrar de primeira. Meu propósito não era mais me tornar uma médica com tempo e paciência, era começar logo a qualquer custo. Quando meu plano foi frustrado, fiquei sem chão.

Durante meu ano de cursinho, optei por ressignificar a ida à faculdade, o início de um curto de graduação e um novo momento de aprendizagem. A angústia de estudar sem saber se teria frutos era aquilo que eu reconhecia como mais frustrante agora do que não cursar Medicina. Me sentia enxugando gelo. E assim eu pude priorizar meu bem-estar completo e tomar uma decisão sobre como ia conduzir meus planos que eu nunca tinha cogitado: eu pensei em segundas opções. A título de curiosidade, tinha me organizado para, caso não fosse aprovada em Medicina ao fim do ano de cursinho, tinha decidido que cursaria Enfermagem na UFMG. Se depois eu iria tentar transferência de curso, terminaria a graduação para tentar Medicina de novo ou exerceria a profissão, eu não sabia, mas a paz de saber que eu tinha encontrado um caminho alternativo que priorizava minha realização e satisfação pessoal de forma mais ampla foi o que fez toda a diferença na minha mentalidade.

No início de 2025 foi quando optei por corrigir minhas provas e calcular meus acertos-antes do SisU para ter uma noção para me preparar, mas bem depois das provas para que eu pudesse aproveitar o período de recesso bem (vale ressaltar que eu prestei diversas outras provas em busca da aprovação: USP, UNESP, UNICAMP, FAMEMA, FAMERP, UNIFESP...). Acabou que, quando saíram as notas do Enem, vi entraria com folga nas minhas opções de universidade pelo SisU, o que me surpreendeu. Melhorei na redação e isso me trouxe um alívio enorme, mas teve um outro ponto ainda mais importante na minha preparação pros dias de guerra do SisU. A prova que mais contribuiu com a minha nota 800+ foi Humanas, e minha menor nota (proporcionalmente dizendo) foi justamente em Natureza. Irônico pra quem queria cursar Medicina, eu sei. Isso foi importante pra que eu visse que, dentre as universidades que eu considerava, minha média simples era mais valorizada do que a média ponderada, que costuma dar peso em Natureza e Redação. A princípio tinha ficado dividida entre a UFSCAR e a UFMG, porque sou do interior de São Paulo e, apesar de não ter problema nenhum com a ideia de morar distante da minha família e amigos, a opção de não ir pra tão longe ainda me encantava. A diferença é que a minha nota estava uns 2 pontos acima da nota de corte anterior na UFMG, e uns 4 pontos abaixo do corte anterior da UFSCAR, justamente por causa da diferença de cálculo de médias.

Utilizei o site MeuSisU pra me preparar e estar bem orientada durante os dias de SisU, e avaliei diversos cenários e previsões porque soube que essa seria a melhor estratégia pra lidar com a minha ansiedade. Uma verdadeira tortura lidar com o site do SisU e a espera das classificações, mas tudo vai se encaixando. Fiquei dentro das vagas da chamada regular da UFMG em todas as parciais, e esse foi o último sinal que eu precisava para definir que era lá, ou melhor, aqui, que eu queria me tornar médica.

Não tem nada como a euforia da aprovação, mas até lá o processo machuca e exige grande capacidade de reconstrução de si e de seus projetos. Entenda o que é melhor pro seu perfil de estudo, pra sua noção de jornada e de crescimento pessoal, pro seu estilo de planejamento, e busque ampliar suas noções de como você cuida do seu bem-estar mental, espiritual, emocional e relacional. E quando der certo, você vai ver que foi protagonista do seu caminho e da plenitude do seu sonho se tornar realidade.

Ansiosa demais pra conhecer todos os próximos calouros da maior federal que a gente tem, me coloco a disposição pro que eu puder ajudar na adaptação e organização de vocês!!

Marcos Aguiar

Há momentos que dividem a vida em 'antes' e 'depois'. Para mim, um deles foi abrir a página do Sisu e ver meu nome na lista de aprovados em Medicina na UFMG. A sensação foi de uma alegria imensa, alívio e um frio na barriga ao pensar: 'Agora vai começar a realização do maior sonho da minha vida'.

Tive o privilégio de ter um objetivo claro desde cedo: cuidar das pessoas de alguma forma. Logo no início do meu ensino médio, decidi que faria isso por intermédio da medicina e, por conta disso, o fim do meu período escolar foi mais do que uma fase escolar; foi uma preparação intensiva. Cada aula, cada conteúdo, eu tentava enxergar não apenas como matéria para a prova, mas como um degrau necessário.

Confesso que o último ano foi o mais difícil com relação à minha preparação, já que estava no terceiro ano escolar e tinha que conciliar toda a atmosfera de estar terminando um ciclo da minha vida com o foco no meu objetivo de vida até então. Enquanto me despidia da rotina escolar, dos amigos de longa data e dos professores que me apoiaram, eu também mergulhava em simulados, redações e revisões. De certa forma, houve um equilíbrio entre estes dois mundos, dado que passei, mas certamente, no âmbito acadêmico, foi, de longe, o período mais difícil da minha vida. É inegável que a rede particular de ensino, tendo em vista os moldes da educação brasileira atual, me deu uma ótima base, mas uma imensa parte do meu caminho foi trilhado em horas de estudo autodirigido, persistência e, acima de tudo, disciplina, já que, como eu estava no colégio, grande parte dos sonhos dos outros não era parecido com o meu e, por isso, tive que me virar com o que tinha.

Nos últimos meses, logo após o meio do ano, já me encontrava tendo revisado todas as matérias previstas no conteúdo programático exposto pelo Enem e, chegava a hora em que nada mais valeria a pena senão a realização de exercícios. Foi aí que comecei a fazer um simulado por dia, incluindo os de redes de cursinhos voltados para a prova e edições anteriores do próprio Enem. E foi assim até o dia da prova. Em relação aos dias de prova, foi muito tranquilo, dado que tinha colocado na minha mente que tinha feito tudo o que podia para alcançar o meu objetivo maior (um dos meus maiores medos nem era não ser aprovado e sim ter o sentimento de arrependimento por não ter estudado o suficiente).

Quando saiu a nota do Enem, a ansiedade foi enorme. Fazer a inscrição no Sisu foi um ato de coragem e esperança, dado que, com as notas de corte que tinham se estabelecido, eu estava passando em quase todas as faculdades no curso de medicina, menos em algumas, e dentre elas estava a UFMG. A espera pela lista de aprovados foi talvez o período mais longo da minha vida. E então, na primeira chamada da lista de espera, veio a confirmação. Lembro de chamar minha família, exatamente no dia 19 de fevereiro, ver os olhos da minha mãe marejados e aquele abraço apertado do meu pai. Era real.

Entrar direto na UFMG após o Ensino Médio é um misto de orgulho e responsabilidade. Sei que o caminho será longo e desafiador. São seis anos de dedicação integral, mas cada um deles me levará mais perto de vestir o jaleco branco com a competência e a humanidade que a profissão exige.

Se posso deixar uma mensagem para quem está trilhando um caminho similar: não subestime o poder de um sonho claro e do trabalho diário. O Marcos do início do ano de 2024 jamais pensaria que seria capaz de passar em uma faculdade como a UFMG e ainda mais em um curso tão concorrido quanto a medicina. Aproveite o ensino médio, absorva o conhecimento, construa sua base. Caso já tenha se formado e esteja entre a rotina de cursinho ou trabalho (ou ambos ao mesmo tempo), de forma alguma desista dos seus sonhos, pois ninguém pode sonhá-los por você. O Enem é uma porta, mas quem constrói a chave é você, com cada escolha de estudo, cada hora de sono perdida, cada dúvida sanada, cada redação revisada.

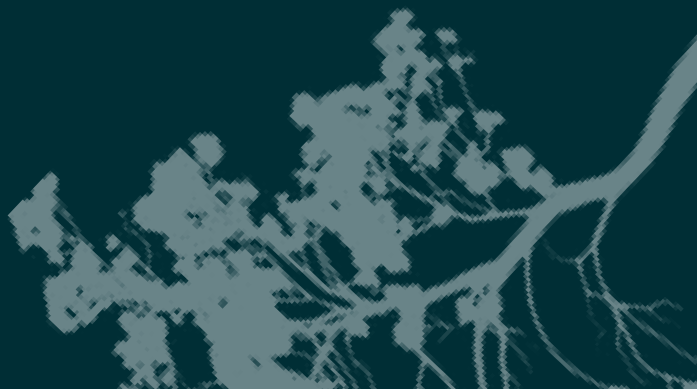
Estou cheio de expectativas e gratidão. Gratidão à minha família, aos meus professores, e a mim mesmo por não ter desistido. A jornada na Medicina na UFMG está apenas começando, e mal posso esperar para ver os próximos capítulos e ver você realizando esse sonho comigo. Até mais!!!



I AGRADECIMENTOS

*"A gratidão talvez seja a forma mais justa
de reconhecer o outro."*

José Saramago



Agradecimentos

REDE DE AJUDA



Francielly Rodrigues

@frankl_

Criação de textos

OBSESSÃO GANHA!!



Caio Vinicius de Souza

@eu.quasecaio

Criação de textos



Lorena Melo

@lorenameloz

Criação de textos

Que privilégio viver tudo isso!



Carlos da Silva

@wiramiri_

Criação de textos
Seleção, revisão e
transcrição de redações

**Te espero aqui na maior
federal do Brasil!**



**Luís Alberto Santos
de Matos**

@luis.albertomatos

Organização da seção de
notas e gráficos de evolução
Métricas das notas



Mariana

@mmariportoc

Criação de textos
Métricas das notas
Organização das
seção de redações



**Gabriela Valente
Tuler**

@tuler.gabi

Criação de textos
Seleção e revisão
de redações



**Maria Antônia
Pontes Brandão**

@mantoniaapb

Criação de textos

Seja corajosa (a)!

Agradecimentos

REDE DE AJUDA



Bruna Whately Mota

@brunawhately_

Organização das
gráficos de
evolução



**Hubert Kaab Souza
da Silva**

@its_hubertkaab

Criação de textos
Coleta de dados
Seleção de depoimentos

*"Ano passado eu morri,
mas esse ano eu não
morro." - Belchior*



Juliana Steele

@jujusteele

Transcrição de
redações



Luisa Drummond

@ludrumm

Demandas pontuais



Douglas Samuel

@douglasamreis

Coleta de dados
Microdados
Organização da
seção de notas

**Todo o esforço
compensa!**



**Glória Maria Flores
Ferreira**

@gloria_maria_ff

Organização da seção
de notas
Métrica das notas



**Pedro Luiz Silva de
Miranda**

Coleta de dados
Microdados

Agradecimentos

COORDENAÇÃO GERAL



Pablo Ryan

Instagram @pabblogger

Aos nossos futuros calouros, essa cartilha foi fruto do trabalho de vários estudantes, pensada e elaborada pela turma 170, cada página, cada detalhe, cada texto e observação foram minuciosamente colocados para tentar contemplar todos os possíveis temas que possam ter feito você ter chegado até aqui. Como todo trabalho coletivo, essa cartilha não nasceu apenas de uma iniciativa minha, por isso, meus agradecimentos mais que especiais: Kalina (nossa mostra no design, a beleza dessa cartilha é graças a você); Pedro (nosso mega dos microtados, a tableta completa de notas se deve a ele); Carlos (nosso curador oficial de redações e responsável por liderar as transcrições); Mariana, Bruna, Douglas, Caio e Hubert (nossa rede de ajuda topa tudo, existe muito de vocês nessa cartilha); Luis (nosso avaliador oficial de listas de espera); Icuma (que conseguiu transformar todo esse trabalho em um projeto de extensão) e todas as outras pessoas que não citei mas que contribuíram de alguma forma para que esse objetivo nascesse, obrigado por terem comprado e construído essa ideia. No mais, ano que vem pode ser você co-liderando a cartilha da sua própria turma, coisas incríveis acontecem para quem decide enfrentar o desconhecido e é muito bom descobrir como a universidade federal de Minas gerais pode ser porta aberta para tantas novas felicidades, permita-se quebrar todos barreiras possíveis e, enquanto isso, te esperamos aqui, na nossa querida FM/UFMG.



Julian Icuma

Instagram @jukaicuma

Aos que estiverem lendo essa cartilha, saiba que ela foi feita com muito carinho por várias pessoas incríveis: Pablo, Kalina, Pedro, Carlos, Mariana, Bruna, Douglas, Caio, Hubert, Luis e tantos outros da nossa querida turma 170 (todos que responderam o forms contribuíram para que essa cartilha fosse feita). A cartilha é um trabalho voluntário e colaborativo, por isso não é perfeita, mas todos deram seu tempo para fazer dela o melhor possível. Espero que esse material feito com tanto carinho possa ser de alguma ajuda, conforto e motivação para que você venha para a maior de Minas: UFMG. Não desista dos seus sonhos e esteja aberto às oportunidades que aparecem no caminho, pois às vezes você acaba conversando com uns veteranos na vinhada e quando você percebe está num projeto de extensão! Por fim, espero encontrar vocês aqui na FM/UFMG em breve.



Kalina Ghiulia

Instagram @kalinaghiulia

Neste momento, exatamente às 5:18h da madrugada finalizo a cartilha, exausta, mas muito feliz de poder fazer parte dessa cartilha tão incrível que, eu espero, ajude muitos calouros, sejam eles 171, 172, 173 e assim por diante. Quero agradecer à toda a equipe que colaborou para que isso tudo fosse possível: ao Pablo e ao Icuma por toda a coragem de assumirem esse projeto e por confiarem em mim para fazer parte dele, agradeço também, mais que tudo, a cada membro da rede de ajuda - o auxílio incansável de vocês fez toda a diferença nesse projeto. Gostaria de deixar também meus mais que sinceros agradecimentos à turma 170: obrigada por cada resposta ao forms, depoimentos e auxílio que prestaram, vocês são incríveis e ser 170 é surreal! Aos meus calourinhos: vai ser uma enorme honra ter vocês conosco nesse ano de 2026, bem-vindos à Maior e à Melhor - UFMG. **Incipit vita nova!!!**